

THATIANY LÍDIA MOURA BOTELHO

**VISÃO SISTÊMICA E PERCEPTIVA DA POBREZA NO
IMAGINÁRIO DO MEDO PÓS-MODERNO REFLEXOS
ESPACIAIS NA CIDADE DO RECIFE**

**DISSERTAÇÃO APRESENTADA À UNIVERSIDADE
FEDERAL DE PERNAMBUCO, AO PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, COMO
REQUISITO OBRIGATÓRIO PARA OBTENÇÃO DE
TÍTULO DE MESTRE EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS**

ORIENTADOR: PROFESSOR ALCINDO JOSÉ DE SÁ

**RECIFE
2010**

Botelho, Thatiany LÍdia Moura

Visão sistêmica e perceptiva da pobreza no imaginário do medo pós-moderno reflexos espaciais na cidade do Recife / Thatiany LÍdia Moura Botelho -- Recife: O Autor, 2010.

171 folhas, il., fig., graf., tabelas, quadros

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Geografia, 2010.

Inclui bibliografia e anexos.

1. Geografia. 2. Espaços urbanos. 3. Pobreza. 4. Medo. 5. Violência. 6. Política pública. I. Título.

**91
910**

**CDU (2.
ed.)
CDD (22. ed.)**

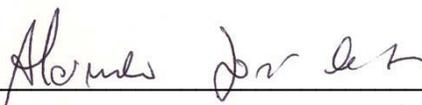
**UFPE
BCFCH2010/134**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PPGeo
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

THATIANY LÍDIA MOURA BOTELHO

VISÃO SISTÊMICA E PERCEPTIVA DA POBREZA NO IMAGINÁRIO DO
MEDO PÓS-MODERNO REFLEXOS ESPACIAIS NA CIDADE DO RECIFE

BANCA EXAMINADORA

ORIENTADOR: 
PROFESSOR Dr. ALCINDO JOSÉ SÁ
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

EXAMINADOR 1: 
PROFESSOR Dr. LUÍS DE LA MORA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO URBANO
COMISSÃO DE DIREITOS HUMANOS DOM HELDER CÂMARA

EXAMINADOR 2: 
PROFESSOR Dr. ANTÔNIO CARLOS DE BARROS CORRÊA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

APROVADA EM 24 DE AGOSTO DE 2010.

Todos os meus esforços dedico
ao amor, que dedicou a vida a mim.
Minha energia é do universo
e todo desencadear dela, é dele.

EPÍGRAFE

Sabe o que eu queria agora, meu bem...?
 Sair chegar lá fora e encontrar alguém
 Que não me dissesse nada
 Não me perguntasse nada também
 Que me oferecesse um colo ou um ombro
 Onde eu desaguasse todo desengano
 Mas a vida anda louca
 As pessoas andam tristes
 Meus amigos são amigos de ninguém.
 Sabe o que eu mais quero agora, meu amor?
 Morar no interior do meu interior
 Pra entender porque se agridem
 Se empurram pro abismo
 Se debatem, se combatem sem saber
 Meu amor...
 Deixa eu chorar até cansar
 Me leve pra qualquer lugar
 Aonde Deus possa me ouvir
 Minha dor...
 Eu não consigo compreender
 Eu quero algo pra beber
 Me deixe aqui pode sair.
 Adeus...

Onde Deus Possa Me Ouvir, Vander Lee

"Metade da população não dorme porque não tem o que comer, a outra metade não dorme com medo dessa que não tem o que comer."

Josué de Castro

AGRADECIMENTOS

Sem sombra de dúvidas ao sistema Natural do Planeta Terra, ao Universo, aos Deuses, que favoreceram toda minha jornada e interligaram todas as pessoas e fatos que puderam contribuir com o produto desse estudo.

Minha percepção de mundo pautada no amor incondicional faz com que não cite nomes, por saber que a ajuda cedida, não pode ser medida e por muitas vezes lembrada com o valor que possa merecer, pois já dizia Shakespeare “o sentimento real não tem medidas”, assim agradeço plenamente a todos, sem destaques e sem exceções.

Algo físico e material que pôde ser crucial para a realização da pesquisa foi o auxílio concedido pela fundação FACEPE – Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco. Assim sendo agradeço às políticas de financiamento a pesquisa, pois assim incentivam o crescimento acadêmico coletivo e individual do pesquisador, um mundo social com educação pode ser um mundo sociável.

Crucial também se fez a Universidade Federal de Pernambuco, em particular o Programa de Pós-graduação em Geografia, pela responsabilidade ética e científica, e acolhimento aos mestrandos e doutorandos.

Então, um enorme OBRIGADA que abarque de forma justa e plena todas as viabilizações deste estudo. Que Assim Seja!

RESUMO

O estudo destina-se a abordar de forma sistêmica e perceptiva a pobreza e suas relações com o imaginário do medo, embasado por uma violência real, inserido em um panorama pós-moderno sócio, político, cultural e econômico; visando mostrar que o imaginário do medo ocasiona reflexos na forma de exclusão e reclusão social e espacial, e que por sua vez, esses são frutos da percepção coletiva embasada por uma cultura pós-moderna. Assim, verificar se o fenômeno da violência na cidade do Recife leva a um imaginário do medo, que ocasiona uma organização espacial transcrita na forma de exclusão e reclusão dos indivíduos na sociedade; através de sensações de insegurança, ocasionando estereótipos espaciais e sociais e conseqüentemente aversões às esferas de baixa renda. Podendo, assim, comprovar a existência de um traçado espacial, que se divide em áreas com ascensão da necessidade de segurança e um crescente imaginário do medo; e em áreas que sofrem um cerco espacial e social por serem colocadas como ameaçadoras por conta dos fatores de pobreza existente. Esse imaginário do medo é embasado por leis de mercado que possibilitam o crescimento econômico de alguns setores de serviços e por conseqüências diretas ou indiretas de políticas públicas de impacto social, assim alimentando a atual individualização e enclausuramento dos seres. Então se busca responder a questão de que esse imaginário do medo, que deturpa a sociedade, é financiado e alimentado por setores privados e públicos econômicos e de comunicação; Sendo esses reflexos enclausuramentos de populações com níveis maiores de renda e exclusões geradas espacialmente e socialmente atingindo populações de baixa renda, na cidade do Recife, associados a uma sensação de ineficiência das políticas de segurança pública; Justifica-se, então, pela necessidade de compreender de forma científica as correlações da violência, do medo, com o arranjo espacial que vem sendo desenvolvido na cidade do Recife, para servir de futuras intervenções através de políticas públicas de impacto social, que possam estruturar ações que integrem as áreas de exclusão e garantam uma segurança aos indivíduos cidadãos, através de intervenções na segurança pública. Para tanto, é imprescindível, análises perceptivas e sistêmicas da atual condição e atuais políticas de impacto social que reflitam nesse fenômeno; visando a percepção coletiva através dos reflexos espaciais de imaginário do medo na cidade do Recife, pela paisagem observada; e a percepção dos motivos quais de se inserir nesses espaços.

Palavras chaves: Geografia. Espaços urbanos. Pobreza. Medo. Violência. Política pública.

ABSTRACT

The study is intended to address in a systemic and perceptual poverty and its relationship with the imaginary of fear, based on an actual violence, inserted into a panorama postmodern social, political, cultural and economic, aiming to show that the imaginary Fear causes reflections in the form of exclusion and social and spatial confinement, which in turn, these are the fruits of collective perception based on a postmodern culture. Thus, there is the phenomenon of violence in the city of Recife, leads to an imaginary fear, which causes a spatial organization in transcribed form of exclusion and incarceration of individuals in society, by the feelings of insecurity, resulting in spatial and social stereotypes and therefore dislikes spheres of low income. Can thus prove the existence of a spatial layout, which is divided into areas with the rise of the need for security and a growing fear imagery, and in areas suffering from a siege by social and spatial are listed as endangered on account of factors existing poverty. This imaginary fear is grounded by the market rules that enable economic growth in some service sectors and by direct and indirect effects of public policies for social impact, thus fueling the current enclosure and individualization of beings. Then he tries to answer the question that this imaginary fear, twists the company, is financed and supplied by private and public economic and communication; Since these reflexes enclosures populations with higher levels of income and exclusions generated spatially and socially reaching low-income populations in the city of Recife, coupled with a feeling of inefficiency of public security policies; is justified, then the need for scientific understanding of the correlates of violence, fear, with the arrangement that has been developed in the city of Recife, to serve as future interventions through public policy impact of social structure that can integrate the actions that the exclusion areas and ensure a safe city breaks to individuals through interventions in public safety. Therefore, it is imperative, perceptual and systemic analysis of the current condition and social impact of current policies that reflect this phenomenon; seeking the collective perception of space through the glare of fear in the imaginary city of Recife, observed by the landscape, and their perception of the motives which to enter these spaces.

Keywords: Geography. Urban spaces. Poverty. Fear. Violence. Public policy

LISTA DE GRÁFICOS

1 - Número de homicídios no Brasil – 1994-2004	45
2 - Óbitos por agressão segundo grupos etários, capitais – 1998.	46
3 - Taxa de homicídios – 1995, comparação internacional 100.000habitantes	48
4 - Distribuição de renda segundo classes de percentual/1998-1999/Brasil	56
5 - comparação da razão entre os 20% mais ricos e os 20% mais pobres em cidades ícones	57
6 - Participação das regiões metropolitanas no total de ricos e pobres/1992-2006/Brasil	57
7 - Redução da população em situação de pobreza/1995-2007/Brasil-nordeste	58
8 - Percepção a cerca da violência na atualidade – 2010	129

LISTA DE TABELAS

1 - Ordem dos estados por taxa de homicídios da população total e jovem do Brasil 1994 – 2004	47
2 - Nível de pobreza por ano	56
3 - Relação das áreas pobres por RPA /recife 2000	74
4 - População residente em favelas	76
5 - População residente em ZEIS	76
6 - Taxa de homicídios (em 100.00) em cima da população total de regiões metropolitanas do Brasil – 1994-2004.	127
7 - Crescimento das taxas de homicídio por área geográfica e período. Brasil, 1997/2007	127

LISTA DE QUADROS

1 - Evolução do Pensamento Científico	23
---------------------------------------	----

LISTA DE ESQUEMAS

1 - Diagrama de Conectividade de Satinover	25
2 - Fluxograma de interligações de variáveis em um sistema de fenômeno social	30
3 - Representação sistêmica da relação sociedade / violência	51
4 -Fluxograma de correlações entre o fenômeno da pobreza e imaginário do Medo pós-moderno	64

LISTA DE FIGURAS

1 – Mapa de índice de desenvolvimento humano municipal/ano de 2000/Brasil	54
2 – Mapa da distribuição de adultos com menos de quatro anos de estudo/2000/Brasil	54
3 – Renda per capita/2000/Brasil	55
4 – Mescla de habitações e organização social	68
5 – Auto-segregação / imagem de reclusão social	68
6 – Mapa de divisão por RPA	71
7 – Mapa de divisão por bairro	72
8 – Ícones de exclusão e reclusão em São Paulo	73
9 – Mapa de localização dos bairros contendo áreas pobres	75
10 – Mapa de densidade de ZEIS em bairros por RPA	77
11 – Mapa de espacialização das áreas pobres por bairros	80
12 – Chamada de notícia	82
13 – A convivência com a violência	82
14 – Estrutura precária em parte da comunidade dos coelhos	83
15 – Contrastes das habitações de e a falta de um ambiente digno de moradia.	84
16– Contrastes das habitações de e a falta de um ambiente digno de moradia.	84
17 – Acesso à comunidade por beco	88
18 – Condições ambientais da área	89
19 – Acesso limitado – lado oeste da área, local aberto pela comunidade para estabelecimento de carros	90
20 – Parte norte da área. acesso pela avenida central - av. Dr. José Rufino	90
21 – Mapa demonstrativo de localização da Rua Dona Ana Aurora	91
22 – Demonstração espacial da Rua Ana Aurora	93
23 – Vista panorâmica da linha férrea na divisão da av. Dr. José Rufino	94
24 – Representação em Casa Forte	96
25 – Área circundada por condomínios	98
26 – Entrada da área	99
27 – Caminho de acesso entre os condomínios – condomínio fechado vila verde	100
28 – Estrutura de segurança no acesso existente entre os condomínios à Ilha da Cobra	101
29 – Moradia de Senhor de 60 anos	102
30 – Residências pós área de prédios defronte a Praça de Casa Forte	103
31 - Residências pós área de prédios defronte a Praça de Casa Forte	103
32 - Residências pós área de prédios defronte a Praça de Casa Forte	104
33 – Condomínio fechado de casas dentro do bairro Poço da Panela	104
34 – Residencial Estrada Real do Poço da Panela – Estruturado com vigilância Eletrônica	105
35 – Rua fechada dentro do bairro do Poço da Panela com segurança privada	106
36 – Instalações do Plaza Shopping	107
37 – Centro comercial moderno – Casa Forte/Parnamirim	108
38 – Conjuntos Habitacionais na Iputinga	109
39 – Conjunto Habitacional Casarão do Cordeiro	109
40 – Situação atual do Conjunto Habitacional na Iputinga	110

41 – Habitacional 3	111
42 – Representação em Boa Viagem	113
43 – Localização do Carrefour	114
44 – Localização do novo acesso, recém criado (2010)	115
45 – Instalações comerciais Complexas	116
46 – Contraste da área com o bairro	117
47 – Cercamento da área e portas fechadas para o lado do Shopping Recife	118
48 – Cercamento da área e portas fechadas para o lado do Shopping Recife	118
49 – Câmera em transporte público – ônibus região metropolitana	124
50 – Câmera em Universidade Pública	124
51 – Publicidade de Segurança Privada	125
52 – Exemplo de verticalização na cidade	123
53 – Exemplo de verticalização na cidade	123
54 – Residência em frente à Praça de Casa Forte	128
55 – Estruturação de novos complexos residenciais	131
56 – Os anseios por espaços saudáveis e seguros – construção do primeiro Resort em Recife	132
57 – imagens de aparatos de segurança em Casa Forte	133
58 – Liberdade por conta dos artigos de segurança	136
59 – Precaução por conta do medo	136
60 – Segurança por conta de aparatos de segurança tradicionais excessivos	137
61 – Segurança por conta de monitoramento por aparatos modernos de segurança	137

LISTA DE SIGLAS

CUFA – Central Única das Favelas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

PCR – Prefeitura da Cidade do Recife

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

RPA – Região Político Administrativa

URB Recife – Empresa de Urbanização do Recife

ZEIS – Zona de Especiais de Interesse Social

SUMÁRIO

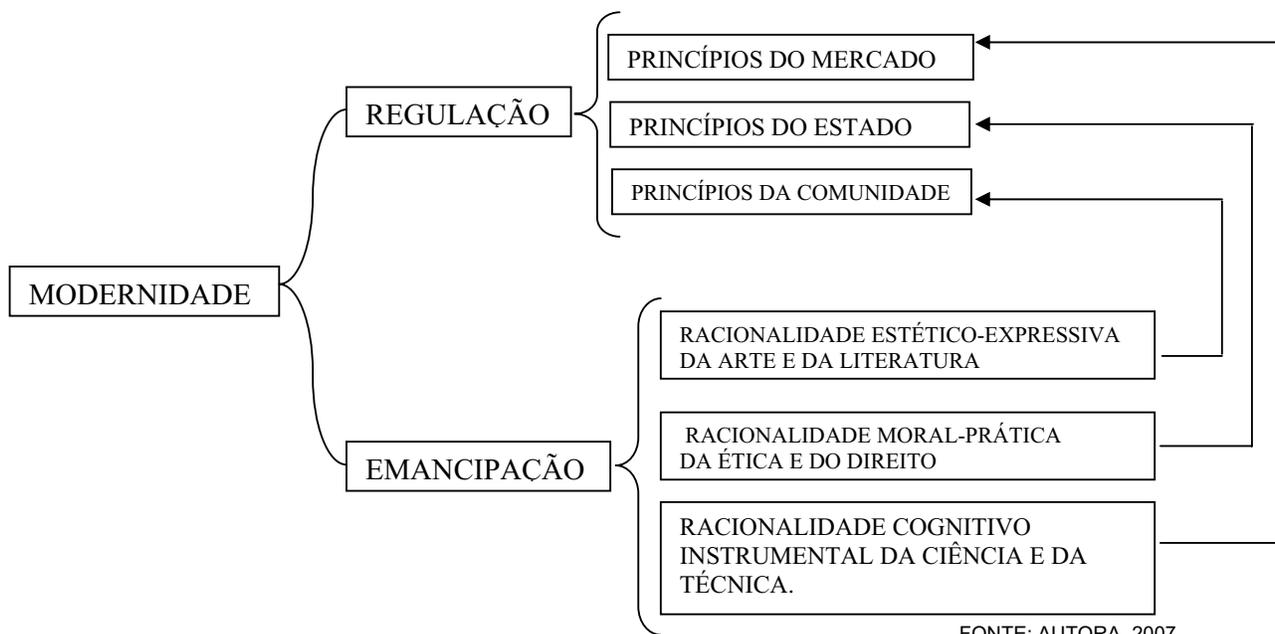
1. CAPITULO – INTRODUÇÃO _____	14
2. CAPITULO – ESTUDOS DE FENÔMENOS SOCIAIS DE FORMA SISTÊMICA E PERCEPTIVA _____	21
PONTO 1 FUNDAMENTAÇÃO _____	21
PONTO 2 A CONECTIVIDADE DAS TEORIAS _____	22
2. 1. SISTEMAS COMPLEXOS _____	25
2.2. PERCEPTIBILIDADE DE FENÔMENOS _____	27
2.3. TRILHOS DE FUNDAMENTOS DE PERCEPÇÃO AO ESTUDO DE PERCEPÇÃO SOCIAL _____	28
2. 4. CONEXÃO DAS VARIÁVEIS DO FENÔMENO DE FORMA SISTÊMICA E PERCEPTIVA _____	29
3. CAPITULO – O FENÔMENO DO IMAGINÁRIO DO MEDO PÓS- MODERNO _____	32
3. 1. PERCEPÇÃO SOCIAL, MEDO E IMAGINÁRIO DO MEDO _____	33
3. 2. A PÓS-MODERNIDADE E O CERCAMENTO HUMANO PRIMITIVO – a falta de comunhão _____	35
3. 3. UMA PATOLOGIA SOCIAL ADVINDA DE REAIS FATOS MALÉFICOS _____	37
3.3.1. MEDO E EXCLUSÃO EMBASADOS POR ARTIFÍCIOS PÓS- MODERNOS EM CIDADES _____	37
3. 3. 2. EXPLANAÇÃO A CERCA DO FENÔMENO DA VIOLÊNCIA E SUAS CONEXÕES COM A SOCIEDADE EM CIDADES BRASILEIRAS _____	44
4. CAPITULO – INSERINDO O CONTEXTO DO BRASIL NO CONTEXTO DO FENÔMENO DA POBREZA E SUAS	

CORRELAÇÕES COM O IMAGINÁRIO DO MEDO PÓS-MODERNO _____	53
5. CAPITULO – A PERCEPTIBILIDADE SOCIAL DA POBREZA NO SISTEMA DO IMAGINÁRIO DO MEDO _____	60
5.1. A ESPECIFICIDADE DA POBREZA NA SOCIEDADE PÓS-MODERNA _____	60
5.2. PERCEPTIBILIDADES ENTRE O FENÔMENO DA POBREZA E O FENÔMENO DO IMAGINÁRIO DO MEDO _____	62
6. CAPITULO – O CENÁRIO RECIFENSE: PERCEPÇÃO PSICOSOCIAL DO MEDO FRENTE A ICONES DE POBREZA _____	67
6. 1. ICONES DE EXCLUSÃO _____	74
6.2. ICONES DE RECLUSÃO _____	120
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	138
REFERÊNCIAS _____	142
ANEXOS _____	149
ANEXO 1 – LISTA DE ÁREAS POBRES POR RPA E BAIROS _____	149
ANEXO 2 – LISTA DE ZEIS POR RPA E BAIROS _____	153
ANEXO 3 – LISTA DE FAVELAS EM RECIFE _____	156

1. INTRODUÇÃO

No século XXI, com o afincado crescimento das metrópoles, um eixo de pesquisas ganha estímulo, por conta dos reflexos desse crescimento, um eixo das pesquisas sociais em áreas urbanas, relacionado à desigualdade social acentuada, ao crescimento de fenômenos violentos e a tendência à individualização dos seres como forma de busca de satisfação e segurança, atrelado a estes fatores citados percebe-se uma gama de fatos entrelaçados com o sistema moderno e a configuração social e espacial resultante desse. Com a Geografia Humana, pode-se estudar essa configuração e entender a formação espacial e social gerada.

Os conflitos observados no século XXI fazem parte de um sistema de organização mundial pautado na não eficiência dos princípios edificadores da modernidade, como mostra o fluxograma abaixo:



a eficácia seria a garantia de uma interligação que favorecesse o crescimento sócio, político, econômico, no entanto, o desequilíbrio foi gerado por conta de interligações desenfreadas aos Princípios do Mercado (Os princípios do Estado

é formulado por *Hobbes*, o do Mercado por *Locke* e o da comunidade é encontrado nas obras de *Rousseau*).

Dentro da perspectiva sistêmica cada variável que compõem o todo é relevante a partir de suas interações com o todo, e incluindo a população, essa relação se dará pelos desejos manifestos no todo, que por sua vez seguirá o intuito perceptivo do fenômeno. Cada variante é única e complexa, pois compõem ligações específicas com o fenômeno, essas, por sua vez, se tornam específicas tratando-se de configurações espaciais já que cada lugar terá sua própria teia de conexões com vários todos - partes do todo. Desta forma a perceptibilidade da população galgada na sociedade moderna do mundo acarreta várias transformações sociais e, conseqüentes, espaciais, então, a partir da resposta do embate pobreza x imaginário do medo, têm-se um sistema social com desprezo a solidariedade humana, com um desequilíbrio entre crescimento financeiro e social. O que acarreta desigualdades e ambições de se inserir em outra variável do sistema, assim gerando o ator violento e por vezes o fantasma do ator violento: o medo de quem muito tem e não quer correr riscos de perder.

Na cidade do Recife, em sua população e organização sócio-política, o que se pode observar é que junto do medo existente, há a predisposição para a violência, pois a percepção do fenômeno, por parte desta cidade é muitas vezes errônea: tentam se esquivar da violência de forma que resultam no aumento e em outras formas de violência. Sem atingir, assim, o motivo social causador de atores violentos que se encontra em déficits de educação e lazer, na má distribuição de renda por conta da organização de trabalho, enfim em falta de estrutura para atender a sociedade; o que resulta na priorização de uns em detrimento de outros. No que se refere à violência real e o imaginário do medo o que se pode ver é uma correlação nem sempre proporcional, pois não se pode negar que existam índices altos de atentados a vida e fatos violentos, no entanto, também, pode se afirmar que há um aumento desproporcional do medo social e uma crescente insegurança da população em se viver em comunidade. (BOTELHO, 2008)

A pobreza, então se enquadra no outro lado da cidade, aquele em que vê o crescimento financeiro, tecnológico e social global ocorrendo, mas não o sente, e participa da variante exclusão já que são 'estranhos ao sistema'; porém se mantêm e tentam a entrada no outro lado, não sabendo e/ou não aceitando que já se inserem no sistema, que já são partes e não algo do lado desprezado que não merece a comunhão com a sociedade, ou seja, a comunidade. Então se agrupam em comunidades pobres solidificadas nos espaços onde se localizam. Essa comunidade tem caráter próprio de configurar a modernidade dentro de si, é o jeito de 'se arrumar como pode' para ter o básico e o extra. É dentro dessa exclusão que se enquadram os pobres, pois estes saem como personagens da violência, os atos violentos são atribuídos aos pobres e a falta de recursos que esses podem apresentar. É assim entre os indivíduos e nos vários degraus da sociedade como um todo; o que é acentuado pela espetacularização da violência, pela mídia e pelo mercado como um todo, pois esta se tona véis de consumo, o que cria a indústria da segurança.

Tratando-se das categorias preconceituosas ao se falar da violência, no que se refere à criminalidade, encontra-se concomitantemente referencia a afinidade entre essas e a pobreza, como função do processo restrito de mobilidade social, como as desigualdades dos recursos da / na sociedade. Essa referencia pode ser, por muitas vezes, manipulada pelos telejornais, "que podem estar fragilizando a coesão social em duas frentes: mostrando a violência e a estrutura caótica da sociedade o que leva ao medo e ao individualismo; e, mostrando as classes menos abastadas como recorrentes no crime, o que leva ao preconceito e à segregação das classes."¹

¹ CUNHA, Patrícia, *Telejornalismo, medo e coesão social: um estudo sobre representações da violência na mídia*, Anais do Iº Simpósio Internacional sobre as Geografias da Violência e do Medo, Universidade Federal de Pernambuco. 10/2007.

JUSTIFICATIVA

A presente proposta de estudo justifica-se pela necessidade de se traçar uma configuração geográfica dos reflexos do imaginário do medo, por conta de deturpações sociais que se transcrevem em níveis altos de incivilidade e intolerância ao próximo, o que resulta em elevados índices de violência das mais variadas formas. Sendo esses reflexos enclausuramentos de populações com níveis maiores de renda e exclusões geradas espacialmente e socialmente atingindo populações de baixa renda, na cidade do Recife, associados a uma sensação de ineficiência das políticas de segurança pública; verifica-se, então a necessidade de compreender de forma científica as correlações da violência, do medo, com o arranjo espacial que vem sendo desenvolvido na cidade do Recife, para servir de futuras intervenções através de políticas públicas de impacto social, que possam estruturar ações que integrem as áreas de exclusão e garantam uma segurança aos indivíduos cidadãos, através de intervenções na segurança pública.

OBJETIVO GERAL

O estudo destinou-se a abordar de forma sistêmica e perceptiva a pobreza e suas relações com o imaginário do medo, embasado por uma violência real, inserido em um panorama pós-moderno sócio, político, cultural e econômico; visando mostrar que o imaginário do medo ocasiona reflexos na forma de exclusão e reclusão social e espacial, e que por sua vez, esses são frutos da percepção coletiva embasada por uma cultura pós-moderna.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS TRAÇADOS

- Realizar uma efetiva revisão a cerca das aplicações das abordagens sistêmicas e perceptivas na Geografia, para pode evidenciar o local da percepção dentro da visão sistêmica.
- Correlacionar a pobreza, o imaginário do medo e a questão da violência dentro do panorama da modernidade e pós-modernidade; analisando políticas públicas que possam viabilizar esses fenômenos.

- Arquitetar um fluxo sistêmico que demonstre a inter-relação da pobreza com o imaginário do medo e decorrentes transmutações espaciais e sociais.
- Identificar uma percepção coletiva das transmutações sociais e espaciais; através da exclusão espacial tanto na forma de segregação de áreas de incidência de pobreza quanto na forma de reclusão em áreas pertencentes a outras esferas sociais.
- Examinar imagens na Cidade do Recife que reflitam esse imaginário do medo, e somar às análises do questionamento à população a cerca do medo e da existência de sensações de insegurança; para se obter uma percepção coletiva do medo.
- Mostrar através de mapeamentos e imagens os reflexos espaciais do imaginário do medo na cidade do Recife.

HIPÓTESE

A hipótese central é a idéia de que o fenômeno da violência na cidade do Recife leva a um imaginário do medo, que ocasiona uma organização espacial transcrita na forma de exclusão e reclusão dos indivíduos na sociedade. Através de sensações de insegurança, ocasionando estereótipos espaciais e sociais, conseqüentemente aversões às esferas de baixa renda.

HIPÓTESES SECUNDÁRIAS

Analisando a variável do imaginário do medo dentro do panorama atual de modernidade, formula-se a hipótese de que esse é embasado por leis de mercado possibilitando o crescimento econômico de alguns setores de serviços e por conseqüências diretas ou indiretas de políticas públicas de impacto social, assim alimentando a atual individualização e enclausuramento dos seres. Então se busca responder a questão de que esse imaginário do medo, que deturpa a sociedade, é financiado e alimentado por setores privados e públicos econômicos e de comunicação.

Busca-se comprovar a existência de um traçado espacial, que se divide em áreas com ascensão da necessidade de segurança e um crescente imaginário do medo e em áreas que sofrem um cerco espacial e social por serem colocadas como ameaçadoras por conta dos fatores de pobreza existente.

METODOLOGIA

Houve a necessidade de se fazer uma fundamentação teórica para poder destrinchar e fundamentar a forma de abordagem dos conceitos utilizados como os de pobreza, medo, imaginário do medo, modernidade e pós-modernidade, exclusão e reclusão social e espacial. Para assim, embasar as correlações entre pobreza e as variáveis do imaginário do medo e seus reflexos espaciais.

Esta fundamentação se dividiu então em duas etapas: como primeira etapa uma inserção da visão perceptiva do fenômeno na visão sistêmica do mesmo, pois se acredita que é um problema teórico o não uso da perceptibilidade das pessoas quando se trata de analisar sistemas sociais, pois os reflexos nas variáveis e em um espaço geográfico serão reflexos dessa perceptibilidade. A segunda etapa na base metodológica se ateve a problematização do imaginário do medo na cidade correlacionada com a violência real, a não busca efetiva em resoluções que anulem os motivos das ocorrências violentas e uma crescente ideologia pós-moderna que incentiva a sensação de insegurança gerando o imaginário e imagens do medo na Cidade.

Trabalhou-se a percepção coletiva através dos reflexos espaciais de imaginário do medo na cidade do recife, pela paisagem observada. Como também pela análise da perceptibilidade da população, essa sendo obtida por questionamentos à população, no entanto os questionamentos foram elaborados de acordo com a percepção da paisagem que se obteve no decorrer de uma primeira efetuação da pesquisa empírica para reconhecimento e ordenação da paisagem.

Para se trabalhar nas áreas de incidência de pobreza e que pudessem apresentar uma possível exclusão espacial, foram analisados índices de qualidade de vida da cidade e somados a esta análise a obtenção dos

resultados da pesquisa empírica, buscando obter o traçado das áreas de incidência de pobreza na Cidade do Recife. Como também das áreas de reclusão por conta do imaginário do medo.

2. CAPITULO – ESTUDOS DE FENÔMENOS SOCIAIS DE FORMA SISTÊMICA E PERCEPTIVA

1. FUNDAMENTAÇÃO

O ser é constituído de uma série de categorias que o formam e essas dificilmente podem ser descritas como objeto, nas reflexões filosóficas de Heidegger, Nietzsche e Kant, pode-se ver que essas categorias não são objetiváveis e nem somente regidas por sensações.

No entanto, são as categorias de cada ser envoltas em uma concepção econômica, cultural, política e social que se unem na formação de um cotidiano, de um espaço, de um mundo, Kant já colocou que “o mundo se constitui na nossa percepção espaço-temporal dos objetos.” Não é que criemos a realidade, mas a ordem a partir da “visão racional”, então se pode claramente perguntar fora das percepções como é o mundo, já que este é visto através de percepções que são fundamentadas por todos os fatores do entorno. (VATTIMO, 2006)

As noções da Ciência da Física ajudam a entrelaçar o mundo e o mundo percebido, ao se falar de Percepção do ser, essa é dita como:

“Um processo complexo com múltiplas facetas, iniciada quando nossos neurônios sensoriais captam informação do meio ambiente e a enviam ao cérebro na forma de impulsos elétricos. Como todas as criaturas vivas, temos uma percepção sensorial limitada. Não vemos a radiação infravermelha ou percebemos os campos eletromagnéticos como os pássaros (que usam essa informação para se orientar).” (ARNTZ, William, Et all, 2007)

O doutor Andrew Newberg mostra em suas reflexões que “o cérebro é, afinal, quem percebe a realidade e cria nossa versão do mundo.”(ARNTZ, William, Et all, 2007) Então um ser inserido em um mundo, em um sistema social, o percebe de acordo com seus filtros de valores e categorias que o formam.

Intercalando essas concepções às do conceito de Espaço Geográfico, esse vai ser a existência e o ser em ato, assim o produto das ações humanas, ditadas por percepções; chega-se a conclusão de que o Espaço é o reflexo da

percepção humana do todo. Esse espaço se sobrepõe as características pré-existentes no espaço extra-sensorial e no Espaço Natural.

Assim sendo, a organização espacial de fruto humano é resultado das transmutações espaciais fincadas no tempo; transmutações que ocorrem dentro de sistemas sociais com suas fundamentações culturais e em determinados períodos temporal.

2 A CONECTIVIDADE DAS TEORIAS

Uma análise sistêmica e perceptiva é estudar as interações do fenômeno incluindo as interações sociais do fenômeno, através da percepção.

A teoria sistêmica vem com a ascensão do novo paradigma; o que remonta os paradigmas anteriores; ao início da busca do conhecimento do mundo e do que ocorre e do que pode ocorrer, o qual inicialmente era calcado em uma concepção mística, a uma interpretação dos desígnios de uma entidade superior, passando posteriormente para uma fase determinista e atualmente está sedimentado em um entendimento probabilista.

O Novo Paradigma tem uma reconstrução histórica que leva à René Descartes – 1596 a 1650 – com seu escrito “Discurso sobre o Método” que dá base ao cartesianismo. O pensamento ocidental, fundamentado na visão mecanicista e racionalista de Descartes, têm suas conseqüências na elevação do yang², ou seja, na autoafirmação excessiva, a qual se pode ver nas manifestações do poder, no controle e dominação pela força. Esse adveio após o paradigma renascentista, assim, observa-se em uma linha temporal histórica o finco dos paradigmas existentes.

² O termo é retirado da expressão Ying Yang oriental, tal termo significa a atividade agressiva, expansiva e competitiva do eu o que leva a auto-afirmação excessiva.

Pode-se ao longo do estudo das vigências de paradigmas científicos, grafar aproximadamente o marco desses. (*ver quadro 1*)

QUADRO 1

O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO CIENTIFICO	
Período (aprox.)	Era do / da
800 até 1600	paradigma Escolástico (Idade Média)
1500 até 1700	paradigma Renascentista
1700 até 1800	paradigma do Mundo Mecanicista e do Determinismo
1800 até 1900	hegemonia do paradigma Determinístico
1900 até 1950	paradigma da Teoria da Relatividade e da Mecânica Quântica
1950 em diante	Teoria Geral de Sistemas ou do paradigma Holístico

FONTE: NORBERTO SÜHNEL, 2001.

Na era do paradigma Escolástico a natureza era viva e deste modo mortal e finita; O Universo e a natureza do tempo eram possíveis de serem compreendidas; As ciências naturais eram subordinadas à teologia; A salvação da alma era o mais importante desafio; A meta da ciência era mostrar a correlação entre o mundo real e a verdade espiritual; A terra era o centro do universo conhecimento era uma enciclopédia natural, classificada e etiquetada; A sociedade era estruturada sob a influência de Deus e refletia a ordem divina. As cidades medievais tinham estrutura cruciforme, não por aspectos funcionais, mas sim por ser um símbolo religioso. Nas sociedades anteriores, encontrávamos a ligação à terra, que por sua vez era tratada como a Deusa mãe e todo um arcabouço filosófico magista ligado força da energia divina; o que hoje é muito pouco encontrado. Atualmente o observado, é que desde 1900 é que a dominação excede a cooperação:

O poder político e econômico é exercido por uma classe organizada dominante; as hierarquias sociais são mantidas de acordo com orientações racistas e sexistas, e a violação tornou-se uma metáfora central de nossa cultura – violação de mulheres, de grupos minoritários e da própria Terra. **Nossa ciência e nossa tecnologia baseiam-se na crença seiscentista de que uma compreensão da**

natureza implica sua dominação pelo homem. Combinada com o modelo mecanicista do universo, que também se originou no século XVII, e com a excessiva ênfase dada ao pensamento linear, essa atitude produziu uma tecnologia que é malsã e inumana; uma tecnologia em que o habitat natural, orgânico, de seres humanos complexos é substituído por um meio ambiente simplificado, sintético e pré-fabricado.” (CAPRA, Fritjof, 1982. Ed. 1997, p. 41)

É inserido nesse contexto analítico que surge a noção de sistemas com ascensão no século XX, sendo o marco moderno ocidental atribuído a Ludwig Von Bertalanffy, que sistematizou na época do pós-guerra as novas idéias científicas da abordagem dos “*todos integrados*”. Os “*todos integrados*” já haviam sido abordados por Alexander A. Bogdanov em 1922, cuja obra foi pouco ou até mesmo não divulgada no Ocidente (UHLMANN, 2002).

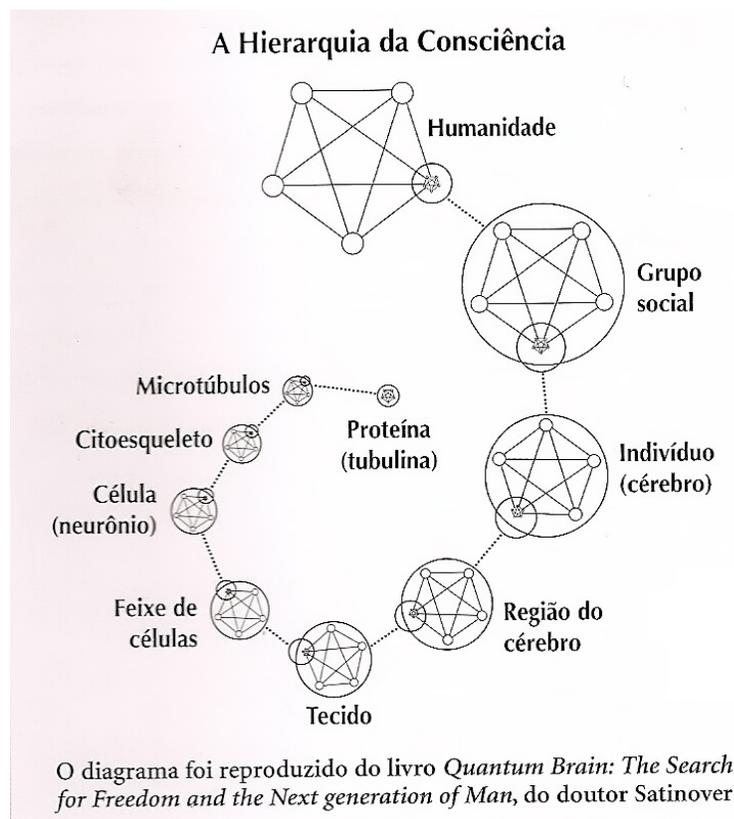
Assim, o pensamento científico sai do Princípio do Pensamento Analítico Proposto por René Descartes – O Cartesianismo, com as premissas de *analisar até a menor partícula e a partir dela generalizar, se fazer da dedução e chegar à síntese*. Então é observado que, mesmo havendo a necessidade divisão do todo em partes para um raciocínio menos complexo, ao se fazer isto se tem a redução do todo a uma parte (o chamado Reduccionismo), ocasionando, assim, uma perda de características e propriedades do todo.

Por conseqüência desta observação, surge esta inquietação com os estudos dos fenômenos como um todo, a partir da metade do século XX, a Ciência passa a propor um pensamento contextual, onde o fenômeno é um sistema em um contexto e em um ambiente, que se mostra interligado a estes. Assim, sai-se das premissas de *análise e síntese da parte para entender o todo*, para as premissas de: *Análise e decomposição e recomposição, entendimento do todo maior que a soma das suas partes a partir de variáveis, o todo é feito da interligação das partes criando uma organização*. Então a realidade passa a ser relativizada, não dogmática, Sistêmica, Complexa e Legaliforme (BUNGE apud VIEIRA, 1998).

2. 1 SISTEMAS COMPLEXOS

A premissa maior de um sistema complexo é o conceito de ciclos de retroalimentação entre diferentes níveis de complexidade, ou seja, as estruturas se afetam. Como é apresentado por SATINOVER, em sua hierarquia da consciência, afirmando que “esse modelo continua proporcionalmente dos cérebros individuais para os grupos, as sociedades e até o planeta. E que essa propagação não precisa levar em consideração nenhum campo mental ou efeito metafísico para provocar uma forma de coerência no âmbito de toda a humanidade.” Essa propagação, através da conexão entre as partes, em um sistema social cria uma consciência social direcionada a cada fenômeno.

ESQUEMA 1 – DIAGRAMA DE CONECTIVIDADE DE SATINOVER



FONTE: ARNTZ, William, *Quem Somos Nós – A descoberta das infinitas possibilidades de alternar a realidade diária*, Rio de Janeiro: Prestígio editorial, 2007.

Assim, MORIN (1998), suscita que a 'nova metodologia' busca de maneira dialógica integrar noções complementares, concorrentes e antagônicas. Trata-se então de dentro da concepção de sistemas, "verificar sistemas que apresentam um enorme número de interações entre seus componentes, o que acaba gerando auto-organização dos mesmos e a emergência de novos padrões de organização do sistema." (FAVIS-MORTLOCK E DE BOER, 2003). Então, quanto mais complexo for um sistema maior é sua propensão ao caos, à busca da auto-organização.

Assim sendo, justifica-se a essencial necessidade da interação da percepção para o estudo de determinado fenômeno, desde que esse envolva sociedades. Pois:

"No universo sistêmico, o meio natural é constituído pelos sistemas que interferem e condicionam as atividades econômicas, políticas e sociais do homem, ou seja, pela organização geográfica dos elementos da natureza, sendo o meio ambiente o fornecedor dos fluxos de matéria e energia que vão "alimentar" os sistemas socioeconômicos e de forma dialética receber seus resultados, como em um grande elo diacrônico" (CHRISTOFOLETTI, 1999).

Essa recepção dialética se dá através da soma condições fornecidas pelo meio e transformações humanas geradas a partir de suas percepções movidas por seus desejos, sentimentos e racionalidades. Trata-se então do estudo das interações do sistema, pela percepção de suas partes - todos, através do grupo social que possa estar inserido.

2.2. PERCEPTIBILIDADE DE FENÔMENOS

Tratar da perceptibilidade dos fenômenos sem adentrar profundamente no campo psicológico é analisar dados e informações a fim de construir uma perceptibilidade dos fenômenos a ser investigado, tendo como ponto de fundamento o ser e sua consciência social que, por sua vez, é formada por sua esfera cultural-social-política-econômica; é através da interpretação de dados e de informações obtidas pela análise perceptiva que se pode compreender os processos que formam um fenômeno social.

Os teóricos de sistemas da atualidade (sec. XXI), não mais procuram explicar o todo a partir somente das suas partes, mas sim explicam as partes em termos do todo. Esta nova concepção foi refletida em um modelo de organização muito diverso do Reduccionismo até então habitual. A ciência a partir desta 'nova' abordagem passou a estudar os fenômenos como um todo, fazendo com que surgissem novos ramos do saber, igualmente sistêmicos, interdisciplinares tais como a cibernética, as pesquisas de operações, as ciências ambientais que começaram a surgir na última metade do século XX.

Dentro da perspectiva sistêmica cada variável que compõem o todo é relevante a partir de suas interações com o todo e incluindo a população essa relação se dará pelos desejos manifestos no todo, que por sua vez seguirá o intuito perceptivo do fenômeno. Cada variante é única e complexa, pois compõem ligações específicas com o fenômeno, essas, por sua vez, se tornam específicas tratando-se de configurações espaciais já que cada lugar terá sua própria teia de conexões com vários todos - partes do todo. A cerca disto SANTOS, traz a seguinte constatação:

“Cada lugar atribui a cada elemento constituinte do espaço um valor particular. Em um mesmo lugar, cada elemento está sempre variando de valor, porque, de uma forma ou de outra, cada elemento do espaço – homens, firmas, instituições, meio – entra em relação com os demais, e essas relações são em grande parte ditadas pelas condições do lugar. Sua evolução conjunta num lugar ganha, destarte, características próprias, ainda que subordinada ao movimento do todo, isto é, do conjunto dos lugares. Alias essa especificidade do lugar, que se acentua com a evolução própria das variáveis localizadas, é que permite falar de um espaço concreto. Desse modo, se cada elemento do espaço guarda o mesmo nome, seu conteúdo e sua significação estão sempre mudando. Cabe

então, falar de **percebibilidade da significação de uma variável, e isso constitui uma regra de método fundamental. O valor de um conjunto. Quando este muda de significação, de conteúdo, de regras ou lei, também muda o valor de cada variável.**" (SANTOS, 1997, p. 10 e 11)

Desta forma a perceptibilidade da população galgada na sociedade moderna do mundo acarreta várias transformações sociais e, conseqüentes, espaciais, o que pode ser transcrito, visto sentido e recebido através da percepção a cerca da paisagem, a cerca da situação, a cerca de uma sensação, isso dependerá da categoria de fenômeno a ser estudado. Chegando a um panorama de uma percepção coletiva a cerca de um fenômeno, pode-se assim inserir essa como variável que molda certas relações entre as demais variáveis de tais fenômenos.

2. 3. TRILHOS DE FUNDAMENTOS DE PERCEPÇÃO AO ESTUDO DE PERCEPÇÃO SOCIAL

Para interagir em um ambiente de objetos e eventos físicos o individuo precisa ajustar-se continuamente à variedade de energias, em constante mudança, que o cercam. A totalidade dos processos envolvidos na manutenção de contato com este mundo é a percepção, que se dará por um conjunto de processos que incluem aprendizagem, motivação estimulação, processos, experiências e respostas. (DAY, 1979).

Há duas concepções que se interligam diretamente com estudos de percepção de fenômenos sociais:

1- É fundamental no estudo da percepção as experiências conscientes do individuo, logo após a estimulação

2- São fundamentais as relações funcionais entre o estímulo e as respostas discriminativas dadas pelo indivíduo.

Em síntese, trata-se de compreender os processos, experiências e respostas, a relação complexa entre esses e desses entre a recepção de aprendizagem e de motivo de cada individuo; e, por conseguinte, obter um conjunto de resposta inserida em uma organização social.

Nos estudos de percepção espacial, há dois contrapontos, o nativismo e o empirismo, onde um favorece a experiência e o outro a aprendizagem, no entanto, em um estudo de percepção de fenômenos sociais, os dois pontos teóricos não se anulam, pois se pode dentro de um sistema social obter respostas a cerca de determinado fenômeno, tanto por experiência, quanto por aprendizagem, ou seja, uma cultura pode moldar percepções (percepções aprendidas) do mesmo modo que experiências vividas também (percepções experienciais).

No tocante metodológico o estudo das concepções que viabilizam a experiência consciente do indivíduo, é realizado através da introspecção analítica, pelos relatos de experiência sob as várias condições de estimulação; requerendo, assim, que o observador permaneça a parte e analise as respostas e sensações do fenômeno analisado. Como método científico, pode receber críticas, já que relatos podem não serem comprovados, no entanto, acoplando essa abordagem perceptiva a uma sistêmica, ou seja, inserindo a percepção no sistema do fenômeno analisado, os relatos são corroborados pelas variáveis do todo do sistema formulado.

2. 4. CONEXÃO DAS VARIÁVEIS DO FENÔMENO DE FORMA SISTÊMICA E PERCEPTIVA

SANTOS (1978), já colocou a deveras que é imprescindível dominar o pleno funcionamento das variáveis, sua tendência a reagir reciprocamente, para poder então inferir leis, ou pelo menos reconhecer um comportamento geral e características específicas. Isso para todos os fenômenos sociais, inclusive a pobreza.

Uma sociedade é fruto de percepções de seus indivíduos e esta é formada por cultura em níveis locais mundiais e globais. Está, assim, todo sistema de fenômeno social inserido em uma Organização Global do Mundo; e ocorre em uma sociedade e em um espaço em determinado marco de tempo. Tem-se assim, um fluxo de um sistema social e percepções sociais em uma escala espacial, temporal e contextual (*ver esquema 2*).

ESQUEMA 2 - FLUXOGRAMA DE INTERLIGAÇÕES DE VARIÁVEIS EM UM SISTEMA DE FENÔMENO SOCIAL



FONTE: AUTORA, 2008.

Um sistema de fenômeno social está inserido em um sistema de Organização Global do Mundo, o qual compõe todas as variáveis que formam as partes do todo da estrutura social mundial, assim, é inerente suas interações entre este e a constante troca de energia motora entre um e outro.

A uma crítica ferrenha de psicólogos à sociologia tradicional, por esta, em suas macroabordagens superorgânicas omitirem sistematicamente a análise dos indivíduos e dos processos sociais em que emergem as relações interpessoais e intergrupais. Por conta disto, em estudos a cerca de sistemas sociais KATZ E KAHN (1966) defendem a necessidade de compreender as organizações como um sistema social: com fronteiras específicas, localizando e

identificando a ação dos indivíduos e grupos no seu funcionamento interno. As formulações das hipóteses teóricas de KATZ e KAHN resultam da tentativa de superar as limitações analíticas tradicionais no campo da sociologia e da psicologia, uma negava a ação do indivíduo a outra a construção social. (FERREIRA; NEVES; CAETANO; 1998). Assim eles inserem a noção de input e output:

“O nosso modelo teórico para a compreensão das organizações é o de um sistema de energia input-output, no qual o retorno da energia do output reativa o sistema. As organizações sociais são flagrantemente sistemas abertos, porque o input de energias e a conversão do produto em novo input de energia consiste em transações entre a organização e o seu meio ambiente. (KATZ e KAHN, 1966, p. 16-17).

No fluxograma 2, vê-se então uma versão de sistema em que seu desencadear se dá na base de inputs em uma organização, transformação, outputs e retroação desses, relacionando-se com o ambiente integrado; na representação gráfica o ciclo de energia é representado pela direção da seta, assim, mostrando as influencias e permeabilidades de cada variável.

Os sistemas sócias, diferentemente dos físicos, não se integram de forma homogênea, por englobarem seres humanos, assim, se fazem de grupos de subsistemas que perfazem sua organização, tendo como base normas e valores de cada sociedade integrada no todo. Ou seja, a integração de um sistema social se dá por modelagens de atitudes, percepções, motivações crenças hábitos e expectativas, essa modelagem é feita, por sua vez, pela organização do sistema global do mundo.

Vai ser a partir dos valores e das normas que se terá um sistema social com indivíduos que se integram a partir de determinados valores e cumprem determinadas normas, então: “as normas são as expectativas gerais do sistema em relação a todo o cumprimento de papéis pelos seus membros. As normas sancionam negativamente qualquer desvio de cumprimento de papel. Os valores exprimem o sentir geral de aspirações ideológicas dos indivíduos e grupos que interagem no sistema social.” (FERREIRA; NEVES; CAETANO; 1998).

3. CAPÍTULO – O FENÔMENO DO IMAGINÁRIO DO MEDO PÓS-MODERNO

Pode-se dizer que a cultura da modernidade tem sua sistematização entre os séculos XVI e XVIII, ou seja, coincidente com o modo de produção capitalista emergindo nos países da Europa, a modernidade por sua vez, tem como inerente característica movimentos contraditórios e complexos, a compreensão destes se dá através dos princípios de regulação e o de emancipação; o primeiro tendo correlações com os princípios do Estado, do Mercado e o da Comunidade³, o segundo se correlacionando com a lógica da racionalidade estético-expressiva da arte e da literatura, da moral-prática da ética e do direito, e por fim a racionalidade cognitivo-instrumental da ciência e da técnica.

A partir da articulação desses princípios entre si, e da proposta de maximização das potencialidades inerentes a cada um deles, “a modernidade construiu um ambicioso e revolucionário projeto cultural, que buscou transformar a face da Terra pela fé na ciência e na técnica aplicadas às forças produtivas; nas relações liberais de mercado como capazes de implementar um estado justo e próspero; na positividade do progresso e na sua constante renovação e superação (OLIVEIRA, 1999)”. Com isto tem-se um tempo superficial, fútil, épico e ardente. Onde o cheio provoca o oco, a sociedade gera a angústia, o permanente é trocado pelo atual, o "mais novo", o "mais moderno". Revelando a sua marca primordial: a paradoxalidade. (MORIN, 1969).

Todos os princípios findam no mercado sem alimentar a correlação pré-existente, por conta do desenvolvimento do mercado em detrimento do crescimento dos outros princípios, os quais se submetem as manipulações do deste. Ressaltando a ética liberal que legitimou o estado a serviço do mercado.

Aceitando a pós-modernidade como crise dessa modernidade e que esta causa o mal estar a pós-modernidade, então analisando sistemicamente esse panorama tem-se uma crescente busca de segurança por parte da sociedade

³ Os princípios do Estado são formulados por *Hobbes*, o do Mercado por *Locke* e o da comunidade é encontrado nas obras de *Rousseau*.

como um todo, porém de formas diferentes e por motivos distintos, que, no entanto podem resultar do mal estado da saúde social; “nesses três séculos passados com profunda ênfase na atividade agressiva, expansiva e competitiva de forma racional analítica acarretou um profundo desequilíbrio cultural que está na própria raiz de nossa atual crise – um desequilíbrio em nossos pensamentos e sentimentos, em nossos valores e atitudes e em nossas estruturas sociais e políticas” CAPRA (1997), resultando em desequilíbrio na saúde, de uma forma ampla, na saúde dos indivíduos, da sociedade e do ecossistema. Tendo o reflexo desses desequilíbrios no espaço.

3. 1 PERCEPÇÃO SOCIAL, MEDO E IMAGINÁRIO DO MEDO

O princípio ativo de ação de um indivíduo, depende, assim, de suas percepções, de suas conclusões, enfim de sua interação com o mundo. Então qual é o princípio ativo do imaginário do medo, o que leva a uma visão influenciada pelo medo. Bem o medo em si é a sensação de perigo imaginária ou real. Segundo SILVA (2006, p. 36), o medo é um sentimento universal: “todos sentem e diversos estudos demonstram ser uma emoção primária (inata) do ser humano, necessária para proteção e perpetuação da espécie. Está incrustada em nosso DNA e faz parte do nosso existir”.

Por conseguinte, afim de, formular um conceito de imaginário do medo, têm-se as premissas: o mundo vai ser uma representação da consciência que o percebe; e, o mundo é percebido através de representações. Assim, esse imaginário do medo vai ser uma criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras, formas, imagens a partir das quais somente é possível falar-se do perigo. Essas formas, por sua vez, podem ser determinadas por signos e associações ao que se sente medo.

BAUMAM em seu estudo acerca do medo líquido (2008), em concordância com Hughes Lagrange, mostra a existência de um medo social e culturalmente “reciclado”, seria o medo derivado, o qual orienta o comportamento, reformulando a percepção de mundo e expectativas que guiam as escolhas comportamentais; havendo uma ameaça ou não. Seria a sensação de insegurança e vulnerabilidade, que se for interiorizada por

indivíduos, esses terão eminentemente ações adequadas ao encontro com o perigo.

O imaginário do medo está intimamente ligado ao transtorno do pânico e transtornos pós-traumáticos, no entanto, é algo contínuo e freqüente na sociedade pós-moderna totalmente atrelado a signos; é uma espécie de fobia social que favorece a falta de sociabilidade e comunhão entre os seres. O ser deixa de ser sociável, ou ele deixa de ter o desejo de sociabilidade, ou transforma-se em um ser sociável seletivo por conta de seu imaginário.

Como afirma, SOUZA (2008, p. 40) ao chamar de “Fobópole, cidades, que grande parte de seus habitantes padece de estresse crônico e síndromes fóbico-ansiosas, inclusive transtorno de estresse pós-traumático por causa da violência, do medo e da sensação de insegurança.” Assim a Fobópole é o palco concreto para o imaginário do medo.

Então o que vem a ser o imaginário do medo pós-moderno, este termo se refere ao simples fato de que o medo não é algo novo, a busca pela segurança já é antiga, mas as formas e o palco é que são mutáveis, assim seguindo a evolução global da modernidade.

Em uma sociedade pós-moderna, com reflexos dos grandes avanços e desconcertos sociais, têm-se altos níveis de fenômenos violentos, no entanto, há um imaginário do medo como reflexo de uma cultura pós-moderna. Na esfera psicológica, ou seja, na psicosfera⁴ do medo pós-moderno vê-se: *comunidades e indivíduos comandados pelo medo que têm absoluta rejeição pelo fraco. O medo torna as pessoas imperadores de si (sociedade yang). Há bloqueio de transmissão ou de informação. Há uma valorização do sofrimento e desvalorização do prazer.* (EBRAICO, 2004.)

⁴ Para definir os conceitos de tecnosfera e psicosfera, Milton Santos diz que: “Ao mesmo tempo em que se instala uma tecnosfera dependente da ciência e da tecnologia, cria-se, paralelamente, e com as mesmas bases, uma psicosfera. A tecnosfera se adapta aos mandamentos da produção e do intercâmbio e, desse modo, freqüentemente traduz interesses distantes, desde, porém, que se instala, substituindo o meio natural ou o meio técnico que a procedeu, constitui um dado local, aderindo ao lugar como uma prótese. A psicosfera, reino das idéias, crenças, paixões e lugar da produção de um sentido, também faz parte desse meio ambiente, desse entorno da vida, fornecendo regras à racionalidade ou estimulando o imaginário.” (SANTOS, 1999, p. 204). Assim, a Psicosfera do Medo Pós-moderno se dá pelo anseio de segurança e auto-afirmação no espaço e meio social.

3. 2. A PÓS-MODERNIDADE E O CERCAMENTO HUMANO PRIMITIVO – a falta de comunhão

Com a Modernidade ansiava-se por uma estável segurança da sociedade, que seria democrática e igualitária, isso calcado na afincada concepção racional das coisas, que preveniria as inseguranças até mesmo do mundo Natural. No entanto o que é observado é que a igualdade não se tornou real, e que mesmo com o domínio científico, a natureza não se submeteu a razão humana, mas a sociedade sim, pois está submetida a um ideário cultural do capitalismo financeiro.

Embasamento para a sensação de insegurança e paradoxalmente um embasamento para a sensação de bem estar, pois o individuo pode se sentir bem com todos os confortos Técnicos, Científicos e bens de consumo, no entanto pode também se sentir inseguro na sociedade individual e exclusiva que é gerada.

Para dar distinção aos reflexos desses artifícios têm-se as esferas sociais: os que não têm acesso (as classes com índices mais baixos de renda e qualidade de vida) e os que desfrutam dos artifícios com uma maior acessibilidade e sentem medo. Pois os laços sociais pós-modernos são líquidos, fluidos, desconfiáveis e instáveis.

Na pós-modernidade há a ocorrência de mutações sociais, certa volta ao primitivo humano pela necessidade de se proteger; No século XXI, o que se observa é que “em tempos antigos, se as circunstancias físicas eram inseguras, pelo menos as relações humanas gozavam de um grau de estabilidade desconhecido nos tempos modernos” (TUAN, 1979). E atualmente, como coloca SOUZA (1996), há uma ‘Mutação Antropológica’, pois os indivíduos logrados de seu direito de ir e vim (o do acesso à cidade), pela insegurança da desordem social, teriam seu psíquico atingido, levando-os a serem sombras do que já foram, antes livres, hoje enclausurados.

A sociedade do século XXI alimenta seus problemas na tentativa de resolvê-los, como coloca BAUMAN (1998) que:

“todas as sociedades produzem estranhos. Mas cada espécie de sociedade produz sua própria espécie de estranhos e os produz de sua própria maneira, inimitável. Se os estranhos são as pessoas que não se encaixam no mapa cognitivo, moral ou estético do mundo, em um desses mapas, em dois ou três; se eles, portanto, por sua simples presença, deixam turvo o que deve ser transparente, confuso o que deve ser uma coerente receita para a ação, e impedem a satisfação de ser totalmente satisfatória; se eles poluem a alegria com a angústia, ao mesmo tempo que fazem atraente o fruto proibido; se, em outras palavras, eles obscurecem e tornam tênues as linhas de fronteira que devem ser claramente vistas; se, tendo feito tudo isso, geram a incerteza, que por sua vez dá origem ao mal-estar de se sentir perdido – então cada sociedade produz esses estranhos.”

Então, a sociedade ocasiona o medo e alimenta sua própria doença, pois o estranho da vez é aquele “anda pela rua.”

HOLGONSI (2002) coloca que “a pós-modernidade é um contexto histórico no qual a exclusão a cada dia está aumentando mais. A exclusão total da condição de pós-modernidade está gerando o que W. Wilson chama de *subclasse*, e acontece quando os indivíduos não conseguem se vincular às estruturas de informação e comunicação, como produtores, consumidores, e nem como usuários”.

O que é observado é que se tem uma estruturação na sociedade envolta pelo estado liberal-democrático que não investe no social, que não é uma estruturação em prol da sociedade.

Assim a exclusão é gerada; a exclusão dos pobres, dos estranhos, dos que tentam se inserir no sistema e dos que por meio de atos violentos tentam usufruir dos produtos do sistema. Como também é gerada a insegurança, o medo do outro: aquele que é estranho de ‘minha casa’, aquele que é ‘estranho do meu convívio social’ e assim, é gerada a reclusão, a reclusão dos civis que tem medo e que se utilizam da técnica para garantirem a sensação de segurança – mas esta é conseguida de forma real? – e reclusão dos que atuam na violência, daqueles que a praticam

Verifica-se então, que o imaginário do medo pode ser encontrado no sistema urbano em geral, que estejam direcionados ao princípio mercado em detrimento do social, dentro da cultura pós-moderna é que se observa a forma

do comportamento social e suas atuações no espaço, modificando-o em função desse imaginário, é esta cultura é que ocasiona os motivos da exclusão, da violência e do medo e de seu imaginário. Uma assertiva de BAUMAN (2009) sintetiza transformações psíquicas sociais nos seres, “quando a solidariedade é substituída pela competição os indivíduos se sentem abandonados a si mesmos, entregues a seus próprios recursos – escassos e claramente inadequados. A corrosão e a dissolução dos laços comunitários nos transformam sem pedir nossa aprovação.”

3. 3 UMA PATOLOGIA SOCIAL ADVINDA DE REAIS FATOS MALÉFICOS

3. 3. 1. MEDO E EXCLUSÃO EMBASADOS POR ARTIFÍCIOS PÓS-MODERNOS EM CIDADES

O medo não é algo novo, a busca pela segurança é antiga, os séculos XVII e XVIII foram um marco que representou a reclusão europeia com várias instituições para correção ‘dos estranhos criados da época’. Neste momento a sociedade Europeia Ocidental não se limitou na intolerância ao convívio com pessoas que eram consideradas esquisitas e insubordinadas, que deviam ser afastados da sociedade respeitável e encarcerados, essas pessoas se não representavam uma ameaça física, representavam fonte de vergonhas. (TUAN,1979)

Porém o que é novo e trazido pela pós-modernidade são os motivos pelos quais se proteger, como também os motivos pelos quais é produzido o medo; o ato de se proteger e a exclusão, também são antigas. O novo é a forma de se excluir.

Durante a segunda década do séc. XIX surgiu o questionamento de como se separar da sociedade os ditos “marginais”, criou-se a idéia de prendê-los, ‘excluí-los da sociedade que os corrompera e colocá-los em um ambiente livre de corrupção’, os separaram dos prisioneiros e do mundo exterior; hoje a pesar de existirem as ditas prisões e as várias formas organizacionais da policia pública, estas não são eficientes e nem suficiente, pois não são organizadas de maneira a prevenir e reduzir as ações violentas e a

criminalidade, são, sim, formas que atuam pontualmente nos casos quando estes já ocorrem, somado a isto se têm a incapacidade jurídica de se cumprir a real lei, sem prolongações de processos, o que ocorre no Brasil e as casas penais são amontoados de infratores sem lei e sem estrutura. Assim a sociedade alimenta seu medo, nesta ineficiência, se individualiza, exclui os estranhos – o outro – de seus meios e cada qual procura sua proteção, seja esse qual um ou um em seu grupo, se fecham e alimentam o ciclo da exclusão, que agora é sem espaço definido para os marginais escolhidos e os efetuentes de atos violentos, pois estes se localizam nas ruas e a sociedade, que se separa, em suas casas ou dentro de suas formas de segurança, isto sendo viabilizado pelos artifícios da cultura pós-moderna. Vê-se que antes a reclusão era dos esquisitos, dos marginais, dos insubordinados, hoje ela é um ato 'normal' em busca de segurança.

BAUMAM em seu estudo acerca do medo líquido (2008), em concordância com Hughes Lagrange, mostra a existência de um medo social e culturalmente "reciclado", seria o medo derivado, o qual orienta o comportamento, reformulando a percepção de mundo e expectativas que guiam as escolhas comportamentais; havendo uma ameaça ou não. Seria a sensação de insegurança e vulnerabilidade, que se forem interiorizadas por indivíduos, levariam eminentemente a ações adequadas ao encontro com o perigo.

No atual panorama pós-moderno, então, o Estado frente aos ideais que cultuam e reciclam esse medo e frente à própria velocidade e instabilidade decorridas da Globalização, rebaixa sua luta contra os medos para o domínio da "política de vida", dirigida e administrada individualmente, ao mesmo tempo em que adquire o suprimento de armas de combate no mercado de consumo.

Assim, a sensação de insegurança nos indivíduos é disseminada pela descrença na defesa pública e por estereótipos exclusivos, ambos trazidos com a modernidade que dá vez à mescla das atividades públicas e privadas, o medo então cooptado pelo mercado e assim o privado se faz de ferramentas para nutrir o vácuo da defesa pública e atenuar os anseios da sociedade insegura, lógico que dentro de uma lógica capitalista ferrenha.

A sociedade é dividida em quem tem garantido o acesso livre as tecnologias informacionais “inovadoras” e em quem pode ter esse acesso a certo custo, custo este que muitas vezes torna-se a vida.

Os anseios da modernidade tornaram-se sonhos caros à humanidade, que resulta agora com poucos humanos, pois eles fundamentaram uma hipervalorização do conhecimento objetivo e científico. WILBER (1998 p. 55) chama a atenção, para o desastre da modernidade: “uma patologia, que logo permitiu que uma poderosa ciência monológica colonizasse e dominasse as outras esferas (a estético-expressiva e a religiosa-moral)” .

No que se refere à violência real e o imaginário do medo o que se pode ver é uma correlação nem sempre proporcional, pois não se pode negar que existam índices altos de atentados a vida e fatos violentos, no entanto, também, pode se afirmar que há um aumento do medo social e uma crescente insegurança da população em se viver em comunidade.

A violência não ocorre em tempo integral a um indivíduo, mas o imaginário do medo sim e como não se pode usar do antigo meio de reclusão para livrar a sociedade de todos os estereótipos de exclusão recorre-se a reclusão de civis em residências e a exclusão dos estereótipos o mercado devorador também coopta o imaginário do medo.

Na verdade, presencia-se uma patologia coletiva de síndrome⁵, medo de seres humanos, já que esses são desconhecidos e criam aversão uns aos outros, já que, nessa dita sociedade, não existe, o que deveria ser inerente a uma: relações entre seres, uma união e respeitabilidade pelo ‘ser’ do próximo. Vê-se a ausência de consciência, cordialidade, gentileza e civilidade, a ausência de valores benéficos a relações humanas.

Instalou-se o imaginário, este foi cooptado pelo principio mercado como os princípios da modernidade, pois é grande a utilização de fatos violentos para

⁵ ANT e KOWARICK, em 80, ao abordarem o tema violência e medo, citam que especialista de várias formações falaram de perda de identidade individual ou coletiva, multidões solitárias ou fobia urbana. E que em última análise, referem-se a uma patologia social generalizada, acionada pela caótica e alucinante engrenagem própria a certas cidades que agudizam a violência e o medo de crescente massa de indivíduos, cuja existência facilmente se transforma em verdadeira alucinação persecutória. ANT, Clara e KOWARIC, Lúcio, *Violência: reflexos sobre a Banalidade do Cotidiano em São Paulo*. In. *Debates Urbanos 2: Violência e Cidade*, BOSCHI, Renato Raul (org.), Zahar editores, Rio de Janeiro, 1981.

ascender produtos que possam aliviar o medo social⁶, como também servem para completar o ciclo formado entre a sociedade e a exclusão, pois esse imaginário auxilia na generalização de quem motiva o medo. Assim, o medo não é só de quem veio a sofrer violência, como também não é só de atos violentos.

A mídia por muitas vezes ajuda veicular a violência, no entanto como afirma ADORNO e LAMIN (2006 p. 168)

“a mídia constitui um veículo de ressonância social. Certamente, a mídia não inventa ou cria os fatos violentos. Ela os veicula, traduzindo em grande medida a evolução da criminalidade e dos sentimentos de medo e insegurança. Porém é igualmente certo reconhecer uma espécie de exacerbação da violência e das narrativas de crime, intencionais ou não, que respondem à acirrada competição entre as redes de transmissão por furos de reportagem e por capturar a fidelidade de suas audiências. “

Isso gera, por muitas vezes, o que CALDEIRA (2000) chama de a fala do crime, esta nunca abandona suas categorias preconceituosas, essas categorias a constituem; acabam associando o crime às favelas e aos pobres. A fala do crime contribui, assim, para a disseminação do medo, ADORNO E LAMIN (2006), afirmam, ainda, que esta também contribui para a deslegitimação das instituições públicas de lei e ordem e, em contrapartida, para a legitimação da justiça privada.

CUNHA (2007) coloca que uma breve análise do conteúdo vinculado às notícias sobre violência ilustra algumas tendências à deformação do problema:

“No que diz respeito à produção jornalística, essa deformação está relacionada à forma como as notícias são exibidas, por exemplo: o poder público e o cidadão nunca são chamados à responsabilidade, a educação nunca é colocada como alternativa, são ressaltados os aspectos de frieza e crueldade dos acusados, os quais são pobres e muitas vezes negros. Já por parte dos telespectadores, na tentativa de tornar o mundo inteligível, eles tentam estruturar os acontecimentos buscando o porquê e a ordem das coisas e é na busca de uma causa e de uma solução para a violência urbana que as classes mais pobres podem aparecer como inimigo comum que não tem chance de ser reabilitado, sendo a melhor atitude a de afastamento.”

⁶ No entanto esse medo social, não pode ser generalizado ao medo de ser um receptor da violência, pois o medo social advém também do que pode ser considerado incivilidade em cada sociedade, como também o medo de estrangeiros, como também os estranhos para cada sociedade.

Tratando-se das categorias preconceituosas ao se falar da violência, no que se refere à criminalidade, encontra-se concomitantemente referencia a afinidade entre essas e a pobreza, como função do processo restrito de mobilidade social, como as desigualdades dos recursos da / na sociedade. Essa referencia pode ser, por muitas vezes, manipulada pelos telejornais, “que podem estar fragilizando a coesão social em duas frentes: mostrando a violência e a estrutura caótica da sociedade o que leva ao medo e ao individualismo; e, mostrando as classes menos abastadas como recorrentes no crime, o que leva ao preconceito e à segregação das classes.” (CUNHA, 2007)

Então, “as cidades, inclusive nos planos discursivos, deixam de ser aquilo que delas sempre esperou o mundo moderno: que fossem *locus* privilegiado do pluralismo cultural, da equalização social, da expansão da cidadania e da convivência democrática. As fala do crime expressam justamente o medo de viver a vida sob regimes democráticos que supõem tolerância e respeito às diferenças.” (ADORNO e LAMIN, 2006)

OLIVEN (1982) em uma breve discussão teórica a cerca do rótulo ‘Violência Urbana’ chama a atenção de que este estaria pressupondo a existência de uma violência inerente a cidade, este sistema teria a capacidade per se de gerar a violência, assim ele preferira o termo ‘violência na cidade’, pois a cidade seria apenas o contexto em que a violência se manifesta. No entanto, se se entender o sistema do espaço cidade, com as variáveis sistêmicas sociais e econômicas – o que no instante se insere na cultura pós-moderna, tem-se dentro deste a capacidade de se gerar violência a partir do instante em que os indivíduos não são é igualitários nas variáveis sociais e econômicas.

O mesmo autor assume, mesmo que em última análise, “que experimentar um aumento de criminalidade em nossas grandes cidades significaria pagar o preço do ingresso na modernidade.” Assim, todos os preços são cobrados e pagos a partir de uma cultura pós-moderna.

Então a violência é um fator contido na cidade, e assim, o medo, a insegurança e a busca por segurança; para exemplificar isto temos o fato da ocorrência destas nos mais distintos espaços que se inserem em um sistema urbano.

Verifica-se então, que o imaginário do medo pode ser encontrado no sistema urbano em geral, que estejam direcionados ao princípio mercado em detrimento do social, dentro da cultura pós-moderna é que se observa a forma do comportamento social e suas atuações no espaço, modificando-o em função desse imaginário, é esta cultura é que ocasiona os motivos da exclusão, da violência e do medo e de seu imaginário.

Nas cidades a configuração espacial se rende á busca do alívio do sentimento de medo e por segurança, assim cresce a indústria de segurança com espaços reclusos, como também a organização de espaços públicos cada vez mais seletivos. Essa configuração se rende também a marginalizar (colocar a margem) cada vez mais os estranhos e estereótipos ameaçadores, com a exclusão de pobres e insubordinados ao padrão específico de cada sociedade.

Em nome da segurança fecham-se ruas, cercam-se praças, constroem-se shoppings, condomínios e centros empresariais cujos princípios básicos são autosuficiência, em que consiste em concentrar o máximo de serviços no seu interior, dependendo, assim, o mínimo possível de serviços externos, ou seja, 'da rua'; e exclusão, afastando, assim, potenciais desordeiros e criminosos, como também indivíduos e grupos indesejáveis em tal local, para poder-se garantir a homogeneidade da classe e dos estilos ali presentes, nos intramuros. "A aparelhagem tecnológica de defesa contra assaltos instalada em muitos bairros da cidade estaria muito menos associada ao crime, mas a um mecanismo encontrado pelas pessoas para enfrentar suas inseguranças com relação à modernidade. Através desses aparelhos de proteção, assim como da exigência de mais policiamento no bairro ou apoio á segurança privada, as pessoas estariam delimitando o 'seu lugar' em detrimento do 'lugar dos outros'(ADORNO, 2006).

É ainda, pregada a homogeneidade da heterogeneidade, ou seja, locais de centro de consumo que proclamam o acesso de todos os setores da sociedade, peneirando os indesejáveis indiretamente, através de atrações e preços, como é verificado nos espaços públicos atuais.

Os espaços públicos, atuais, fazem perceber o que é o ser humano e sua estupidez, BAUMAN (1998) coloca duas formas de existência do espaço público, o primeiro, aquele que serve de vitrine, ninguém ali, e não é feito pra ter alguém, pra existir fenômenos, na verdade na cidade não há 'lugar', não há

troca nem afeto nos espaços públicos urbanos. O segundo, é aquele que se categoriza o tempo de lazer e consumo, a coletividade, que não está interagida, que não é coletiva, simplesmente garantem mais e mais 'seus individualismos', alimentando seus vazios interiores, sempre vazios. E esse público vai ser selecionado pelo preço, Pelo custo de se estar ali!

A sociedade recorrendo à privatização da segurança acarreta, portanto, uma segregação espacial e social crescente, consagrando a desigualdade e legitimando o princípio de exclusão; como, também, um controle social crescente no interior dos espaços privadamente policiados, consagrando o modelo de 'sociedade disciplinar' e sacrificando a liberdade e privacidade individuais.

Há, porém, argumentos que defendem essa segurança, como a incapacidade do estado de deter a criminalidade, a observada ineficiência da segurança pública, a constante inoperância dos mecanismos protetores de que o indivíduo dispõe contra abusos do próprio Estado, além de garantir ao Estado uma renda que não será desprendida que poderia garantir uma gestão mais racional e segura. No entanto, nenhum deles defende suprimir a fenomenologia do cotidiano da sociedade⁷.

Torna-se inevitável o avanço destes serviços, por conta do aumento do temor e da sensação de falência ou insuficiência dos serviços estatais, como, também, em função da própria dinâmica capitalista que, ao transformar segurança em mercadoria, gera novos grupos de interesse que pressionam pela expansão desse mercado.

O mercado da segurança viabiliza a era antropofágica e a antropeômica⁸, a primeira consiste na aniquilação dos estranhos e na

⁷Em Europa: uma aventura inacabada, quando discorre sobre a passagem Do Estado social para o Estado de segurança, Bauman ressalta que a indústria da segurança pode se tornar a principal beneficiária do dismantelamento do Estado social. O Estado tendo abandonado a promessa de proteger os indivíduos, encolhe suas decisões soberanas e já não pode beneficiar-se daquilo que até então justificava sua existência e parte em busca de uma legitimação alternativa. O Estado lança a demanda da segurança pessoal, alimentada pela fragilidade dos vínculos humanos, pelo nervosismo, pelo medo, pela sedução sempre fugaz e pelo estímulo frenético ao consumo. O Estado de segurança surge como alternativa diante de temas ameaçadores como imigração, segurança interna, terrorismo e oferecem um campo fértil para sua legitimação.

GERZSON, Vera Regina Serezer Uma esperança chamada Europa, Resenha do texto Europa: uma aventura inacabada de BAUMAN, Zygmunt. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006. 151p.

⁸Expressões ancoradas nos conceitos de Lévi Strauss por BAUMAN, Zygmunt, em *O Mal-estar da Pós-modernidade*.

transformação desses em um tecido indistinguível do que já havia, a fim de abafar a diferença e reforçar a conformidade. A segunda trata-se de vomitar os estranhos, a fim de baní-los dos limites do mundo ordeiro, impelindo-os de toda a comunicação com este mundo, isso se dá através da confinação desses estranhos dentro das paredes dos guetos.

Oficialmente, no Brasil os serviços particulares de vigilância e guarda surgem em 1969, pelo decreto que obriga as instituições financeiras a contratá-los sob pena de interdição do Banco Central, tendo o objetivo de prevenir assaltos por grupos “subversivos”, assim, transbordou a esfera bancária e abrangeu os centros urbanos, se expandido para a população em geral em torno das décadas de 70 e 80.

3. 3. 2. EXPLANAÇÃO A CERCA DO FENÔMENO DA VIOLÊNCIA E SUAS CONEXÕES COM A SOCIEDADE EM CIDADES BRASILEIRAS

Nesse contexto tem-se a violência real nas cidades que serve de ferramenta para efetuar a produção do imaginário e seus reflexos espaciais. Pois, falar de elevação do medo social e da necessidade de segurança e o usufruto desses para no sistema da cultura pós-moderna remete ao que desencadeou isso, suas formas e seus processos, às suas conexões com a sociedade.

Pode-se colocar, de acordo com WAISELFISZ (2006), que a caracterização do fato violento, que leva às causas externas de mortes, são os homicídios, acidentes de transportes, suicídios e óbitos por uso de armas de fogo⁹; no entanto o processo do fato violento é de formas das mais variadas, que se seguem de furtos, roubos, arrombamentos de imóveis, a assassinatos e roubos arquitetados a centros com grande circulação de capital; mas no

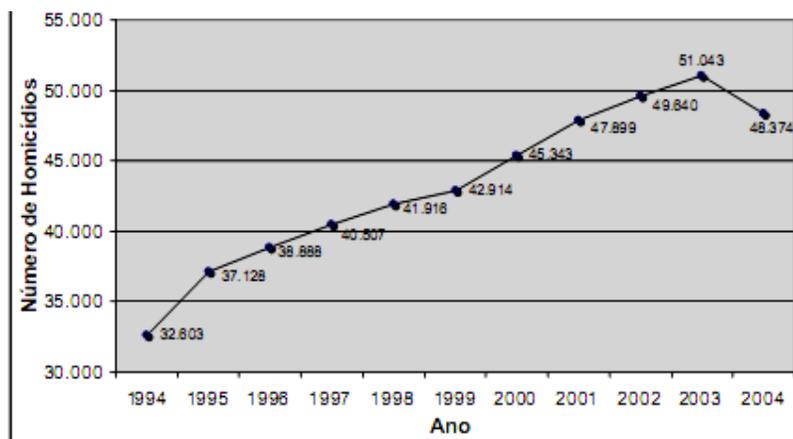
⁹ Acidentes de transporte: Incorporam, além dos comumente denominados "acidentes de trânsito", outros acidentes derivados das atividades de transporte, como o aéreo, o aquático etc. Homicídios: Correspondem a uma agressão de terceiros, os quais utilizam quaisquer meios para provocar danos, lesões, que levam à morte da vítima. Suicídios: Correspondem às Lesões Autoprovocadas Intencionalmente, que levam à morte. Óbitos por uso de armas de fogo: Trata-se de todos aqueles óbitos acidentais, por agressão de terceiros, autoprovocados intencionalmente ou de intencionalidade desconhecida, cuja característica comum foi a morte causada por uma arma de fogo.

resultante do fato quem é delido são cidadãos que compõem a sociedade e tem direito à cidadania.

Entre 1980 e 2000, cerca de 600 mil pessoas morreram vítimas de homicídios no Brasil (IBGE, 2004). Em 1980 ocorreram 11,7 mortes por homicídios a cada 100 mil habitantes, já em 2002 foram 28,5 homicídios por 100 mil habitantes (SIM- DATASUS).¹⁰ É importante que seja feita uma ressalva

Segundo o mapa da violência de 2006, com base nos dados do SIM (Subsistema de Informação sobre Mortalidade) homicídios no Brasil entre a década de 1994 e 2004, teve um acréscimo de 48,4% , tendo como taxa anual uma regularidade até 2003 de 5,1%, enquanto que o crescimento populacional foi 16,5%, porém após o início de políticas de desarmamento no país a taxa de crescimento anual se converte de 2003 a 2004, para um decréscimo de 5,2%. (ver gráfico 1)

GRÁFICO 1 – NÚMERO DE HOMICÍDIOS NO BRASIL – 1994-2004



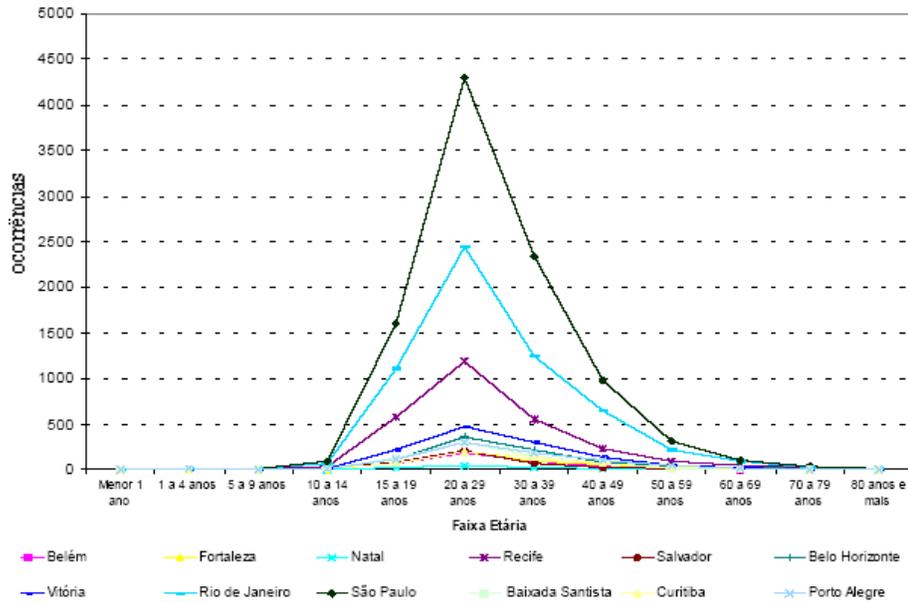
FONTE: MAPA DA VIOLÊNCIA, 2006.

No tocante aos homicídios na população jovem, tem-se como crescimento na década citada um número de 64, 2%, sendo Pernambuco, Espírito Santo e Rio de Janeiro são as UF que apresentaram as maiores

¹⁰ Informações trabalhadas por NERY, o qual faz uma ressalva sobre a qualidade variável dos dados produzidos pelo SIM para mortes violentas, pois há Estados com coleta e consistência mais eficientes que outros. Entretanto, para estudos de grandes tendências, como as apontadas acima, esta variação não é um problema. NERY, Marcelo Batista, *Gestão urbana: sistemas de informação geográfica e o estudo da criminalidade no município de São Paulo*, Dissertação de Mestrado, INPE, São José dos Campos, 2006.

taxas de homicídio totais e juvenis no ano de 2004. No entanto os jovens são os que cometem mais delitos violentos. (ver gráfico 2 e tabela 1).

GRÁFICO 2 – ÓBITOS POR AGRESSÃO SEGUNDO GRUPOS ETÁRIOS, CAPITAIS – 1998.



FONTE: DATASUS. IN: ADORNO, Sergio, *Dossiê Exclusão socioeconômica e violência urbana*, Sociologias, Porto Alegre, ano 4, n° 8, jul/dez 2002, p. 84-135

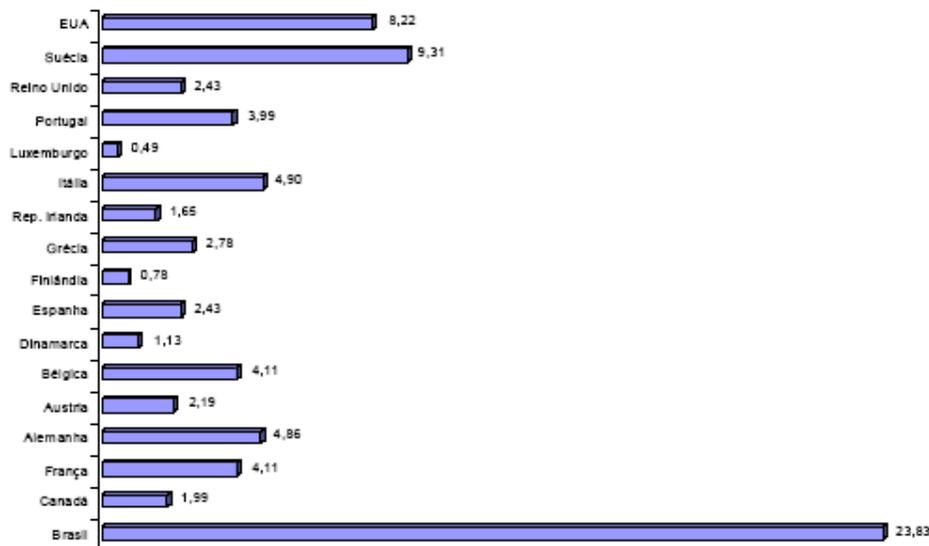
TABELA 1 – ORDEM DOS ESTADOS POR TAXA DE HOMICÍDIOS DA POPULAÇÃO TOTAL E JOVEM DO BRASIL 1994 - 2004

UF	População Total			UF	População Jovem		
	Posição em		Taxa em 2004		Posição em		Taxa em 2004
	1994	2004			1994	2004	
Pernambuco	5º	1º	50,7	Rio de Janeiro	1º	1º	102,8
Espírito Santo	2º	2º	49,4	Pernambuco	6º	2º	101,5
Rio de Janeiro	1º	3º	49,2	Espírito Santo	5º	3º	95,4
Rondônia	6º	4º	38,0	Distrito Federal	4º	4º	74,8
Distrito Federal	4º	5º	36,5	Amapá	2º	5º	73,4
Alagoas	10º	6º	35,1	Alagoas	12º	6º	72,0
Mato Grosso	15º	7º	32,1	Paraná	18º	7º	59,9
Amapá	3º	8º	31,3	Rondônia	7º	8º	58,3
Mato Grosso do Sul	9º	9º	29,6	São Paulo	3º	9º	56,4
São Paulo	8º	10º	28,6	Mato Grosso do Sul	9º	10º	50,8
Paraná	16º	11º	28,1	Goiás	16º	11º	47,7
Goiás	13º	12º	26,4	Minas Gerais	24º	12º	46,7
Sergipe	11º	13º	24,4	Mato Grosso	23º	13º	44,7
Pará	19º	14º	22,7	Roraima	8º	14º	41,6
Minas Gerais	25º	15º	22,6	Rio Grande do Sul	15º	15º	37,7
Roraima	7º	16º	22,6	Acre	10º	16º	37,5
Ceará	22º	17º	20,0	Pará	17º	17º	37,3
Acre	12º	18º	18,7	Sergipe	11º	18º	36,1
Paraíba	20º	19º	18,6	Ceará	21º	19º	34,6
Rio Grande do Sul	18º	20º	18,5	Paraíba	19º	20º	31,7
Amazonas	14º	21º	16,9	Amazonas	13º	21º	30,6
Bahia	17º	22º	16,6	Bahia	14º	22º	28,4
Tocantins	21º	23º	16,4	Tocantins	22º	23º	24,0
Plauí	27º	24º	11,8	Plauí	27º	24º	20,8
Maranhão	26º	25º	11,7	Rio Grande do Norte	20º	25º	19,4
Rio Grande do Norte	23º	26º	11,7	Maranhão	26º	26º	19,1
Santa Catarina	24º	27º	11,1	Santa Catarina	25º	27º	18,6

FONTE: SIM/SVS/MS

As taxas de homicídio no Brasil são ainda 30 ou 40 vezes superiores às taxas de países como Inglaterra, França, Alemanha, Áustria, Japão ou Egito. Contudo, é entre os jovens que essas diferenças internacionais tornam-se realmente dramáticas. Os índices brasileiros são 100 vezes superiores aos de países como Áustria, Japão, Egito ou Luxemburgo. (ver gráfico 3)

GRÁFICO 3 – TAXA DE HOMICÍDIOS – 1995, COMPARAÇÃO INTERNACIONAL 100.000HABITANTES.



FONTE : **Brasil** - Datasus; **Europe** - État de la Crim in ali té et la Délinquance en France et dans l'Union Europeenne Ministère de L'Interieur; **USA** - Uniform Crime Reports, 1996, U.S. Dept. of Justice, FBI; **Canadá** - Statcan.ca. In : ADORNO, Sergio, *Dossiê Exclusão socioeconômica e violência urbana, Sociologias, Porto Alegre, ano 4, nº 8, jul/dez 2002, p. 84-135.*

No tocante dos homicídios por armas de fogo, este vem crescendo desde 1983, principalmente na população juvenil, chegando em 2003 com 34,4% do total de mortes juvenis tendo como causa armas de fogo. Assim o Brasil ocupa, entre 65 países do mundo, a segunda colocação, após a Venezuela, com uma taxa de 20,7 mortes por armas de fogo em 100.000 habitantes. Como também, com uma taxa de 43.1 mortes por armas de fogo em 100.000 jovens, ocupa a primeira posição no ranking juvenil.

Tanto ADORNO (2002) quanto BITOUN *Et al* (2002) concordam que há uma violência estrutural, que advém de características das estruturas sociais e econômicas desde 1990; como a concentração da propriedade da terra, efeitos das políticas de ajuste estrutural, corrupção, desigualdade social, o analfabetismo; o desemprego e a crescente intensificação da concentração de renda e das desigualdades das condições de vida

Através dos panoramas expostos sobre a violência, no Mapa da Violência, em dados do IBGE, IPEA e do SIM, conjunto com o panorama estrutural dos centros urbanos que é onde se pode ver mais acirrada as

desigualdades sócias, verifica-se o aumento da violência criminal urbana, pelas ações do crime organizado, como o tráfico de drogas e o comércio ilegal de armas, e a difusão do uso de armas de fogo; Ocorre uma vitimização do pobre dentro do fenômeno da violência (Briceño-León In: SANTOS, 2002), verifica-se, também, dos atores da violência, com roubos espontâneos.

Há ainda outras formas que se disseminam no Brasil, como aponta ADORNO (2002), o crescimento da delinqüência urbana, em especial dos crimes contra o patrimônio (roubo, extorsão mediante seqüestro) e de homicídios dolosos (voluntários); a emergência da criminalidade organizada, em particular em torno do tráfico internacional de drogas que modifica os modelos e perfis convencionais da delinqüência urbana e propõe problemas novos para o direito penal e para o funcionamento da justiça criminal; graves violações de direitos humanos que comprometem a consolidação da ordem política democrática; a explosão de conflitos nas relações intersubjetivas, mais propriamente conflitos de vizinhança que tendem a convergir para desfechos fatais.

Pode-se, fazer uma estreita associação, entre a desigualdade social e segregação urbana com a produção de uma exclusão social (ênfatisada nos outros capítulos quando se coloca a exclusão como fator de geração da violência e aquela como derivada pelo sistema socioeconômico que priorize o mercado não o social), assim, essa exclusão se torna marcada pelo desemprego, pela precarização do trabalho, salários insuficientes e por deficiências do sistema educacional, ou seja, questão de estrutura social.

Na cidade temos o palco exato para a passagem das diferenças, TUAN (1979 p. 251 e 252) da relevância à heterogeneidade da cidade, e coloca que esta está intrinsecamente ligada a exclusões e violências:

“De uma perspectiva aristotélica e sociológica, a cidade não são “paus e pedras”, mas uma complexa sociedade de pessoas heterogêneas vivendo perto umas das outras. Idealmente, pessoas de diferentes procedências habitam em harmonia e usam seus diferentes dons para criar um mundo comum. Todas as vezes que isso acontece, a cidade é, durante esse tempo, uma soberba realização humana. Porém, a heterogeneidade é também uma condição de conflito. Durante sua história a cidade tem sido oprimida pela violência e pela ameaça constante do caos.

Dentre os muitos intrincados temas desta história, merecem especial atenção os seguintes: conflitos violentos entre os cidadãos poderosos e a criação de uma fortificada paisagem do medo; perigo e ansiedade em relação aos estrangeiros no

meio urbano; medo de anarquia e revolução, isto é, a queda de uma ordem estabelecida por massas inassimiláveis e incontroláveis; **aversão e medo dos pobres, como uma fonte potencial de corrupção moral e de doença; e medo dos imigrantes pobres.**”

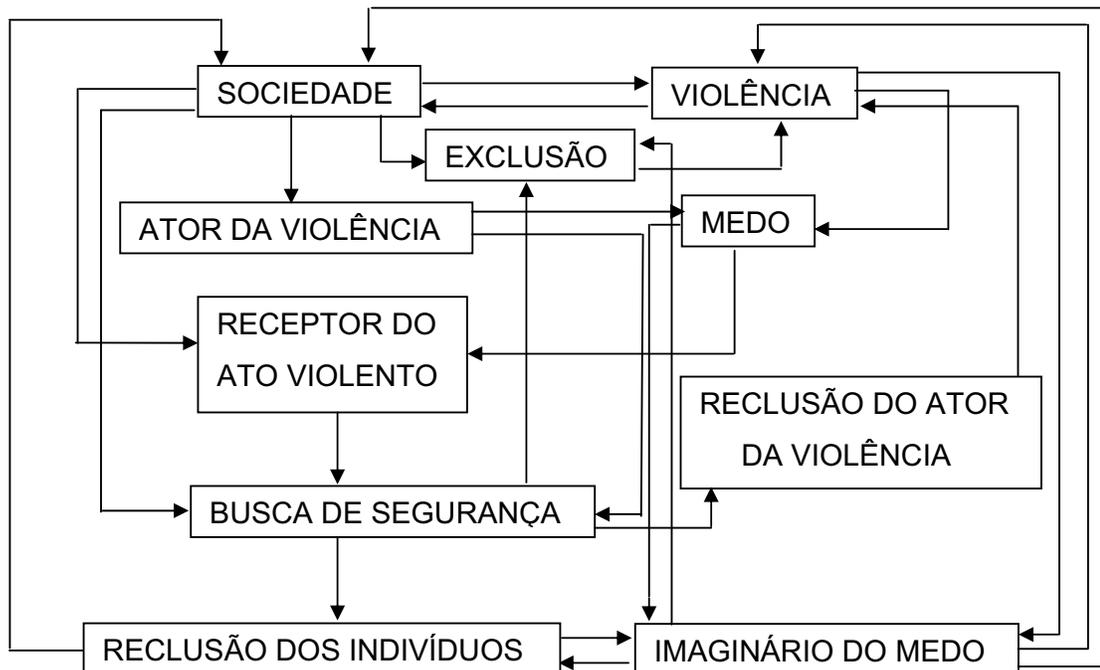
Essa concepção pode ser comprovada ao longo da história das cidades, como também, na análise atual dessas, no Brasil cidades do Sul e Sudeste são representantes de elevadas fobias aos imigrantes nordestinos, muitas vezes atribuindo altos índices de violências a esses, no entanto, por exemplo, é notado que quase totalidade de presos da cidade de São Paulo, é oriunda da capital e grande São Paulo.¹¹

No caso pernambucano, pode-se verificar a existência de uma paisagem com dominantes heranças da época em que as atividades canavieiras dividiam a paisagem e grande parte da sociedade em ricos poderosos, donos de terras; e os pobres, exilados ao nível da classe submissa e amedrontada, trabalhadores rurais. Atualmente, o medo não é mais exclusivo de uma porção da sociedade, mas sim de sua totalidade o medo abarca todas as esferas, sendo que em cada qual um motivo equivalente.

Assim, pode-se vê um fluxo sistêmico na ascensão da insegurança dentro do atual panorama, relacionando a sociedade e a violência. (*ver esquema 3*)

¹¹ FONTE: Censo Penitenciário realizado pela Secretaria de Administração Penitenciária do Estado de São Paulo. 2002.

ESQUEMA 3– REPRESENTAÇÃO SISTÊMICA DA RELAÇÃO SOCIEDADE / VIOLÊNCIA



FONTE: AUTORA, 2007

Têm-se então, como principal alimentação do sistema a sociedade e a violência, que pode ser fruto desta sociedade, o que acarreta uma relevância nos conceitos e valores dos indivíduos que constituem essa sociedade, nela estarão inseridos tanto o ator da violência, quanto o receptor, os que são excluídos e os que são reclusos, tal fato não significa cada qual enquadrado em uma variante, pois os indivíduos podem estar mesclados dentro do sistema; “em sistemas que envolvem pessoas não é a pessoa que é um elemento, mas seus estados de fome, de desejo, de companheirismo de informação ou um outro traço de qualidade relevante para o sistema”¹², ou seja, a interação do indivíduo com as demais variantes.

A imagem do fluxo que é gerado mostra claramente que o medo é advindo do ato violento, mas também é próprio do ser humano sentir medo, se resguardar, por exemplo, de uma rua escura durante a noite, mesmo sem esse medo ter sido originado pelo saber ou pelo receber de um ato violento em determinada rua. No entanto trata-se do medo que é resultante da violência, da

¹² KUHN (1962) Citado por SANTOS, Milton, Espaço e Método, 4 ed. Editora: Nobel, São Paulo, 1997.

sua prática, o que incita a sociedade como um todo, incluindo o receptor da violência, à busca de segurança.

A forma dessa busca de segurança é que se diversifica e vai ter funções distintas e, a estrutura é trabalhada por um processo que gera uma forma que tem uma determinada função. É esta configuração que se analisará na cidade dita tão violenta do Brasil: Recife. As relações entre os índices de violência, necessidade de segurança neste espaço.

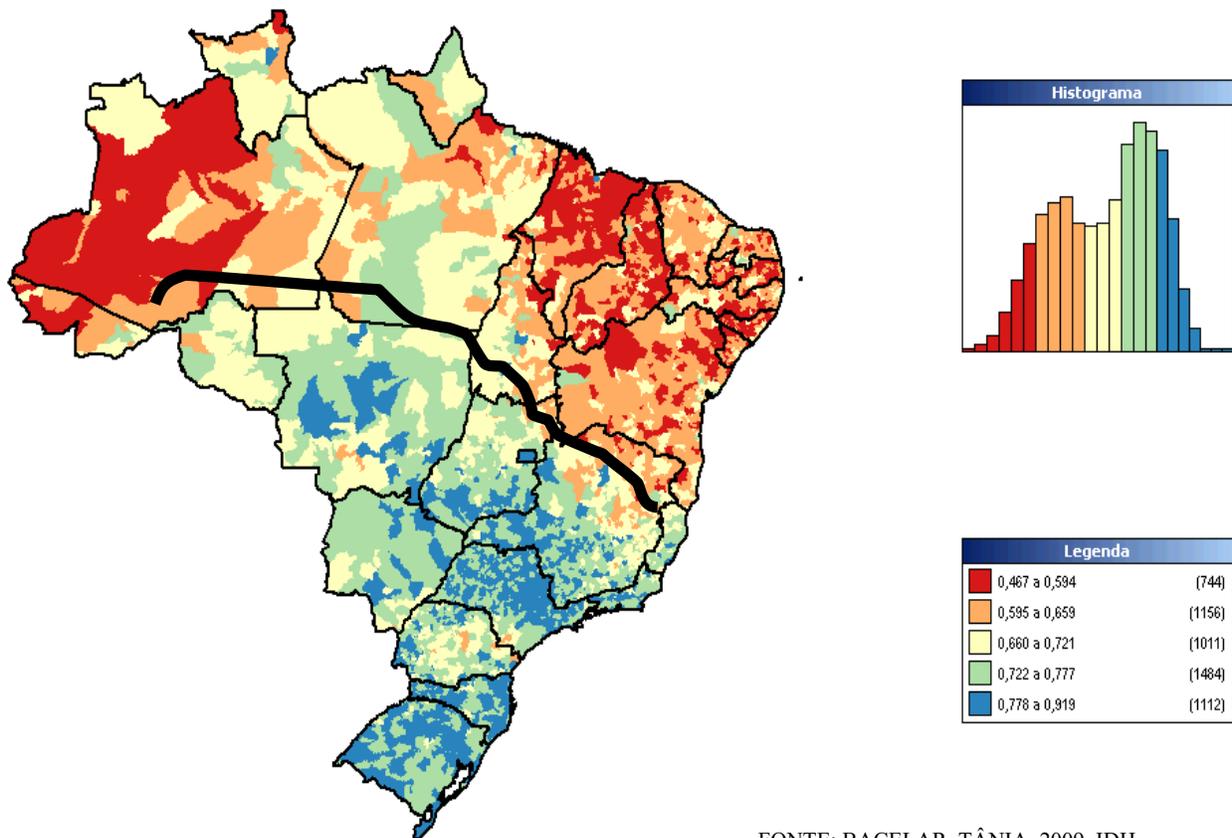
Na concepção chinesa, existem duas espécies de atividades: uma em harmonia com a Natureza e outra, contrária ao fluxo natural das coisas. Que seriam o Yin e o Yang, onde o “primeiro pode ser interpretado como correspondente à atividade receptiva, consolida Dora, cooperativa; o segundo, à atividade agressiva, expansiva e competitiva do eu.” (CAPRA, 1997). Enquadrando a segunda forma na ego-ação, vemos que na crise atual da cultura pós-moderna, os sintomas, advindos desta forma, de sensação de alienação e um aumento de doenças mentais, crimes violentos e desintegração social e um interesse maior na prática religiosa, não se distinguem de sintomas de crises dos períodos de transformações culturais em várias sociedades (CAPRA, 1997), então a causa não seria o ser e sua organização social? O pós-moderno estaria na forma resultante e em como ela se processa.

4. CAPÍTULO – INSERINDO O CONTEXTO DO BRASIL NO CONTEXTO DO FENÔMENO DA POBREZA E SUAS CORRELAÇÕES COM O IMAGINÁRIO DO MEDO PÓS-MODERNO

Este tema remete ao pilar da estrutura atual brasileira: a heranças do século XX, quando houve a supervalorização a indústria e do crescimento urbano, onde o Brasil foi um ícone de sucesso no crescimento econômico, concomitante um país de grandes desigualdades sociais e regionais, daí já sendo gerados territórios de exclusão. No final do século encontrou-se em plena crise, com desequilíbrio macroeconômico, alto endividamento e com um crescimento garroteado.

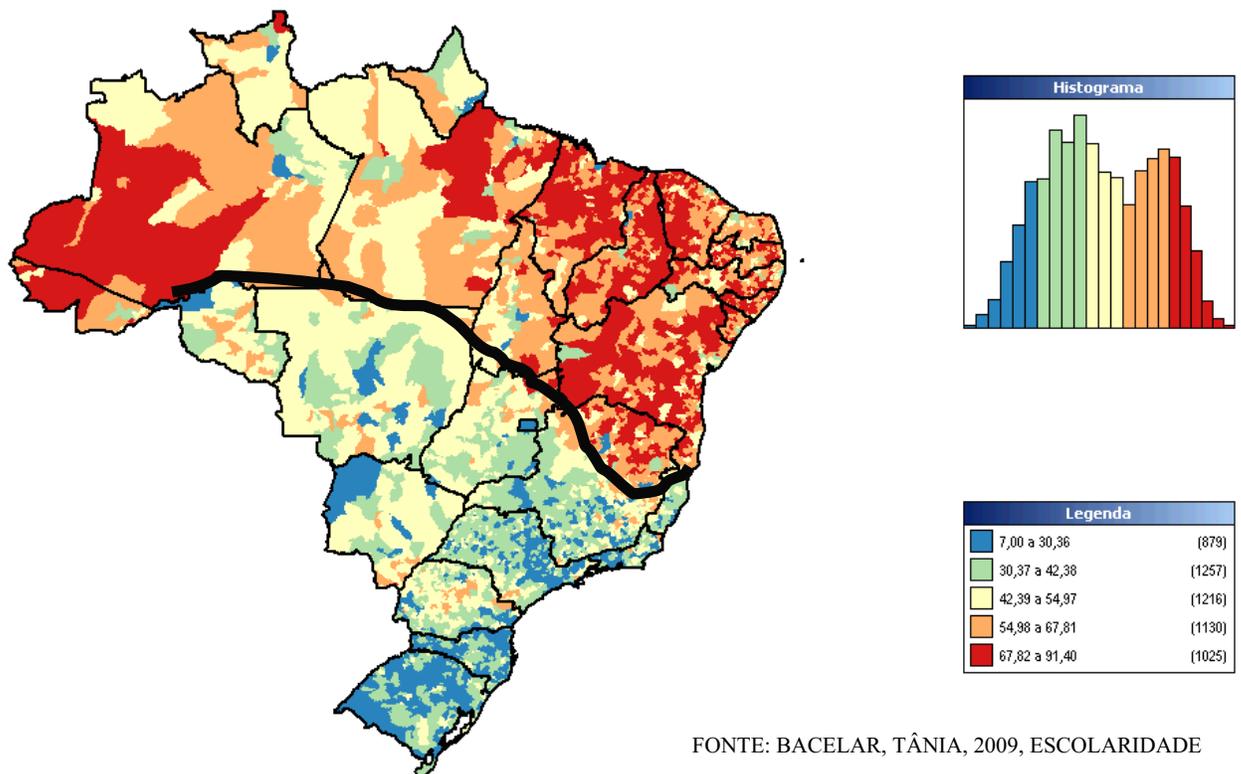
É observado que a evolução da economia brasileira fincou-se de forma conservadora e autoritária de desenvolvimento econômico, e que resultou em uma economia concentradora de riqueza, renda e poder. Conseqüentemente gerando a exclusão da maioria da população dos frutos do seu trabalho, do processo econômico em si. Nesta evolução está a origem das desigualdades sociais e regionais existentes no Brasil; o que pode ser evidenciado através dos quantitativos de Desenvolvimento Humano, escolaridade, níveis econômicos, taxas de desemprego, dentre outros indicativos sociais e econômicos. (*ver figura 1 e 2*).

FIGURA 1 – MAPA DE ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO MUNICIPAL/ANO DE 2000/BRASIL



FONTE: BACELAR, TÂNIA, 2009, IDH

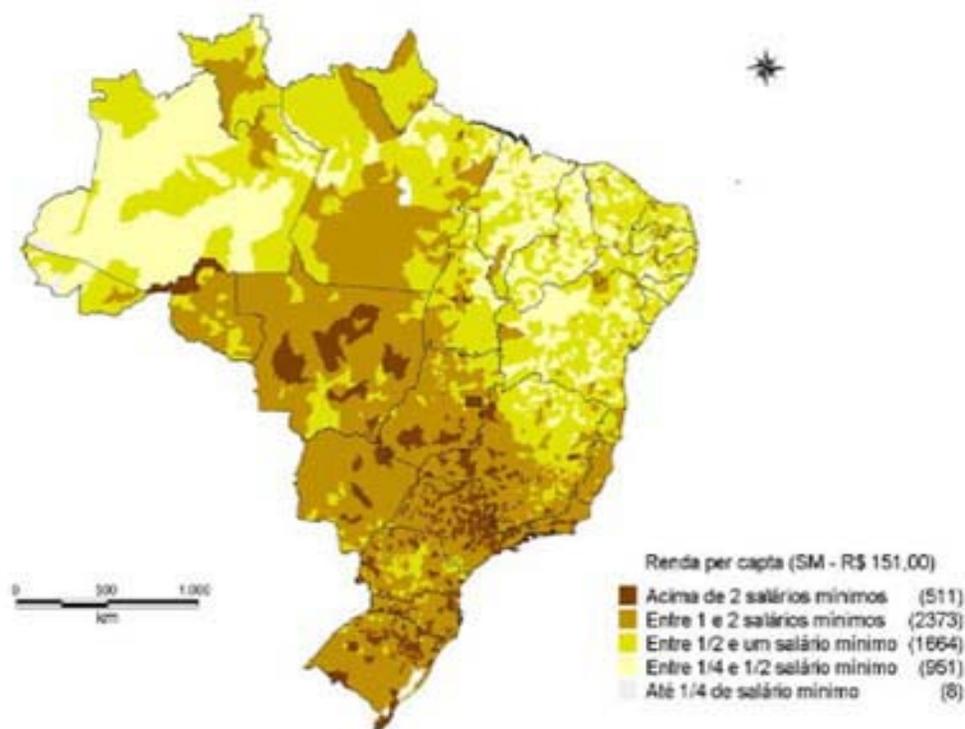
FIGURA 2 – MAPA DA DISTRIBUIÇÃO DE ADULTOS COM MENOS DE QUATRO ANOS DE ESTUDO/2000/BRASIL



FONTE: BACELAR, TÂNIA, 2009, ESCOLARIDADE

Os mapas mostram nitidamente no ano de 2000, dois brasis de acordo com o Índice de Desenvolvimento Humano – IDH e de baixa escolaridade, dados que correlacionados com os de distribuição de renda no país, acentua essa divisão (*ver figura 3*). Embasada nesses dados e em análises qualitativas BACELAR mostra que, o resultante são territórios de exclusão no país, palcos de índices de pobreza, baixa escolaridade, espaços e populações excluídas de direitos sociais públicos (por não serem assistidos em educação, lazer, saúde, saneamento, ornamentação pública e moradia).

FIGURA 3 – RENDA PER CAPTA/2000/BRASIL



FONTE: Renda per capita, 2000. IPEA.

Essa visão, de dois brasis de acordo com índices sócio econômicos não é algo evolutivo, é algo que se mostra constante desde o início do século XX (*ver tabela 2*). Fato que se repete no século XXI, com pequena diminuição da linha de extrema pobreza, como também, diminuição na concentração de renda da classe pobre, em função de aumento na classe rica, ou seja, continuidade do aumento da concentração de renda na classe rica (*ver gráfico 4*); no entanto um há um grande aumento no consumo e a sociedade brasileira

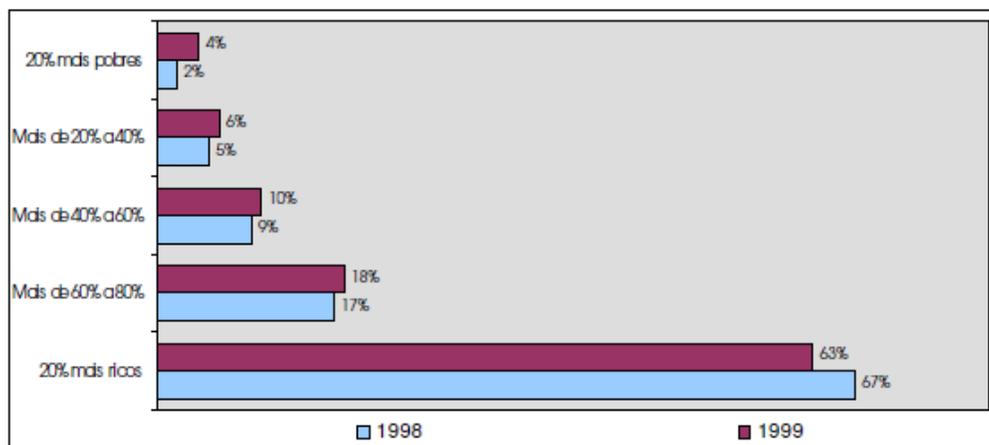
passa a ter os reflexos de desigualdade social estável, mas ascensão de classes no rendimento do mercado.

TABELA 2 – NÍVEL DE POBREZA POR ANO

ANO	POBREZA		
	PERCENTUAL DE POBRES	HIATO MÉDIO DA RENDA	NÚMERO DE POBRES (EM MILHÕES)
1977	39,6	17,2	40,7
1978	42,6	21,0	45,2
1979	38,8	16,9	42,0
1981	43,2	19,5	50,7
1982	43,2	19,8	52,0
1983	51,1	24,5	62,8
1984	50,5	23,5	63,6
1985	43,6	19,7	56,9
1986	28,2	11,3	37,6
1987	40,9	18,7	55,4
1988	45,3	21,8	62,6
1989	42,9	20,6	60,7
1990	43,8	21,1	63,2
1992	40,8	19,7	57,3
1993	41,7	19,8	59,4
1995	33,9	15,3	50,2
1996	33,5	15,6	50,1
1997	33,9	15,4	51,5
1998	32,8	14,7	50,3
1999	34,1	15,4	53,1

FONTE: PNAD(1977 a 1999).

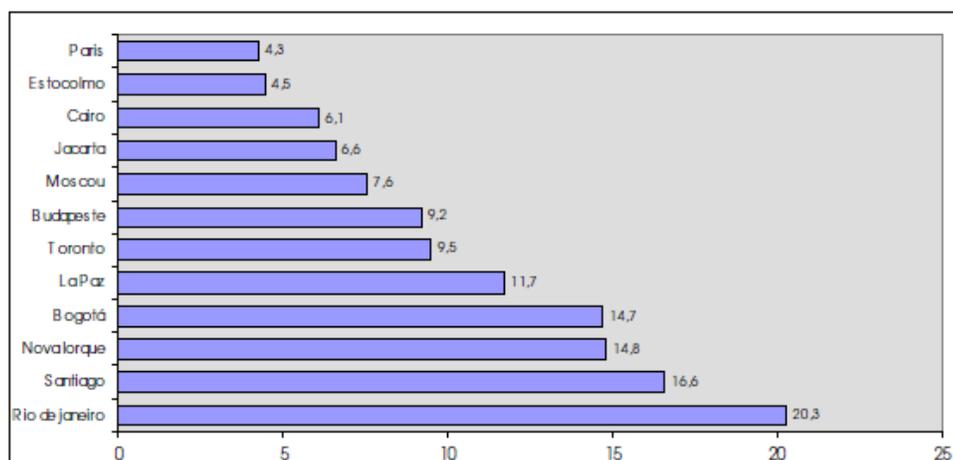
GRÁFICO 4 – DISTRIBUIÇÃO DE RENDA SEGUNDO CLASSES DE PERCENTUAL/1998-1999/BRASIL



Fonte: PATRI, 2000.

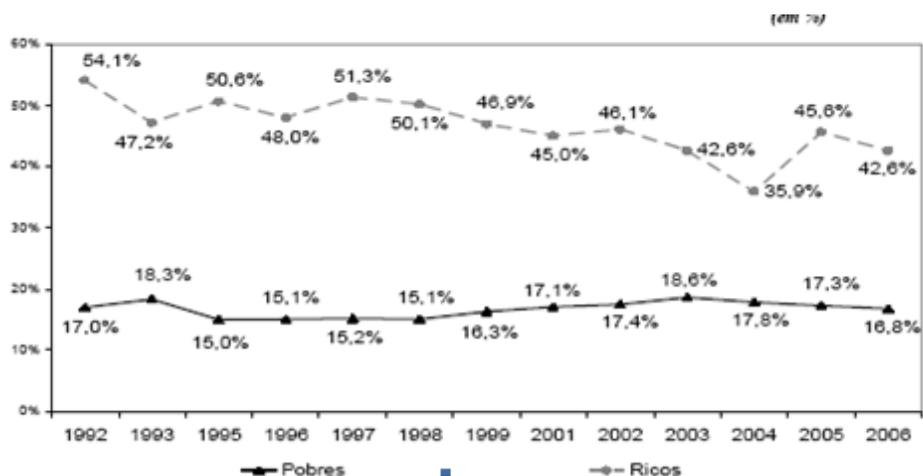
Esses fatos refletem no/e o século XXI. De forma a evidenciar que sócio-economicamente a população não ficou mais pobre e desigualdades acentuadas em grandes cidades. Analisando as metrópoles (São Paulo; Rio de Janeiro, Belo Horizonte; Salvador; Recife e Porto Alegre), brasileiras, vê-se que o Rio de Janeiro, metrópole ícone do Brasil, é a cidade dita com maior concentração de renda em relação ao Brasil e mundo desde 1993, tratando-se dos extremos das classes de pobreza e riqueza (*ver gráfico 5*); no entanto, há redução e certa estabilidade da proporção de pobres - De 2001 a 2007 a redução da pobreza foi de 7.2%, tendo uma elevação em 2003. (*ver gráfico 6 e 7*).

GRÁFICO 5 – COMPARAÇÃO DA RAZÃO ENTRE OS 20% MAIS RICOS E OS 20% MAIS POBRES EM CIDADES ÍCONES



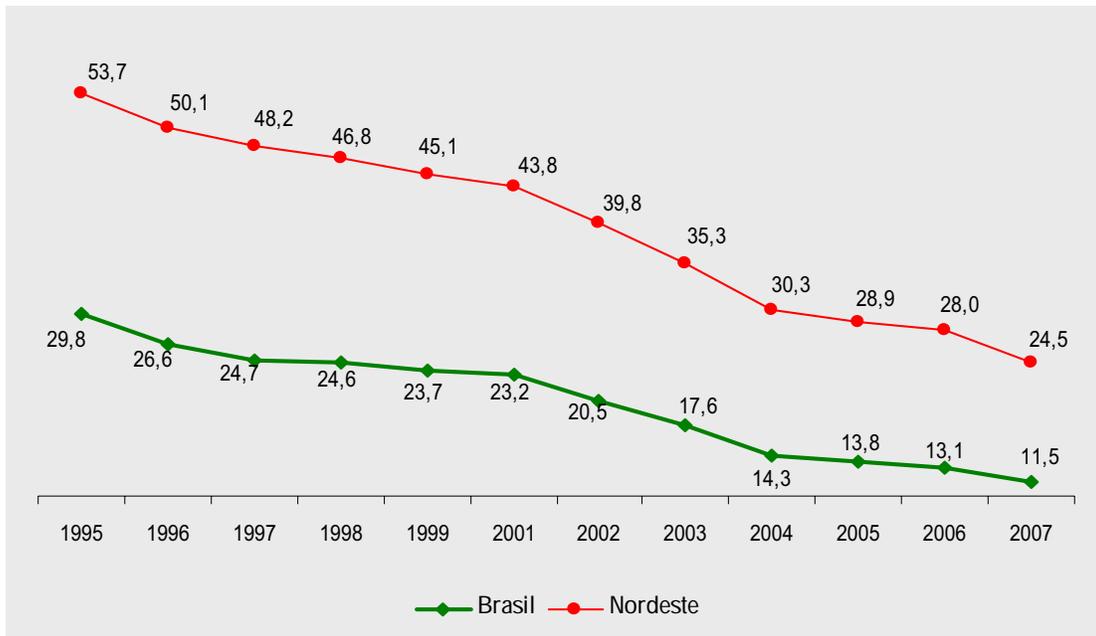
Fonte: PATRI, 2000.

GRÁFICO 6 – PARTICIPAÇÃO DAS REGIÕES METROPOLITANAS NO TOTAL DE RICOS E POBRES/1992-2006/BRASIL



FONTE: IPEA, 2008.

GRÁFICO 7 - REDUÇÃO DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE POBREZA/1995-2007/BRASIL-NORDESTE



Fonte: IBGE. PNAD. Estimativa IPEA. Parcela da população vivendo com menos de ¼ do Salário Mínimo per capita. Em SM, a preços de 2007.

Uma idéia que é bem difundida no imaginário social é a de que 'a pobreza é a causa da criminalidade ou do aumento da violência' isto é mostrado por MISSE (1995) e corroborado por SOUZA (2008), e bem explicitado neste estudo no tocante da percepção da pobreza no sistema do imaginário do medo; no entanto ao analisar o panorama econômico social brasileiro, observa-se grande elevação de consumo por parte da população e diminuição da pobreza, mas ainda assim uma elevação nos índices de violência, isto dá uma linha inicial de desmistificação desta resposta simples para o problema complexo.

Acontece o que WACQUANT (2001), chama de triste fenômeno contemporâneo que compreende o *tratamento social* da miséria como o *tratamento penal*: nas classes sociais do país, a defesa dos direitos do homem com "tolerância à bandidagem". Ele identifica quatro fatores que influenciam a violência estabelecida no país: a criminalização dos pobres; à estrutura de dominação na qual o país se manteve historicamente, seja através da exploração de outros países sobre as riquezas do país, seja a partir de manutenção de abismos sociais imensos; o agravamento da insegurança criminal no país a partir da intervenção do Estado a partir da violência letal como prática rotineira pela polícia militar e da tortura como prática da polícia

civil, a partir das execuções sumárias, grupos de extermínio e os “desaparecimentos” que geram um clima de verdadeiro medo entre as classes populares; a estratificação etnoracial brasileira e a discriminação baseada na cor como características das burocracias policial e judiciária.

5. CAPITULO – A PERCEPTIBILIDADE SOCIAL DA POBREZA NO SISTEMA DO IMAGINÁRIO DO MEDO

5.1. A ESPECIFICIDADE DA POBREZA NA SOCIEDADE PÓS-MODERNA

O sistema social moderno, tem como subsistema a pobreza que si interliga com a distinção social que o primeiro gera, sendo o segundo um sistema como um todo, tendo os indivíduos com uma certa homogeneidade de atuação e mobilidade no seu interior. Assim, pode-se estudar esse subsistema, como um fenômeno social em que as interações ocorrem entre pobres e não pobres (SIMMEL, 2002), entre ‘normais e estigmatizados’¹³ (GOFFMAN, 1988), sendo o processo dessas interações correspondente ao contexto temporal e espacial do fenômeno, ou seja, o processo dessas interações da pobreza com e na sociedade vária na escala temporal e espacial de cada sociedade.

A pobreza é um processo dinâmico em que grupos da sociedade expressam falta de subsídios para a sustentação de si e inserção no modo de vida considerado essencial a sustentação da vida dentro de um sistema social, ou seja, dentro de um fluxo que envolve o ideal sócio – político – financeiro presente em cada sociedade.

O conceito de pobre estático, sendo medido a partir de uma linha de renda atual de um indivíduo ou grupo, o que pode ser mutável, não consegue abranger a conceituação de pobre na realidade contemporânea; pois ao considerar a variável renda, não se esta vendo aquele que não tem recursos para satisfazer suas necessidades, e cada classe social tem suas necessidades básicas e o fato de não poder satisfazer essas é considerado pobreza. Um indivíduo pode ser pobre inserido em uma sociedade moderna e ter condições de sobrevivência.

No entanto deve-se distinguir pobreza de miséria, que na definição de WEEB(1911), “os pobres seriam aqueles com um poder de compra mais reduzido que o considerado normal para o ambiente em que vivem, e os miseráveis estariam privados de necessidades vitais, com precárias condições de vida.”

¹³ Usa-se o termo normal no sentido popular para aqueles sem estigmas.

Mas o que seria ser pobre dentro do contexto atual, da modernidade? Seria ainda, somente, a falta de alimentação adequada, a carência de habitação e vestuário, a baixa escolarização, a falta de participação nas decisões políticas, enfim, a falta de renda para satisfazer as necessidades do ser? Ou o fenômeno pobreza, dentro do atual panorama de modernidade, começa a atingir a vários sentidos, já que pode se ter renda para a satisfação das necessidades básicas pessoais, mas, no entanto, não para gozar de investimento em tecnologia residencial. Assim, a pobreza, atinge níveis e faltas específicas na modernidade.

A pobreza existe em toda parte, no entanto sua definição é relativa a uma determinada sociedade, a medida válida, torna-se a atual dada pela situação do indivíduo na sociedade a que pertence (SANTOS, 1978), Assim sendo, gera uma paisagem, uma organização espacial, que a caracteriza como área de pobreza de acordo com as especificidades da sociedade.

Analisando o processo de crescimento e modernização por qual se passou os sistemas econômicos, políticos e sociais, vê-se a transcrição na pós-modernidade, das conseqüências de se trocar capital humano empregado por capital técnico empregado, onde a geração de empregos só aumentou o desemprego; pois o progresso técnico por qual se passou, e que em outras escala ainda se passa, mudou drasticamente as estruturas de produção.

COURA (2009), discorrendo a respeito das concepções de SIMMEL, mostra que por conta do individualismo adquirido no sec. XIX, que marcou um rearranjo de valores na configuração da vida moderna influenciando, profundamente, as relações dos indivíduos uns com outros sob o signo do individualismo. Tem-se uma reconfiguração que se estabelece também com o processo intensificado da divisão do trabalho tornando o indivíduo, cada vez mais, especializado e mais dependente da complementaridade das atividades de outros e dos mecanismos tecnológicos e monetários, trazendo conseqüências significativas para a vida interior.

5. 2 PERCEPTIBILIDADES ENTRE O FENÔMENO DA POBREZA E O FENÔMENO DO IMAGINÁRIO DO MEDO

O atual panorama das condições histórico/social/político/cultural absorve um fenômeno da pobreza intimamente interligado a este, como também a perceptibilidade deste por parte de indivíduos e grupos sociais, é uma percepção coletiva que nas palavras de SIMMEL, é uma atitude blasé coletiva, em que o indivíduo é determinado pela reação da totalidade, onde o todo é levado por uma postura de desconfiança, indiferença e reserva, o que para o mesmo autor é uma forma de socialização constante na vida metropolitana. (SIMMEL, 1987).

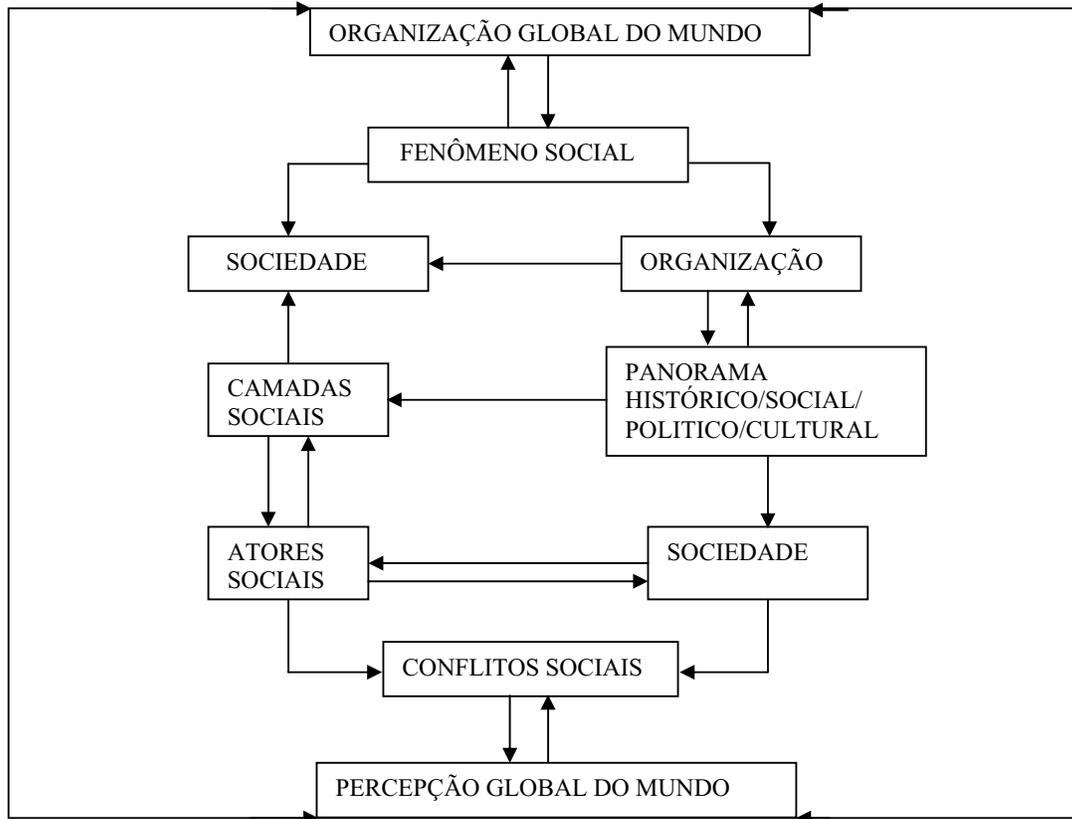
Tomando como base o fluxo sistêmico teórico (*ver fluxograma 2*), estabelece-se o fluxo entre o fenômeno da pobreza na sociedade moderna e suas interações.

A perceptibilidade coletiva do fenômeno social da pobreza, associa o pobre a comportamentos e características, criando uma representação social do pobre, o 'estigma': uma identidade social do pobre, como defende GOFFMAN, 1988, assim, de acordo, com a percepção social "estabelece-se os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias."

Idéia que é corroborada pelas concepções de BAUMAN e COURA, quando a primeira ressalta que cada sociedade cria seus estranhos e fornece subsídios para a permanência dessa criação e a segunda quando fala:

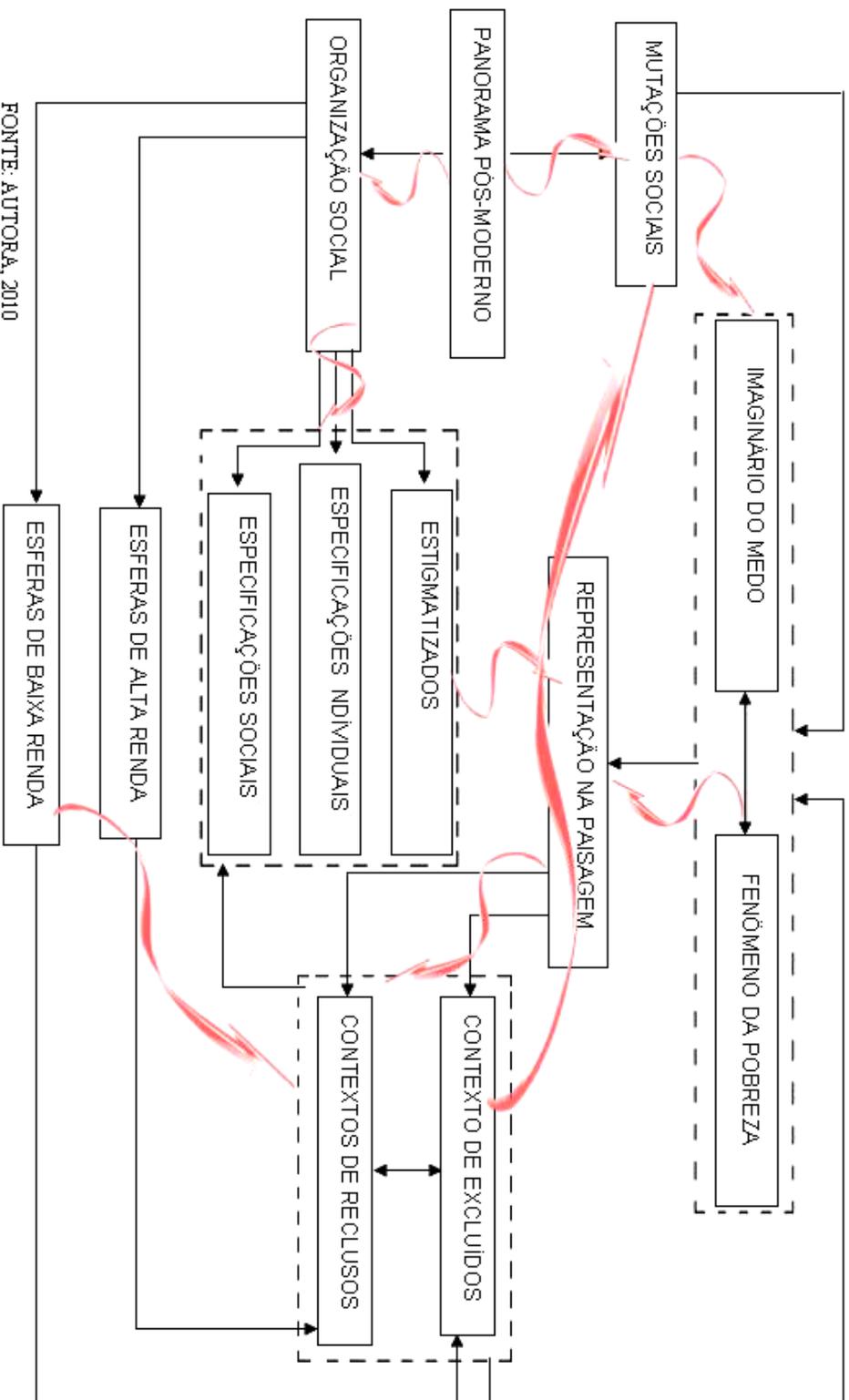
"quando estamos diante do outro, somos levados a categorizá-lo de acordo com as variáveis de que dispomos em nosso repertório de categorias. Esta classificação é tomada de acordo com as representações construídas em cada contexto. A sociedade acaba criando estereótipos para cada tipo social de indivíduo e aguarda dele um tipo de resposta condizente a esta imagem criada socialmente. Na interação face a face, por exemplo, tendemos a acreditar que a performance do outro deverá estar de acordo com o que esperamos."

FLUXOGRAMA TEÓRICO 2



Tomando como base que há este fluxo sistêmico, e após as elucidações teóricas trazidas até este capítulo pode-se visualizar o que antes foi explicitado: a inerência da percepção a um sistema social. Então se observa as interações entre o fenômeno da pobreza em uma sociedade moderna e os fenômenos interligados a este, o que neste estudo, aborda o imaginário do medo, transcrito por uma percepção social, adquirida a partir da sociedade componente: de seu contexto e da representação desse na paisagem. Assim forma-se o sistema do fenômeno da pobreza e sua correlação com mutações sociais. (ver esquema 4).

ESQUEMA 4 – FLUXOGRAMA DE CORRELAÇÕES ENTRE O FENÔMENO DA POBREZA E IMAGINÁRIO DO MEDO PÓS-MODERNO



FONTE: AUTORA, 2010

Ciclo da Percepção Social na correlação do Fenômeno da Pobreza e Mutações Sociais: A Percepção Social da Organização Social Pós-Moderna gera representações na Paisagem através de correlações com o imaginário do indivíduo de inquietude e insegurança, e por sua vez essas representações corroboram as Mutações Sociais Pós-Modernas

O fenômeno do imaginário do medo compreende uma representação da consciência que o percebe. Esse imaginário do medo vai ser uma criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras, formas, imagens a partir das quais somente é possível falar-se do perigo. Nas sociedades atuais são símbolos que se materializam no visível.

Esses símbolos são estereótipos de exclusão. O imaginário do medo é refletivo a cultura da sobrevivência e a cultura do bem estar: é resultado de uma concepção da cultura que não sabe pensar a dor sobre uma cultura que não sabe pensar o prazer. (EBRAICO, 2004).

O sistema capitalista que é excludente junto com sua formação social excludente cria os que são periféricos da sociedade, como os pobres, os estranhos – os não ditos normais, e os insubordinados. As desigualdades resultantes têm a capacidade de criar a realidade em cada momento de cada morador da cidade; o imaginário é parte de uma constituição social, não um reflexo da realidade, faz parte de uma estrutura de significados dos processos históricos e culturais dos espaços nos quais os seres dão sentido à existência. (GAREIS, 2008).

O imaginário sendo parte de uma constituição, de uma percepção social estará diretamente relacionado a espaços estigmatizados. O ser é essencial para a definição de uma paisagem através de sua observação, assim, quando essa observação se relaciona a espaços estigmatizados, construtos de espaços e grupos sociais, a percepção alcançada é a de que se enfraquece e aquilo que gera o medo é que tem o controle do instante que se tiver ali se relacionando com tais estigmas. Gera-se, então paisagens do medo, que são vistas por indivíduos com o concreto das sensações de medo sentidas, são paisagens que agridem o observador desencadeando o imaginário.

LINDON (2007), ao falar de paisagem do medo, como sendo “periferias excluídas”, afirma que “as formas espaciais constituem os cúmplices de um outro atacante”, ou seja, a configuração espacial pode se tornar viés de subsídios para ataques; o que é refletido no continuo aumento da sensação de risco e na fragilidade social.

Assim, o sentimento de insegurança torna-se perigoso a sociedade em mesmas proporções do fenômeno da violência, pois há mais pessoas com medo, que geram imaginários do medo, que alimentam esse imaginário dentro

de um panorama pós-moderno, que geram exclusão e fragmentação sócio-espacial, do que indivíduos objetos de violência. (SILLANO; GREENE; ORTÚZAR; 2006).

Então o que está intimamente ligado a estigmatização da pobreza, de pobres e espaços pobres é a sensação de insegurança e é em nome dessa sensação de insegurança que se alimenta o ciclo continuo de acentuar as desigualdades, se separar e se resguardar do que é perigoso, sem realmente haver uma resposta eficaz que trabalhe na base estrutural da sociedade.

O discurso analítico de causa e consequência para com a pobreza e a violência não é valido, é uma resposta simples a uma questão complexa, que envolve seres com edificações de percepções distintas em um sistema social interligado.

E é esta sensação de insegurança, algo subjetivo que advêm do construto espacial e social que é o viés dos meios de comunicação nas denúncias do fenômeno da violência, produzindo materiais informativos que adentram no imaginário e este ultrapassa o ser e o local. “Isto gera marcas sociais e a segurança cidadã torna-se uma demanda social ligada à percepção da violência.” (CARRIÓN; NUNEZ; 2006)

6. CAPÍTULO – O CENÁRIO RECIFENSE: PERCEPÇÃO PSICOSOCIAL DO MEDO FRENTE À ICONES DE POBREZA

Como mostra BAUMAN (2009, p. 32), “As cidade se transformam em depósitos de problemas causados pela globalização. Os cidadãos e aqueles que foram eleitos como seus representantes estão diante de uma tarefa que não podem nem sonhar em resolver: a tarefa de encontrar soluções locais para contradições globais.” E Recife não escapa a essa direta assertiva, tendo correlacionado a pobreza com o imaginário do medo sistemicamente interligados a fenômenos sociais com panoramas globais. Insere-se agora o fator psicossocial frente a essa correlação, através da estrutura da paisagem citadina e das percepções de atores sociais, entendendo-os como indivíduos e grupos sociais.

Isto é observado no Brasil através da chamada fragmentação sociopolítico-espacial por SOUZA (2008, p. 153), que transcreve os espaços ícones de exclusão e reclusão através de “Espaços por excelência da autosegregação; espaços por excelência da segregação induzida e espaços públicos anêmicos.”

O primeiro caso trata-se de condomínios exclusivos de classes média alta; o segundo retrata espaços do cidadão de segunda classe: as favelas e outros ícones de exclusão. O terceiro desfaça a democracia selecionando seus circundantes.

A cidade do Recife caracteriza-se, em particular, pela mescla de suas habitações e organização social, pois por conta de sua própria formação física, não há uma separação física entre as esferas sociais, há certa predominância de esferas em determinadas áreas, mas não uma separação, assim, os cidadãos, ditos humanos, utilizam-se da autosegregação para usufruírem de suas vidas sociais, pessoais, culturais, enfim a usam como forma de organização e distinção social. (*ver figuras 4 e 5*)

FIGURA 4 – MESCLA DE HABITAÇÕES E ORGANIZAÇÃO SOCIAL



FONTE: BACELAR, Tânia. 2009.

FIGURA 5 – AUTOSEGREGAÇÃO / IMAGEM DE RECLUSÃO SOCIAL



FONTE: AUTORA, 2010. RECIFE, BAIRRO DE CASA FORTE.

A pobreza alcançou uma dimensão tal que já não é mais possível escondê-la, removendo-a para a periferia. Ela se encontra em toda parte, inclusive onde a riqueza se concentra. Dados registrados no Plano Setorial de Uso e Ocupação do Solo, realizado pela PCR (2002), mostram que “nenhum bairro da cidade se situa a uma distância superior a 1,2 km de uma favela”.

Recife é uma metrópole com grande área de influência na Região Nordeste, junto com Salvador e Fortaleza, uma cidade litorânea, onde seu território perfaz 67,43% de Morros, 23,26% de Planícies, 9,31% de áreas Aquáticas e 8,6Km de extensão de praia, tendo 5,5% desse território como Zonas Especiais de Preservação Ambiental.

O Recife mantém uma divisão político-administrativa constituída de seis RPAs – Regiões Político-Administrativas – compreendendo os 94 bairros existentes na cidade. A funcionalidade dessa divisão está ligada as necessidades do planejamento e administração, no entanto, como afirma ARAÚJO (2002):

“essa divisão pode refletir a realidade dos diferentes territórios existentes na cidade, segundo do ponto de vista das relações sociais que neles se desenvolvem ou da realidade econômica da população que neles vive, permitindo que se identifiquem os locais onde os contrastes encontram-se mais acirrados. Aparentemente, pode não haver diferenças entre, por exemplo, ser pobre morando no Caçote, nas proximidades da Avenida Recife, e ser pobre morando na Lemos Torres, em Casa Forte, da mesma forma como ser rico morando em Boa Viagem e ser rico morando na Jaqueira. Mas é possível que, para a pobreza, do ponto de vista prático, a sua localização – próxima ou distante de áreas ricas – constitua um diferencial. Nesse tom especulativo, pode-se também pensar que a pobreza, quando se encontra espacialmente mais próxima à riqueza, dispõe de um leque mais amplo de estratégias de sobrevivência.”

Divisão das Regiões Político-administrativas do Recife (*ver figura 6 e 7*):

RPA 1, formada por 11 bairros: do Recife, Santo Antônio, São José, Boa Vista, Ilha do Leite, Soledade, Paissandu, Cabanga, Ilha Joana Bezerra, Santo Amaro e Coelhos.

RPA 2, constituída de 18 bairros: Torreão, Encruzilhada, Rosarinho, Ponto de Parada, Campo Grande, Hipódromo, Arruda, Campina do Barreto, Peixinhos, Cajueiro, Porto da Madeira, Água Fria, Alto Santa Terezinha, Bomba do Hemetério, Fundão, Linha do Tiro, Beberibe, Dois Unidos.

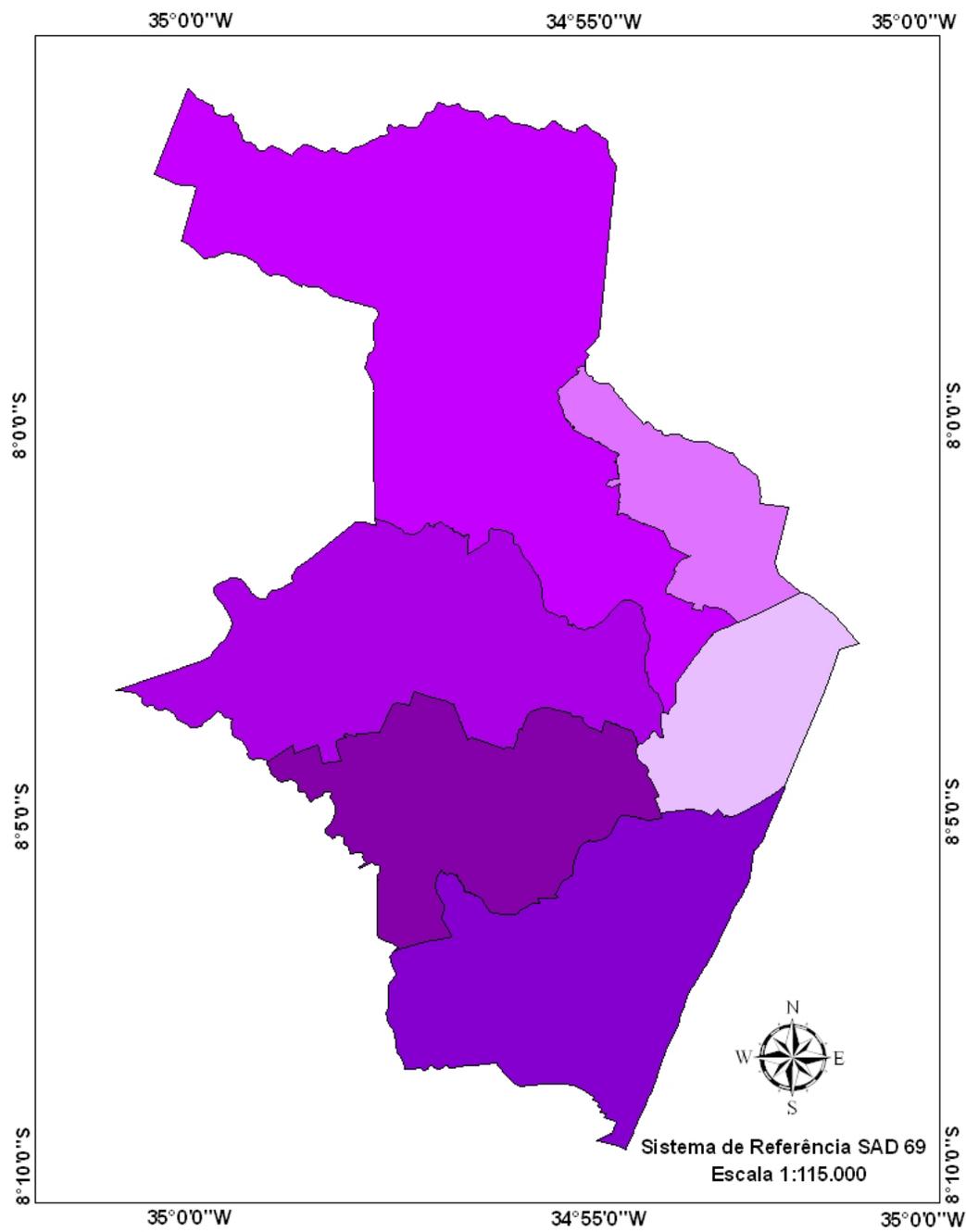
RPA 3, que compreende 29 bairros: Aflitos, Alto do Mandu, Apipucos, Casa Amarela, Casa Forte, Derby, Dois Irmãos, Espinheiro, Graças, Jaqueira, Monteiro, Parnamirim, Poço, Santana, Sítio dos Pintos, Tamarineira, Alto José Bonifácio, Alto José do Pinho, Mangabeira, Morro da Conceição, Vasco da Gama, Brejo da Guabiraba, Brejo de Beberibe, Córrego do Jenipapo, Guabiraba, Macaxeira, Nova Descoberta, Passarinho e Pau Ferro.

RPA 4, formada por 12 bairros: Caxangá, Cidade Universitária, Cordeiro, Engenho do Meio, Ilha do Retiro, Iputinga, Madalena, Prado, Torre, Torrões, Várzea e Zumbi.

RPA 5, constituída de 16 bairros: Afogados, Bongi, Mangueira, Mustardinha, San Martin, Areias, Caçote, Estância, Jiquiá, Barro, Coqueiral, Curado, Jardim São Paulo, Sancho, Tejipió e Totó.

RPA 6, que compreende 8 bairros: Brasília Teimosa, Ibura, Cohab, Jordão, Boa Viagem, Pina, Ipsep e Imbiribeira.

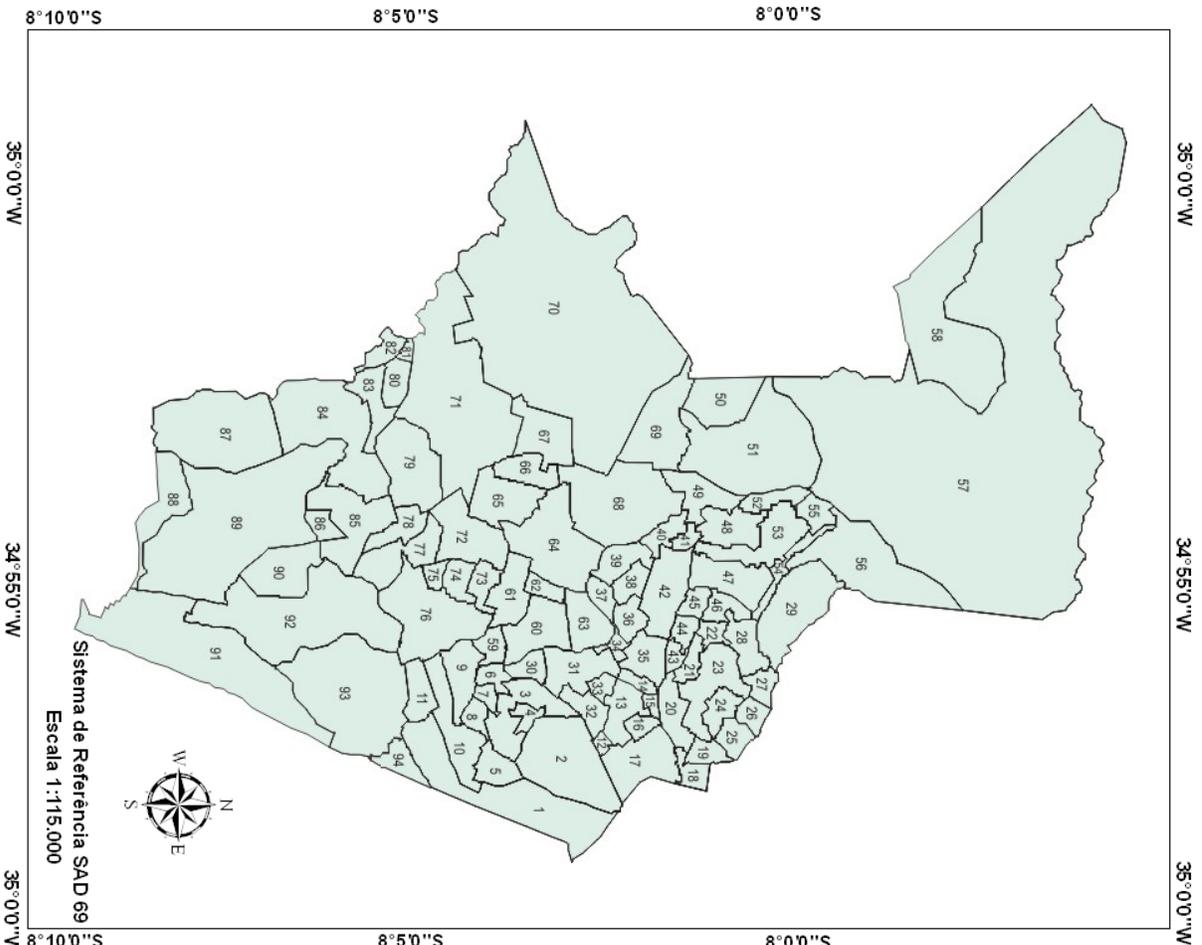
FIGURA 6 – MAPA DE DIVISÃO POR RPA

**LEGENDA****REGIÕES POLÍTICO - ADMINISTRATIVAS**

	RPA 1 - Centro		RPA 3 - Noroeste		RPA 5 - Sudoeste
	RPA 2 - Norte		RPA 4 - Oeste		RPA 6 - Sul

FONTE: ELABORADO NO ARC GIS POR BOTELHO, THATIANY
E SANTOS, ANTÔNIO MARCOS, 2010

FIGURA 7 – MAPA DE DIVISÃO POR BAIRROS



LEGENDA

- | | | |
|---------------------------|--------------------------|---------------------------|
| 1 - Recife | 30 - Alfios | 83 - Toméas |
| 2 - Santo Antonio | 34 - Jaquira | 86 - Engenho do Meio |
| 3 - Boa Vista | 35 - Tamatueira | 87 - Cidade Universitária |
| 4 - Solzardo | 36 - Panamirim | 88 - Pindaga |
| 5 - Santa Antônia | 37 - Santana | 89 - Caxanga |
| 6 - Passandú | 38 - Casa Forte | 90 - Várzea |
| 7 - Ilha do Leite | 39 - Poço | 91 - Carado |
| 8 - Coelhos | 40 - Monteiro | 92 - São Maria |
| 9 - Ilha Joana Bezerra | 41 - Alto do Monte | 93 - Burg |
| 10 - São José | 42 - Casa Amarela | 94 - Misericórdia |
| 11 - Cabanga | 43 - Mangabeira | 95 - Marquês |
| 12 - Torneio | 44 - Alto José do Pinho | 96 - Alagados |
| 13 - Emeralinda | 45 - Almo da Conceição | 97 - Uruia |
| 14 - Rosário | 46 - Alto José Bonifácio | 98 - Estrela |
| 15 - Porto de Piedade | 47 - Visão da Serra | 99 - Jardim São Paulo |
| 16 - Herculano | 48 - Miravalia | 100 - Sardinho |
| 17 - Campo Grande | 49 - Açueros | 81 - Told |
| 18 - Pavarinos | 50 - São dos Partes | 82 - Coqueiral |
| 19 - Campina do Banho | 51 - Dois Irmãos | 83 - Tejuá |
| 20 - Anália | 52 - Corrego do Amparo | 84 - São |
| 21 - Bomba do Hemeirão | 53 - Nova Descoberta | 85 - Arco |
| 22 - Alto Santa Teresinha | 54 - Burgo do Beberibe | 86 - Capão |
| 23 - Água Fria | 55 - Burgo da Guatambica | 87 - Canaã |
| 24 - Fundão | 56 - Passarinho | 88 - Louro |
| 25 - Cajueiro | 57 - Garibaldi | 89 - Iguara |
| 26 - Ponta da Madeira | 58 - Pau Terra | 90 - Ipeca |
| 27 - Beberibe | 59 - Ilha do Peirão | 91 - São Viegam |
| 28 - Linha do Tiro | 60 - Miracolina | 92 - Imbuena |
| 29 - Dois Unidos | 61 - Prado | 93 - Pira |
| 30 - Doury | 62 - Zumbi | 94 - Brasileira Teimosa |
| 31 - Geros | 63 - Torre | |
| 32 - Espirito | 64 - Condado | |

FONTE: ELABORADO NO ARC GIS POR BOTELHO, THAITIANY E SANTOS, ANTONIO MARCOS, 2010

Recife se enquadra na configuração que se adota nas demais cidades brasileiras: uma reestruturação, onde ocorre a construção de edifícios de luxo já não se restringe a áreas nobres ou centrais. Antigas áreas de galpões de fábricas, hoje são transformados em condomínios para classe média e alta, ou complexos comerciais modernos que visam atender essa elite, como também, áreas de fazendas transformam-se em condomínios fechados horizontais. (ver figura 8).

Como coloca LUCHIARI (2002), Tal reestruturação é inspirada no modelo norte-americano, em que se privilegia a privatização dos espaços públicos. “São imaginadas cidades ideais em que a população possa se isolar de todos os problemas.” Ou seja, é a dita sensação de bem estar adquirida em um ambiente fechado do convívio real em sociedade. Tal fenômeno, como já defendido, evidencia a autosegregação e a conseqüente cisão social em função da necessidade de atenuar os desconfortos urbanos, tais como falta de área verde, de segurança e de tranquilidade.

FIGURA 8 – Ícones de exclusão e reclusão em São Paulo



FONTE: ARQUIVO DA AUTORA. FOTO TRADICIONALMENTE USADA COMO ÍCONE DE DESIGUALDADE NA CIDADE DE SÃO PAULO, TRATANDO-SE DA FAVELA DE PARAISÓPOLIS AO LADO DE CONDOMÍNIOS FECHADOS DO MORUMBI.

6. 1 ICONES DE EXCLUSÃO

O Ser em si é formado e formador de conceito. Na sociedade contemporânea do século XXI esse se torna cada vez mais excludente; tanto o ser se exclui, como excluí o outro como simples necessidade de se conviver na 'selva' que os próprios seres criam.

Para sair do argumento filosófico, partindo ao demonstrativo – comprovativo, observa-se que o ocorrente fenômeno de estigmatização e construções de conceitos perante a imagens cidadinas é decorrente na Cidade do Recife.

Esse fenômeno é visto através da organização e percepção da sociedade recifense frente aos espaços de segregação induzida: Os pobres se retraem, os de alta renda se expandem.

Segundo levantamento feito pela URB-Recife, existem 393 áreas pobres contidas em 68 bairros na cidade do Recife, concentrando-se na RPA 3, com 28,50% e na RPA 6, com 23,41% (ver tabela 3, figura 2 e anexo 1). O IBGE considera como favelas apenas 64 destes assentamentos, que correspondem integralmente a um setor censitário e totalizam uma população de 124.064 habitantes, ou 9,22% da população do Recife. Para o IBGE 27% da população favelada encontra-se na RPA 5. (ver tabela 4).

TABELA 3
 RELAÇÃO DAS ÁREAS POBRES POR RPA /RECIFE 2000

RPA	TOTAL DE ÁREAS	%
RPA 1 - CENTRO	11	2,80
RPA 2 - NORTE	65	16,54
RPA 3 - NOROESTE	112	28,50
RPA 4 - OESTE	56	14,25
RPA 5 -SUDOESTE	57	14,50
RPA 6 - SUL	92	23,41
TOTAL	393	100,00

FONTES: URB-Recife-2000- - - - -

FIGURA 9 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DOS BAIRROS CONTENDO ÁREAS POBRES

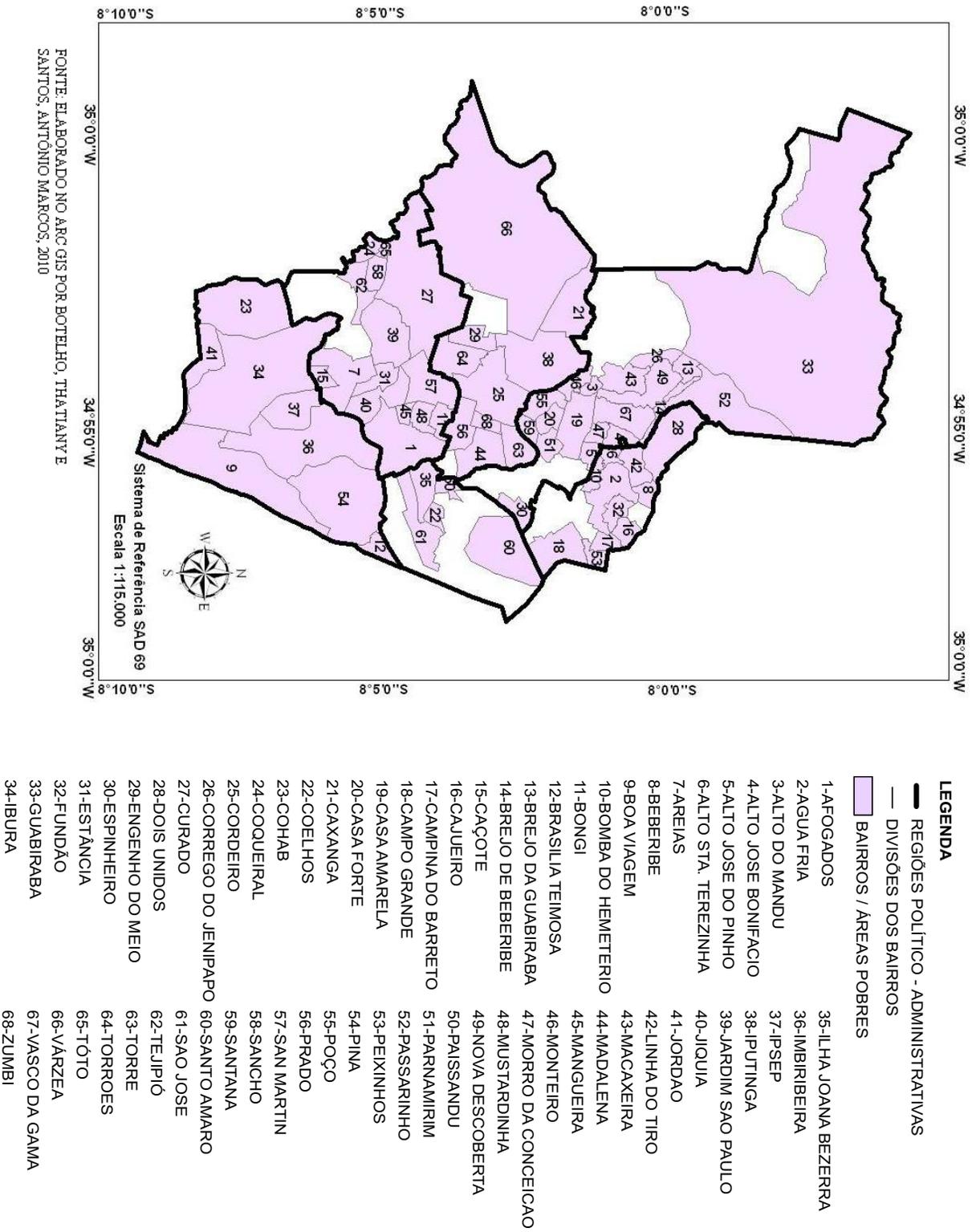


TABELA 4

POPULAÇÃO RESIDENTE EM FAVELAS

RPA	POPULAÇÃO RESIDENTE	
CIDADE DO RECIFE	124.064	100,00
RPA 1 - CENTRO	23.586	19,01
RPA 2 - NORTE	14025	11,30
RPA 3 - NOROESTE	20.487	16,51
RPA 4 - OESTE	10.300	8,30
RPA 5 - SUDOESTE	33.981	27,39
RPA 6 - SUL	21.685	17,48

FONTE: URB-Recife, 2000

Assim a PCR reconhece a existência de 66 Zonas Especiais de Interesse Social - ZEIS, disseminadas pelo espaço urbano, com uma população de 636.399 habitantes, ou seja, 47,30% da população recifense, em 12% da área total do município; agregando cerca de 80% da existência de 490 favelas que representam 15% da área total do município e 25% da área ocupada. (ver tabela 5, figura 10 e anexo 2).

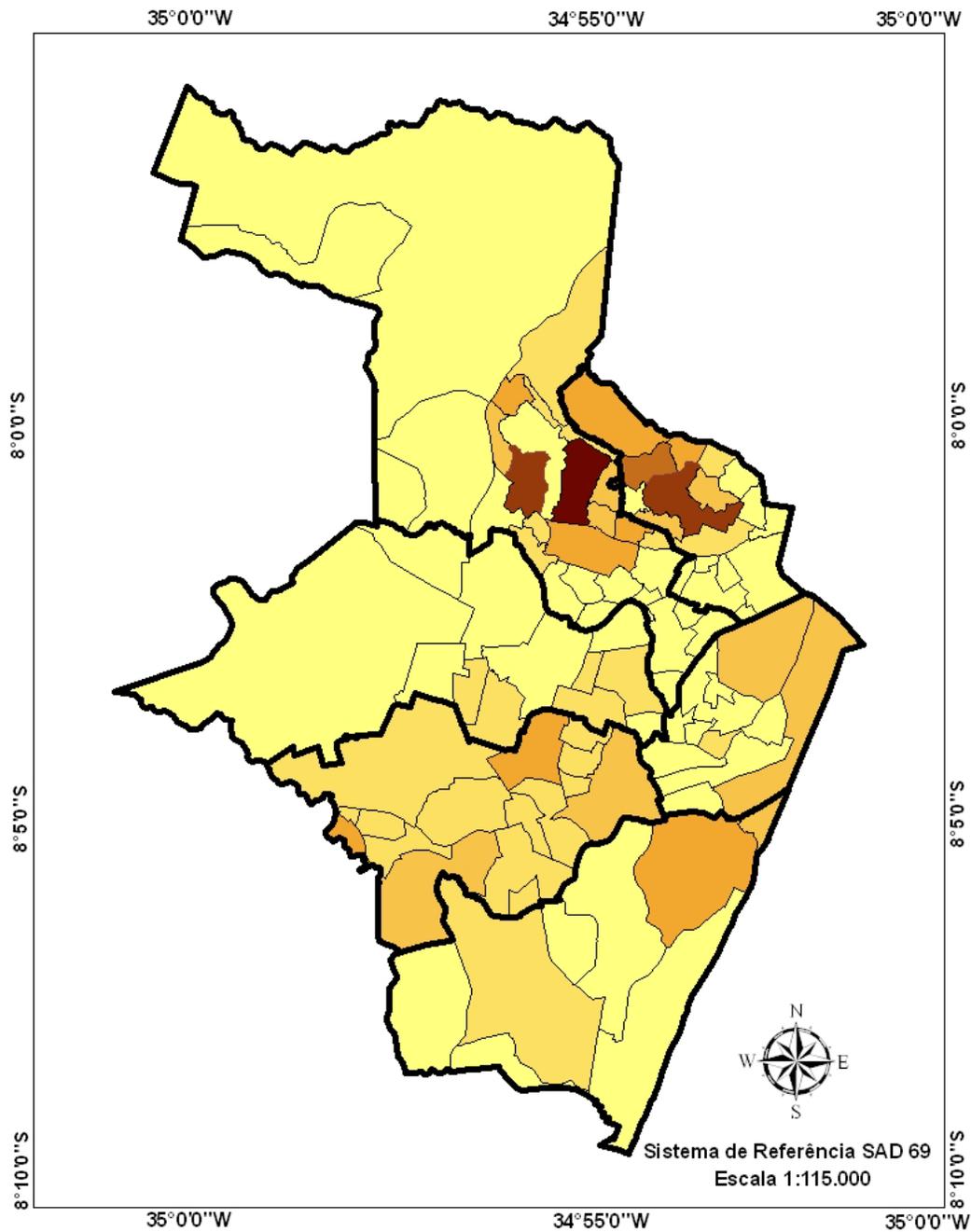
Tabela 5

POPULAÇÃO RESIDENTE EM ZEIS, ÁREA E DENSIDADE

RPA	QUANTIDADE	POPULAÇÃO	ÁREA (há)	DENSIDADE (hab/há)
RPA 1 - CENTRO	4	42.616	140,65	302,99
RPA 2 - NORTE	5	133.838	618,11	216,52
RPA 3 - NOROESTE	11	151.643	683,04	222,01
RPA 4 - OESTE	15	88.485	253,06	349,66
RPA 5 - SUDOESTE	17	121.422	400,23	303,38
RPA 6 - SUL	14	98.695	522,32	188,95
TOTAL	66	636.699	2617,41	243,26

FONTE: URB-Recife - Divisão de Gestão das ZEIS, 2000

FIGURA 10 – MAPA DE DENSIDADE DE ZEIS EM BAIROS POR RPA



LEGENDA

- REGIÕES POLÍTICO - ADMINISTRATIVAS
- DIVISÕES DOS BAIROS

ÁREAS - ZEIS

- 0,00
- 0,01 - 20,00
- 20,01 - 40,00
- 40,01 - 60,00
- 60,01 - 80,00
- 80,01 - 100,00
- 100,01 - 110,00

FORNE: ELABORADO NO ARC GIS POR BOTELHO, THATIANY E SANTOS, ANTÔNIO MÁRCOS, 2010

Os potenciais ícones de exclusão da cidade são disseminados em todo seu território, no entanto, contraídos em pequenas e desestruturadas áreas. A organização social e espacial caminha para a continuidade dessa condensação.

Analisando dados acima e relacionando com a topografia recifense, tem-se topograficamente aproximadamente 58 % das áreas pobres localizam-se em planície, 34% em morros e o restante 8% em áreas de alagados, com constância de áreas de morros nas RPAs 2 e 3 – no Norte e Noroeste de Recife; e de alagados na RPA 6 –Sul recifense. Assim sendo, cada localização das áreas pobres influi nas distinções de ser uma comunidade na RPA 4 ou 2 ou 6, por exemplo, pois sua topografia influi diretamente para a forma de relação com o entorno, obtendo-se, então, resultados de segregação induzida distintos.

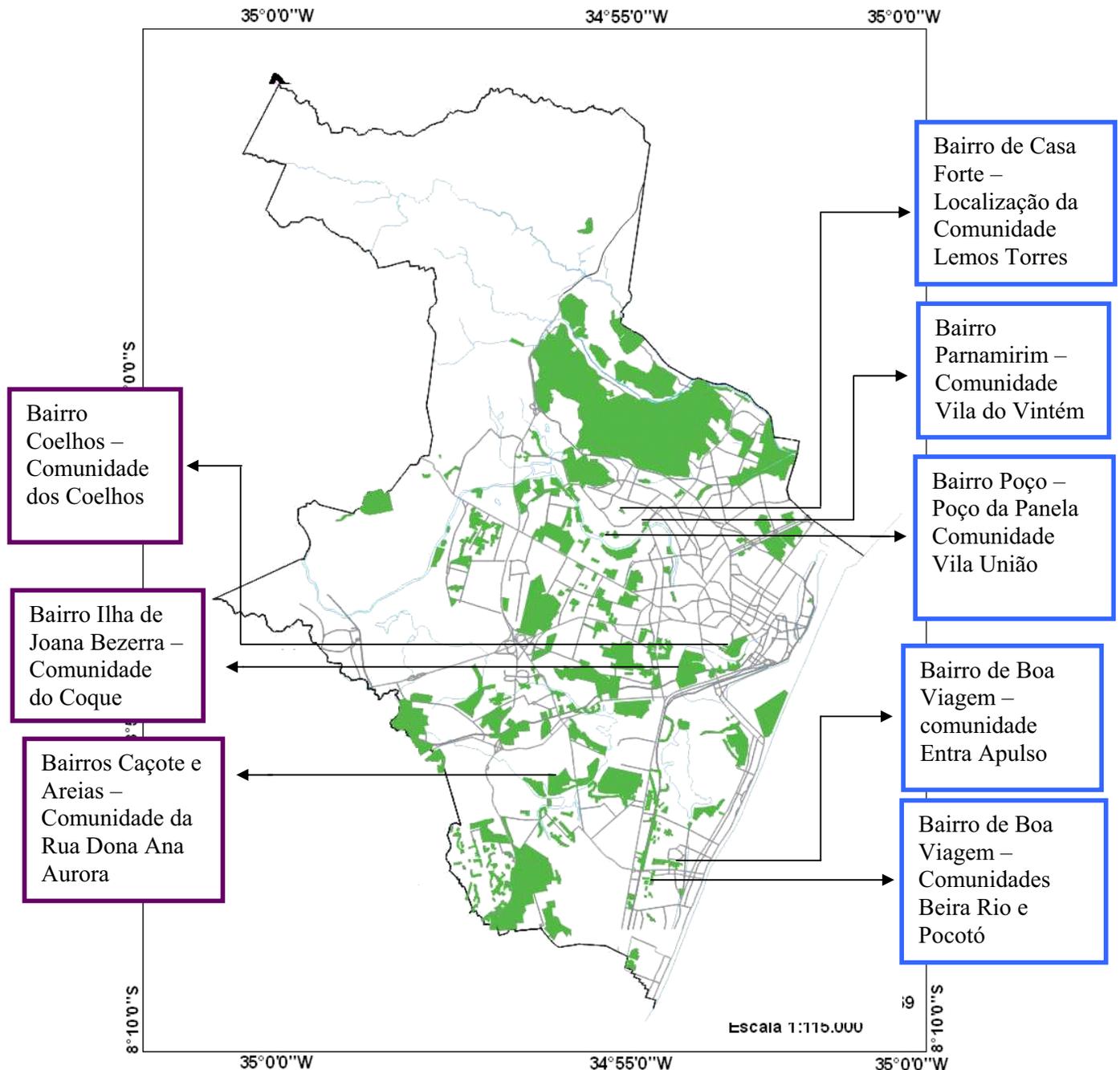
A relação autosegregação versus segregação induzida na cidade do Recife se dá em áreas de planícies e em alagados por conseqüência de sua topografia própria.

A localização de áreas pobres desconcentrada pela cidade do Recife, contendo cada bairro um contato próximo a uma 'favela, ou comunidade pobre, seja ele nobre e/ou central ou não, não significa o fincamento dessas áreas em locais centrais, nobres e valorizados; pois essas são incrustadas em espaços que foram sendo ocupados por populações de média e alta renda. Como as localizadas nos Bairros de Boa Viagem, Casa Forte, Apipucos e Torreão e assim sofreram adensamento em forma de inchaço – com corredor de quartos e habitações com mais de um andar, ou seja, foram comprimidos espacialmente, sem possibilidades de crescimento horizontal.

Dentre as áreas de ícones de exclusão e reclusão as com frutos diretos da relação autosegregação versus segregação induzida, são Entra Apulso, a qual já existia, quando se deparou com a instalação do Shopping Center Recife e os condomínios empresariais; os Coelhos quando surgiram o Pólo Médico e seus serviços complementares; A Vila do Vintém no Parnamirim, Lemos Torres e Ilha das Cobras em Casa Forte, quando se depararam com a expansão dos ícones de modernidade na cidade do Recife, com a instalação do Plaza Shopping, e a chegada da Mc Donald, em Casa Forte.

A respeito da espacialização das áreas pobres, espaços reflexivos de segregações induzidas e ícones de exclusão, observa-se a caracterização a seguir a figura 11.

FIGURA 11 – MAPA DE ESPACIALIZAÇÃO DAS ÁREAS POBRES POR BAIRROS



FONTE: AUTORA, 2010.

A TÍTULO DE NOMES DAS ÁREAS IR PARA ANEXO 1, QUE APRESENTA TABELA COM AS ÁREAS POBRES POR BAIRROS E RPA.

6.1.1. ANÁLISE PERCEPTIVA DA PAISAGEM EM ÁREAS ÍCONES DE EXCLUSÃO E SEGREGAÇÃO INDUZIDA

Ao falar de fotografias em comunidades pobres de palafitas residentes no bairro da Torre às margens do Rio Capibaribe, o fotógrafo Guga Matos expõe:

"Não registramos apenas as desigualdades sociais, entramos na realidade das pessoas para interagir com o fotografado. Entramos em barracos mínimos onde sobrevivem pessoas e chegamos ao ponto de ouvir uma mulher dizer que está com dor de cabeça de tanta fome. Essa é a realidade que vivemos decorrente da escolha da profissão. Mas sempre nos dá um aperto no peito em ver o descaso dos governantes com o povo tão sofrido e massacrado pela vida. A nossa intenção é mobilizar o leitor por meio de imagens. É isso que me inspira a retratar a realidade nua e crua que foge do pensamento de muitos que vivem em seus apartamentos e casas luxuosas." Guga Matos - Repórter fotográfico do Jornal do Commercio. (Publicado em 27.07.09 - Copyright © 2009, JC OnLine - Recife - PE - Brasil.)

É exatamente essa aproximação que a imagem pressupõe que permite fazer a análise da percepção da social dentro do fenômeno estudado, e a interpretação da percepção coletiva, através da imagem do fenômeno, ou seja, da paisagem que é observada como fruto da correlação do fenômeno da pobreza e do imaginário do medo.

A análise perceptiva denotou dois tipos de áreas de exclusão: 1- por conta do crescimento de bairros nos arredores e a conseqüente contração de uma área pobre. 2- por ícones da pós-modernidade de complexos comerciais/empresariais e condomínios fechados. E como foi dito por Matos a realidade mesmo ao lado foge a visão daqueles que estão reclusos, por que é realmente o que o corre os reclusos estão longe e em um mundo necessário ao bem estar de alto nível, necessidade tal que se tornou mercadoria essencial.

Dentre as áreas exclusas e contraídas por conta do crescimento de bairros nos arredores, foram denotadas as comunidades dos Coelhoos, Coque e Rua Dona Ana Aurora, nos Bairros dos Coelhoos, Joana Bezerra, Areias e Caçote, respectivamente.

As áreas dos Coelhoos e Coque são marcadas no imaginário da população por conta de seus históricos de roubos, conflitos por drogas e crimes; somando suas formas espaciais de pobreza, resultam em áreas que se encontram estigmatizadas e são vistas como paisagens do medo, ou seja, são

espaços que agridem o observador, denotando subsídios para o crime e por isso devem ser evitadas ao máximo.

A questão é que o histórico de ocupação dessas áreas remete a criação da cidade, já sendo, assim, uma comunidade bem solidificada, mais ainda com baixa renda que as enquadra nos estereótipos de possíveis atacantes à sociedade.

‘O coque’ é assim denominado por remeter a grupos armados, antigamente contratados pelos donos de engenho para “fiscalizar” o transporte do comércio de produtos no Porto do Recife, os quais se localizavam perto aos coqueiros existentes. A área pobre localiza-se na Ilha de Joana Bezerra, a 2,5 Km do centro da capital Recife, possuindo estimadamente uma extensão de 133 ha e uma população de 40.000 pessoas (URB, 2000). Os Coelhos, é localizado no Bairro dos Coelhos, com estimação de 7 mil habitantes em 25 ha (URB 2000). O rendimento médio por domicílio nas duas áreas não ultrapassa R\$ 200. Em suma são áreas que refletem sua pobreza, estigmatizadas e excluídas pelo por conta da violência. (ver figura 12 e 13)

FIGURA 12 – CHAMADA DE NOTÍCIA

[Notícias](#) / [Polícia](#) / [Tráfico](#)
 Segunda - 23/03/09 06h49

Mulher é presa vendendo crack no bairro dos Coelhos, no Recife

Com ela foram apreendidas 13 pedras da droga; suspeita foi presa e encaminhada para a Colônia Penal Feminina do Recife
 Da Redação do pe360graus.com

FIGURA 13 – A CONVIVÊNCIA COM A VIOLÊNCIA



FONTE: Eraldo Perez, 2009, a foto mostra um grupo de jovens aparentemente descontraídos em torno do cadáver de um rapaz, registro feito na favela do Coque, no Recife.

A respeito da comunidade do Coque e Coelhos, mesmo essa enfrentando problemas de saneamento, moradia, meio-ambiente, educação e saúde (ver figura 14, 15 e 16), à cidade o que se destaca é a violência do bairro, sem ser visto os problemas estruturais existentes no meio social da área; o que acarreta na corroboração do discurso da violência somando mais violência à área quando esta é vista como uma região de bandidos que se deve manter a distancia.

Assim, a área é o 'bibelô' da mídia para constantes veiculações da 'fala do crime' como é colocado em títulos de manchetes: "Coque: morada da morte"; o que ocorre é que os moradores da comunidade sofrem mais preconceito do que os de comunidades com índices mais altos de violência ou de pobreza, mas que representam menor risco no imaginário coletivo do Recife.

FIGURA 14 – ESTRUTURA PRECÁRIA EM PARTE DA COMUNIDADE DOS COELHOS



FONTE: FERNANDO MONTEIRO, FEVEREIRO DE 2009

FIGURA 15 E 16– CONTRASTES DAS HABITAÇÕES DE E A FALTA DE UM AMBIENTE DIGNO DE MORADIA.



FONTE: YURY FERREIRA, 2009



FONTE: YURY FERREIRA, 2009

Observa-se uma semelhança nas falas sobre as áreas do Coque e Coelhos com as da política de *Tolerância Zero* realizada pela prefeitura de Nova York em 90, que partiu pra os EUA e Europa. A qual, como afirma WACQUANT (2001), tem como alvo distorcer a atenção dos problemas sociais efetivos, como mercado de trabalho desqualificado e uma máquina de exploração dos pobres para os efeitos desses problemas, entre eles, a escalada da violência e a idéia preponderante de que vivemos uma sociedade alicerçada no medo. Essa política de segurança só proporciona uma crescente criminalização dos pobres.

Como nos mostra a fala do próprio segurança da estação Joana Bezerra, no Coque: “Não vão para ali, daqui para lá, é muito perigoso”. Não é favorecendo a negação do perigo ou da existência da violência, mas sim declarando que o embate está sendo feito em cima daqueles que carecem de possibilidades de saída e de ascender no meio social.

Solidifica-se assim, o estigma da área do Coque. E, como diz Goffman (2008, p.15): “Acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida”.

As ações governamentais têm tomado direções no sentido das populações pobres, como o deslocamento de moradores de palafitas e áreas de risco, no entanto, o que é efetuado é o deslocamento da favela de uma área para outra em prédios, ou seja, os encaixota¹⁴; não há investimento na educação, saúde e lazer deste elo da população e quando há, somente é para o cumprimento da politicagem.

Medidas tomadas por parte privada e pública não criam cidadania. Sejam por indenizações ou por ações governamentais, a população é ainda carregada dos mesmos estigmas de pobreza, sujeira, bandidagem e perigo.

¹⁴ Referência feita ao formato dos prédios realizados para receber populações pobres, que são os ditos prédios caixões.

Há exemplo fica o caso da comunidade Abençoada por Deus, no bairro da Torre, uma moradora em julho de 2009, no aguardo de ganho de prédio para transferência de sua família relata à reportagem do Jornal do Comercio¹⁵:

"Quero muito ganhar um apartamento e sair daqui; estou esperando esse outro prédio ser construído. Mas assim que eu ganhar vou vender", diz Ana Paula. "Vizinhos meus estão no Abençoada por Deus e dizem que está a maior bagunça. É muita violência, eu já sofri muito aqui. Não quero mais isso pra minha vida", continua. "Prefiro mil vezes uma casa que um apartamento; assim cada um cuida da sua vida. Eu troco, vendo, faço qualquer coisa pra comprar uma casa".

Tendo esta experiência, moradores orientados pelo Movimento de Luta nos Bairros (MLB), dos bairros da Iputinga, Cordeiro e Engenho do Meio conseguiram financiamento e apoio técnico para construir as casas térreas; A escolha se deu em assembléia, na qual a maioria optou pelo formato de vila, em lotes individualizados, em vez de construção vertical; a escolha por casas foi unânime, assim conseguindo erguer o habitacional Dom Helder Câmara, no bairro da Iputinga, Zona Oeste do Recife, através do programa de credito solidário¹⁶.

No entanto outro diferencial existente neste programa foi a pré-condição para liberação dos recursos de participação em oficinas e construção em sistema de mutirão. Tendo então a participação do programa Conexões de Saberes: diálogos entre a universidade e as comunidades populares, da UFPE, o qual proporcionou que exposições fossem ministradas por alunos dos mais variados cursos da universidade, como também a realização projetos arquitetônicos das habitações que foram apresentados à comunidade; que recebeu oficinas de capacitação em: qualidade de vida, políticas públicas, educação infantil, regras de convivência, reforma e ampliação de casas, formas de ter um condomínio saudável.

Relata, então, o professor pesquisador, participante do projeto, Luis de la Mora:

"A nossa preocupação não deve ser apenas a construção de conjuntos, mas a formação de comunidades. Não queremos apenas um conjunto de 200 casas, mas uma comunidade de 200 famílias. Todo esse processo de preparação e interatividade foi para criar uma consciência coletiva, estimular a cordialidade, o trabalho

¹⁵ A referente notícia pode ser vista na pagina <http://www2.uol.com.br/JC/sites/palafitas/index.html>

¹⁶ O **Programa Crédito Solidário** é do Ministério das Cidades, que se destina exclusivamente ao financiamento de conjuntos habitacionais para famílias de baixa renda organizadas por entidades da sociedade civil.

comunitário e estabelecer relações de vizinhança. Interessa, sobretudo, a qualidade do ambiente. Tendo como objetivo fazer com que as famílias possam conviver bem e zelar pelo ambiente de harmonia depois da ocupação”

Verifica-se que a meta para combater áreas de pobreza ícones de exclusão é uma política de construção de comunidades com uma interação social, não de Tolerância Zero de embate e criminalização dos pobres.

Há comunidades que se tornam autoedificadoras e/ou autosustentáveis, como é o caso da Comunidade Aurora Caçote, que inicialmente se instalou as margens de uma das linhas férreas de Recife, hoje compõe os Bairros de Areias e Caçote, entrelaçando-se aos bairros da Estância e Iburá; totalmente solidificada, esta comunidade teve até hoje o ganho da formalização de uma rua a Rua Dona Ana Aurora, que é exatamente o trecho de localização da linha férrea.

Tendo sido fechada pelo crescimento dos bairros ao redor, vendo o desenvolvimento de Vilas, e ruas enquanto obtinha sua formalização, a comunidade não se estagnou e por conta de instalações comerciais torna-se centro de atração desses bairros e se sustenta; por conta do acesso á direitos de cidadania não serem garantidos, como os de saneamento e limpeza urbana, as imagens da área são de pobreza e sujeira, como também o acesso físico de entrada e saída é limitado por uma via central e becos construídos pela comunidade (*ver figura 17, 18, 19 e 20*); esta se enquadra em um estigma de perigosa e inóspita e é assim cada vez mais fechada e excluída pelos arredores, sendo uma linha reta que existe entre os bairros, a qual deve ser evitada, pois sua população é perigosa. (*ver mapa de localização – figura 21*)

No fenômeno do imaginário do medo a exclusão é uma variável derivada da relação desse com a pobreza, fazendo com que uma área estagne em si só e fique cercada. Esta exclusão acaba por ser não só entre indivíduos, mas uma exclusão espacial, política e cultural; onde o dever e o direito da cidadania não são conhecidos e vivenciados.

FIGURA 17 – ACESSO À COMUNIDADE POR BECO



FIGURA 18 – CONDIÇÕES AMBIENTAIS DA ÁREA

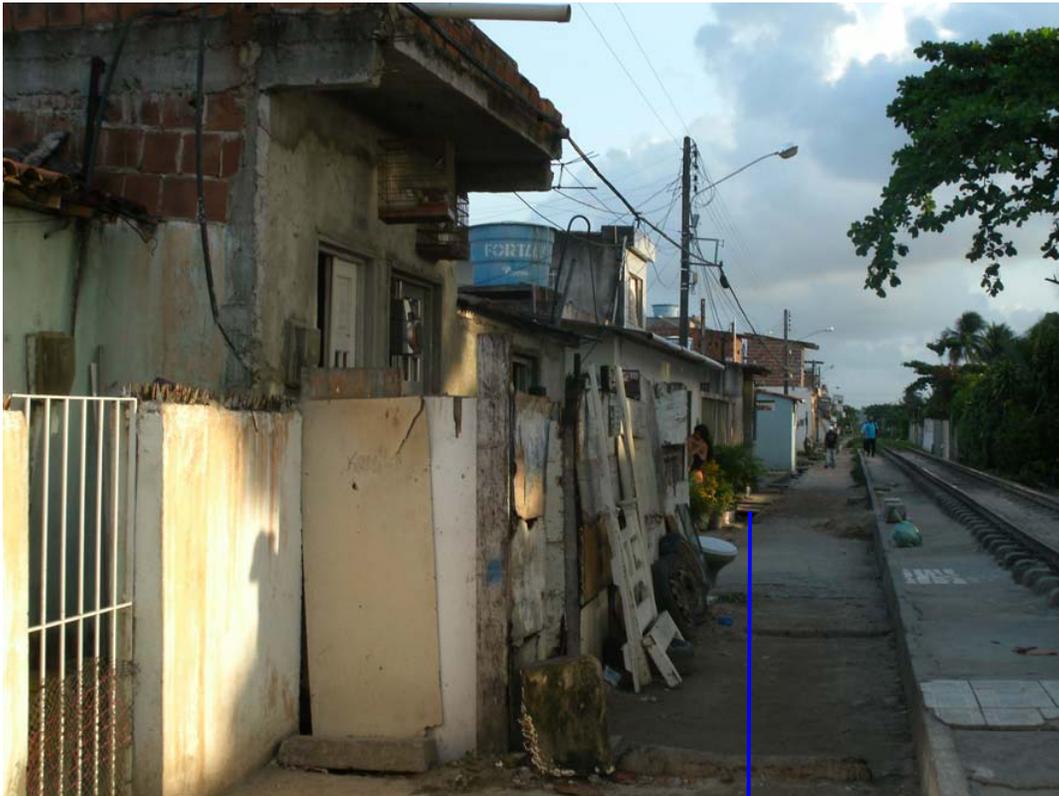


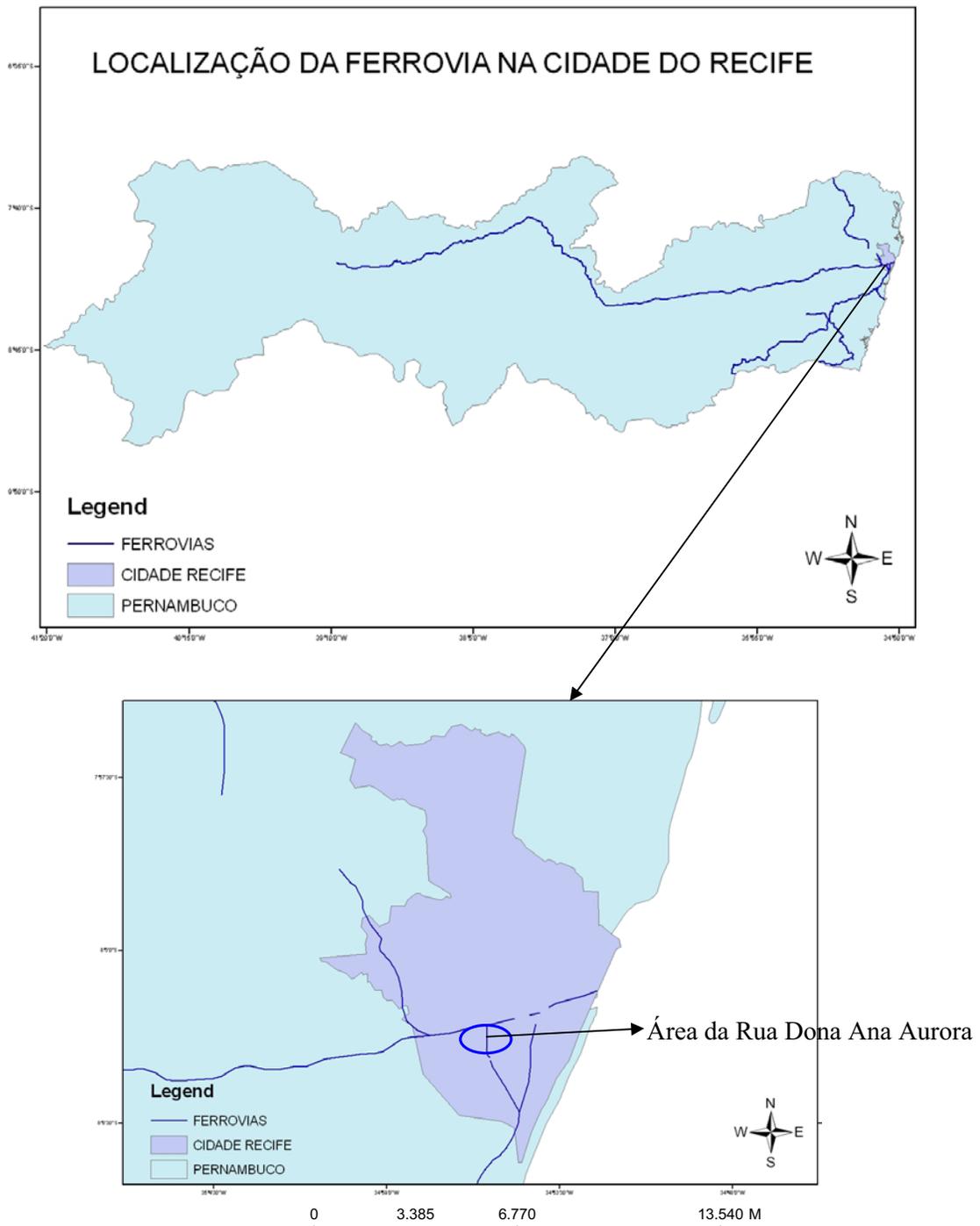
FIGURA 19 – ACESSO LIMITADO – LADO OESTE DA ÁREA, LOCAL ABERTO PELA COMUNIDADE PARA ESTABELECIMENTO DE CARROS



FIGURA 20 – PARTE NORTE DA ÁREA. ACESSO PELA AVENIDA CENTRAL - AV. DR. JOSÉ RUFINO



FIGURA 21 – MAPA DEMONSTRATIVO D ELOCALIZAÇÃO DA RUA DONA ANA AURORA



Uma linha reta entre os bairros de Areias e Caçote, entrelaçando-se nos da Estância e Ibura. Com uma extensão de 1,6 Km.

Com a análise perceptiva a cerca da comunidade pôde-se constatar o imaginário coletivo de medo por parte daqueles vivem nos bairros ao redor, de estabilidade e conformismo por parte dos moradores, no entanto há ainda a visão de quem realmente conhece a área e só a transita não a utilizando como moradia. Os transeuntes da área e não moradores alegam que:

“a existência da linha é benéfica para a população da área, pois, assegura a passagem dessa por uma área habitada e movimentada, seja qual for a hora do dia, dando uma sensação de segurança, para os que têm que ir e vim de um bairro a outro possam cortar caminho e ainda assim fazer o trajeto em um ambiente que inspira segurança, no entanto, ocorrem alguns delitos sim, como assaltos e as vezes brigas entre alguns por rinchas ou coisas do gênero, mas no geral é uma ótima passagem, por exemplo, para quem mora próximo a Avenida Recife e precisa se deslocar para a Avenida Dr. José Rufino a pé ou vice e versa. “

Os moradores, que:

“trata-se de uma área muito boa de se morar, pois não são cobrados, podem ficar na beira de suas casas, podem conversar e conviver com vizinhos, tem terreno para criarem animais e plantações, não temem, certo que por conta dessa liberdade, não temos esgoto, é tudo jogado aqui na vala mesmo, nem coleta de lixo com caminhão, nem agente de saúde nas portas; mas estamos entre os bairros e criamos nosso próprio comercio pra abastecer o que falta, temos marceneiro, temos mercadinhos, temos barraquinhas, armazéns, podemos vender e comprar e viver aqui, sem que tenhamos que ficar enclausurados que nem o povo de junto, em casas com muros altos e sem terreno e animais, sim podemos ser pobres mais somos felizes em nosso cotidiano.”

E os não transeuntes, moradores dos bairros ao redor:

“Não ando pela linha, não ande por lá, é perigoso, as pessoas são pobres e assaltam, é escuro e deserto. Acontecem às coisas ali e ninguém fica sabendo, tem que se passar por becos, vai saber o que esperar na esquina. Prefiro contornar e andar mais, que correr risco na linha do trem.”

Através da paisagem pode-se constatar os relatos, a falta de acesso, sendo este feito a pé ou bicicleta; em suma a falta de estrutura que possibilita a estigmatização e exclusão da área.

(ver figura 17 e 18 acima; 22 e 23 abaixo)

FIGURA 22 – DEMONSTRAÇÃO ESPACIAL DA RUA DONA ANA AURORA



FIGURA 23 – VISTA PANORÂMICA DA LINHA FÉRREA NA DIVISÃO DA AV.
Dr. JOSÉ RUFINO

LADO LESTE DA AVENIDA



LADO OESTE DA AVENIDA



FONTE: AUTORA, 2010

As imagens corroboram o discurso dos moradores em relação a liberdade e convivência, como também demonstram o comércio informal na área.

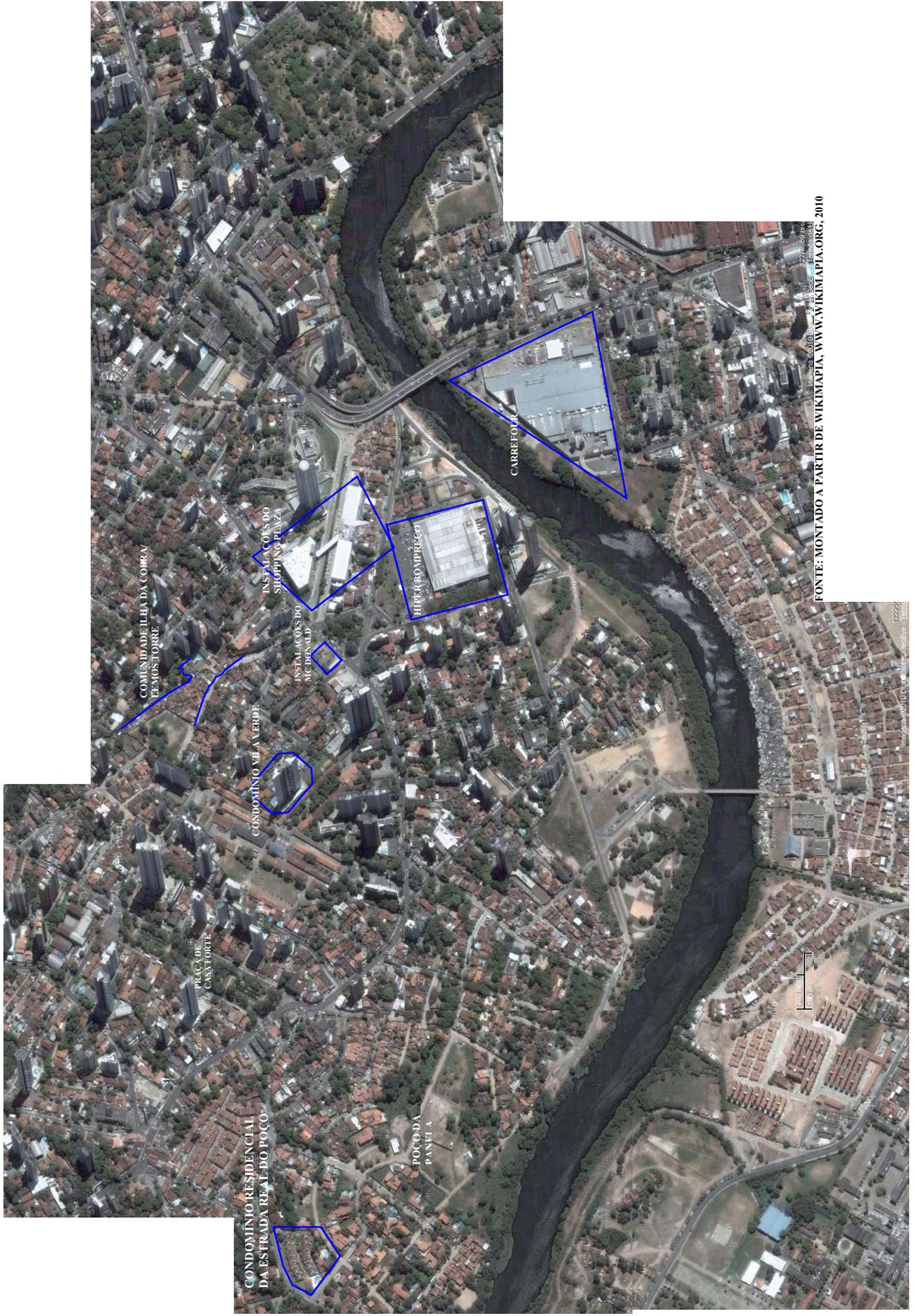
Dentre as áreas ícones de exclusão por ícones da pós-modernidade de complexos comerciais/ empresariais e condomínios fechados; enquadram-se as áreas das comunidades Lemos Torres em Casa Forte, Vila do Vintém em Parnamim, Comunidade do Poço da Panela, Entra apulso, Beira rio e Pocotó em Boa Viagem.

No tocante da proximidade física entre os condomínios fechados e os núcleos residenciais pobres existentes no seu entorno, mesmo com o isolamento físico pode haver uma relação entre os moradores dos condomínios fechados e a vizinhança. O que LUCHIARI (2002), chama de 'fragmentação articulada', ou seja, mesmo os condomínios sendo uma unidade independente, os moradores precisam contratar serviços profissionais - pedreiro, pintor, empregada doméstica, eletricitista e encanador - que habitam os núcleos residenciais em seu entorno. No entanto, em muitos casos, a população carente 'exclusa' é prejudicada, pois tem o seu acesso ao interior do condomínio dificultado por conta da reclusão – como a seletividade, os níveis de segurança e até mesmo a falta de transporte público de acesso.

Tornou-se comum ver condomínios de luxo ao lado de favelas e comunidades pobres, este fato não cria melhorias na infra-estrutura disponível para os vizinhos pobres, pois a territorialidade é seletiva, tendo os condomínios sua própria infra-estrutura e serviços disponíveis ao grupo social que pode arcar com o valor do investimento, reforçando assim a segregação social e dando viés para a visão da 'vizinhança das desigualdades' referente à tomada de consciência de ser desigual; de sentir-se diferente; de ver e desejar ter; de ver e desejar ser.

Isto é observado no Bairro de Casa Forte, onde condomínios fechados e complexos comerciais ícones da modernidade cercam a área da Comunidade Lemos Torres, também conhecida como Ilha da Cobra, pelo seu formato adquirido entre prédios por conta da autosegregação que está diretamente ligada a segregação induzida da área. (*ver figura 24*).

FIGURA 24 – REPRESENTAÇÃO EM CASA FORTE



Esta área é cercada por condomínios fechados e prédios com alto nível de segurança eletrônica, há o acesso por duas extremidades um beco que a interliga a Praça de Casa Forte e uma entrada pela Av. 17 de agosto (*ver figura 25, 26, 27 e 28*). A população dos prédios e transeuntes de Casa Forte acha a área perigosa, com risco de assaltos; uma própria moradora avisa: “Cuidado por aqui (referindo-se ao beco) tem muito assalto; tem mais ai pro lado dos prédios, pra cá não.” Enquanto que dois idosos, um casal, relata: “gosto muito daqui, porque é fechado (em relação ao condomínio Vila Verde) e limpo, é belo não é? só a segurança que temos já é muita coisa.”

Foi observado que os moradores dos condomínios fechados e prédios super protegidos, mesmo estando ao lado de uma área pobre, acharam o que procuravam: uma sensação de liberdade vigiada, a qual evita qualquer angustia que o medo possa trazer fora das grades, ali perto daquela comunidade, que só existe quando estão do lado de fora e que se torna esquecida, enquanto a grade eletrônica está fechada e mesmo de frente para a área, ela é excluída, esquecida e destemida. O que já se mostra contrário, para a população da área pobre que sabe dos riscos, mas sabem a quem estes riscos são direcionados.

Como o acesso a comunidade fica entre os prédios, necessariamente se passa por esses para se chegar até a área pobre, assim, os aparatos de segurança são voltados à passagem, de forma que supervisione e protejam os edifícios e seus acessos de saída e entrada.

FIGURA 25 – ÁREA CIRCUNDADA POR CONDOMÍNIOS



FIGURA 26 – ENTRADA DA ÁREA



FONTE: AUTORA, 2010

FIGURA 27 – CAMINHO DE ACESSO ENTRE OS CONDOMÍNIOS –
CONDOMÍNIO FECHADO VILA VERDE



FONTE: AUTORA, 2010

Essa parte da área faz limite com as áreas residenciais voltadas para a Praça de Casa Forte, onde a sensação de insegurança e busca por proteção não se dá de forma enclausurada.

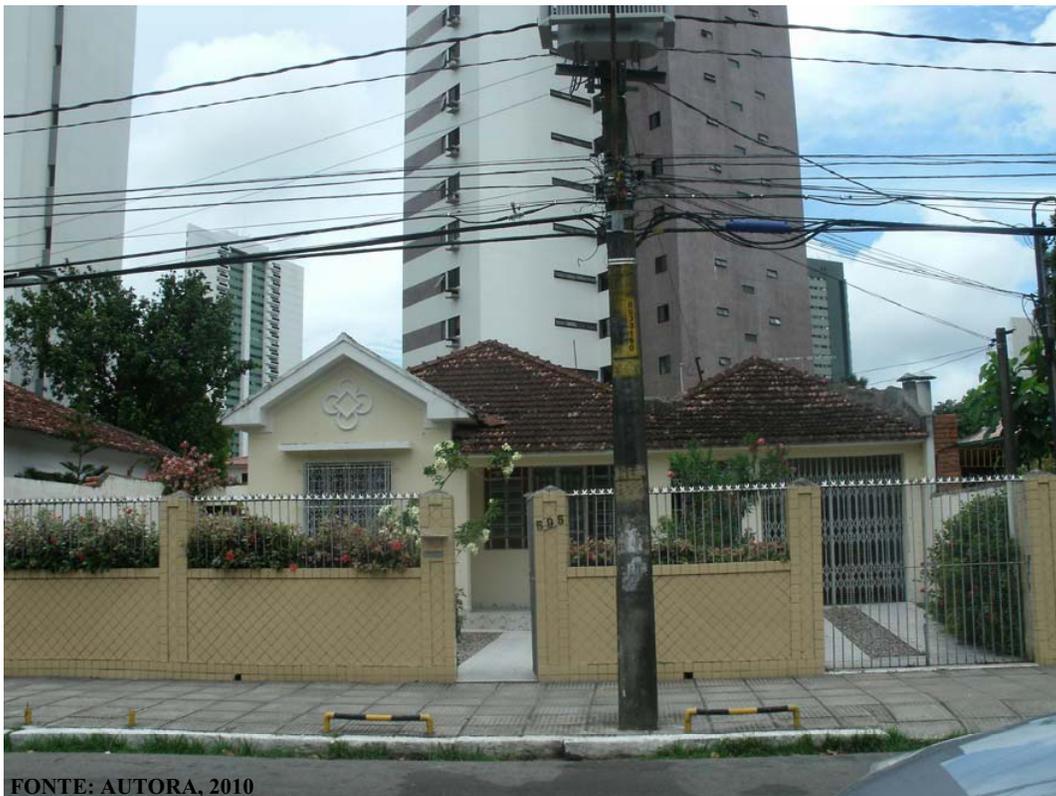
FIGURA 28 – ESTRUTURA DE SEGURANÇA NO ACESSO EXISTENTE ENTRE OS CONDOMÍNIOS À ÁREA DA ILHA DA COBRA.



No entanto pode-se observar um contraste mais ao Norte, depois da área dos edifícios, shopping e complexos comerciais (Carrefour, Mc Donald's e Hiper Bompreço), próximo a Praça de Casa forte, encontram-se residências, que não utilizam aparatos e sentem a insegurança de forma diferenciada, os moradores “reconhecem que há a possibilidades de perigo e que a Leste e Oeste há áreas superprotegidas; mas que também não precisam ficar fechados em suas casas, pois a insegurança já diminuiu bastante.” Essa é a visão de moradores mais antigos, ligados a tradicionalidade do local, que observam a evolução pós-moderna, mas que não se incluem na paranóia. (ver figura 29, 30 e 31)

O caso de condomínios é freqüente na área, como ocorre no bairro do Poço da Panela, após a Praça de Casa Forte onde as casas são ornamentadas com aparatos de seguranças e agrupadas em pequenos condomínios fechados. (ver figuras 32, 33, 34 e 35).

FIGURA 29 – MORADIA DE SENHOR DE 60 ANOS



FONTE: AUTORA, 2010

O morador relata: “não percebo aumento de perigo aqui, mas sim de proteção, às vezes pode ser inseguro, mas se você fica na paranóia, fica preso que nem nos prédios.”

FIGURA 30 / 31 / 32 – RESIDÊNCIAS PÓS ÁREA DE PRÉDIOS, DEFRENTE A PRAÇA DE CASA FORTE

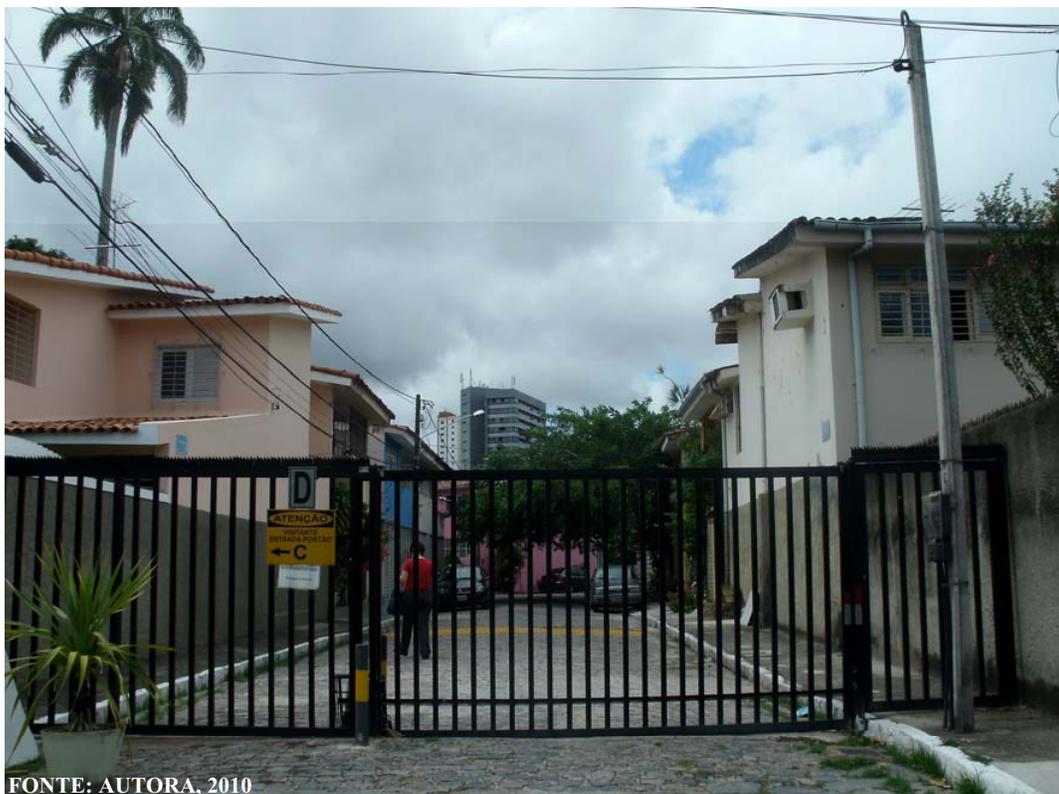




FONTE: AUTORA, 2010

As residências a cima se contrastam com o enclausuramento constante dos prédios e de pequenos condomínios de casas existente na região.

FIGURA 33 – CONDOMÍNIO FECHADO DE CASAS DENTRO DO BAIRRO POÇO DA PANELA



FONTE: AUTORA, 2010

FIGURA 34 – RESIDENCIAL ESTRADA REAL DO POÇO DA PANELA ESTRUTURADO COM VIGILÂNCIA ELETRÔNICA.



FIGURA 35 – RUA FECHADA DENTRO DO BAIRRO POÇO DA PANELA COM SEGURANÇA



A Percepção da insegurança em Casa Forte está associada ao imagético, ao signo, pois sua população exclui de trajetos ambientes vinculados na mídia que tenham relações com atos violentos, como também áreas com paisagens de pobreza, tais as comunidades pobres ali existentes.

Em Casa Forte, Torre e Parnamirim pôde-se observar a concentração de complexos comerciais ícones da modernidade, como o Shopping Plaza, supermercados Carrefour e Hiper Bompreço (ver figura 36 e 37), tais instalações foram feitas nas proximidades da área da comunidade Vila do Vintém, o que gerou uma exclusão da população da área, um cercamento, mas que, no entanto possibilitou intenções por parte da prefeitura de incluir a área no programa de erradicação de palafitas no ano de 2003, como também a comunidade Abençoada por Deus; o que resultou na remoção de algumas famílias para prédios caixões localizados no Cordeiro e Iputinga (ver figura 39 e 40).

FIGURA 36 – INSTALAÇÕES DO PLAZA SHOPPING



FIGURA 37 – CENTRO COMERCIAL MODERNO – CASA FORTE/TORRE/PARNAMIRIM



O que foi visto foi a transferência de palafitas às ilhas de concreto, mesmo sendo um palácio para muitos que viveram entre papelões durante muito tempo, como relatou Maria Félix da Silva: “Para mim isso aqui é um palácio”, após onze anos morando na Vila Vintém II, praticamente dentro do rio Capibaribe; ainda assim a transferência gera insatisfação e intrigas entre os moradores, por conta da doação e divisão feitas segundo critérios da prefeitura, os conflitos começam a existir por domínio de espaço e adaptação a nova área. O que gera descuido estrutural e não integração social, acabando assim, por transferir a exclusão: edificando-a em outro bairro (*ver figura 41*).

FIGURA 38 – CONJUNTOS HABITACIONAIS NA IPUTINGA



FIGURA 39 - CONJUNTO HABITACIONAL CASARÃO DO CRODEIRO



FONTE: GUGA MATOS, 2009.

FIGURA 40 – SITUAÇÃO ATUAL DE CONJUNTO HABITACIONAL NA IPUTINGA



FONTES: GUGA MATOS, 2009.

“O ambiente é cinza, árido e incômodo para quem entra pela primeira vez no conjunto habitacional Abençoada por Deus, no bairro da Iputinga, Zona Oeste da cidade do Recife. Quem vê a estrutura do residencial, com seus 428 apartamentos construídos, não consegue acreditar que nele foram investidos R\$ 14,6 milhões. Inaugurada há um ano, a edificação composta por 32 blocos do tipo térreo já reflete os primeiros sinais da degradação e da ausência de um acompanhamento técnico adequado. A construção do residencial faz parte do programa Recife sem Palafitas, projeto idealizado em 2003 pela Prefeitura do Recife (PCR) em parceria com o Ministério das Cidades. O conjunto foi a primeira obra inaugurada no Estado com recursos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC).”

(MARIANA CAUDURO, 2009,

<http://www2.uol.com.br/JC/sites/palafitas/materia1.html>)

O programa de erradicação das palafitas continua a construir conjuntos habitacionais, ou seja, continua a transferência e edificação da exclusão, pois o espaço e o social dos mesmos não são organizados de forma a recebê-los:

"A simples transferência de lugar nem sempre é sinônimo de melhor qualidade de vida e garantia de fixação do indivíduo em um novo meio. O método utilizado começa a apresentar problemas quando essas famílias sofrem separações e os laços do grupo são rompidos", afirma. "A falta de preparo e educação dessa gente faz com que comunidades vizinhas não a aceitem, gerando a formação de verdadeiras ilhas sociais. Não pode haver descaso do poder público quanto a isso". (PEREIRA Junior, Alamy Veríssimo, 2009, <http://www2.uol.com.br/JC/sites/palafitas/materia1.html>).

Como é o caso, atual (2010), do conjunto habitacional 3 da Via Mangue (ver figura 41), que foi entregue as famílias no dia 07 de Maio de 2010, pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, prefeito João da Costa e Governador Eduardo Campos; Localizado entre as ruas Presidente Nilo Peçanha e Professor Pedro Augusto, na Imbiribeira; ao lado do já existente Residencial Boa Viagem, onde a população desde o início das obras se preocupam com a instalação dos moradores de áreas pobres na região, como relata moradora de meia idade: "moro no residencial Boa Viagem há pouco tempo, no entanto, vim, por causa da grande área aberta, da tranqüilidade de se ficar em frente de casa, por conta da praça e terminal de ônibus em frente. Mas agora estou preocupada sabendo que virão moradores de palafitas pra cá, será que não ficará violento?" e uma senhora idosa "desde que começaram isso que me preocupo com quem vem pra cá".

FIGURA 41 – HABITACIONAL 3



FONTE: JULIANA COLARES, 2010

Antes das instalações, por conta da percepção de insegurança e desordem que a pobreza pode trazer, moradores da área organizaram pedidos e abaixo assinado na tentativa de afastarem a possível ameaça; a exclusão ultrapassa o concreto e o social e se crava nos estereótipos e histórico produzido por conta da pobreza.

Sendo anunciada a vinda de famílias que vivem às margens do manguezal, nos bairros de Boa Viagem e Pina, das comunidades Xuxa e Deus nos Acuda/Paraíso. Conspirações por conta do medo instalaram-se na área, no entanto o próprio conjunto é fechado e afastado, com guarita de segurança para acesso, o que denota certa garantia do controle sobre os já suspeitos e excluídos, como também um espaço só deles.

No bairro de Boa Viagem são reconhecidas 10 favelas: A Beira Rio (próxima ao Carrefour), Borborema, Deus nos acuda, Entra Apulso, ilha do Destino, Padre Giordano, Pantanal e Pantanal 2, Paraíso e Xuxa (de acordo com a Central Única das Favelas – CUFA e dados interligados da URB e Prefeitura do Recife; *ver anexo 3*).

Ao se falar de áreas pobres com exclusão social e espacial por conta de relações entre o imaginário do medo pós-moderno, essas são vistas dentro das áreas de autosegregação conforme demonstrado no mapa da figura 11, que são a área Beira Rio e Pocotó localizada no Canal e a área da Entra Apulso (*ver figura 42*), observa-se uma contração dessas áreas na horizontal e um grande crescimento vertical: um inchaço.

Por conta dos pólos comerciais complexos, que inclui os grandes Supermercados e o Shopping Center Recife, as áreas pobres do entorno são alvos de contração e extinção, no entanto, a organização espacial/social de Boa Viagem se configura como resolução a aversão com a grande utilização de serviços de segurança privada e com a crescente autosegregação formando espaços de reclusão, assim têm-se dois espaços ícones de exclusão espacial.

FIGURA 42 - REPRESENTAÇÃO EM BOA VIAGEM



FONTE: MONTADO A PARTIR DO WIKIMAPIA, WWW.WIKIMAPIA.ORG, 2010.

Cerca de fronteiras entre a Entra Apulso e Shopping Center

A comunidade Beira Rio instalada a beira do Rio Jordão, localizada a frente do Supermercado Carrefour, faz parte do imaginário do medo coletivo desde as instalações deste supermercado - ao lado do Viaduto Tancredo Neves e em frente à comunidade (ver figura 43) – pois seu acesso direto sem transporte é impossibilitado e com transporte temido; a pé o caminho necessariamente não é direto e tem-se que adentrar pela comunidade – o que é dito totalmente perigoso e insensato.

FIGURA 43 – LOCALIZAÇÃO DO CARREFOUR



A percepção da população é a de que o Supermercado é totalmente mal instalado; a realidade é que a questão espacial deste fecha a comunidade e se fecha concomitantemente.

Para melhor atenuar essa questão, foram realizados estudos espaciais e formas de abertura e desinstalação da comunidade através da compra da área, o que possibilita hoje um melhor acesso (*ver figura 44*), mas que cerca totalmente a comunidade, a isolando e consagrando o estigma de exclusão por parte da sociedade e a fez optar pelo caminho das instalações do Carrefour como forma mais prática de acesso. No entanto a comunidade está dentro do programa de reinstalação de comunidades da prefeitura do Recife, por conta da Via Mangue, o que resultará em uma abertura e novas instalações viárias na área.

FIGURA 44 – DIVULGAÇÃO DO NOVO ACESSO, RECÉM CRIADO (2010)

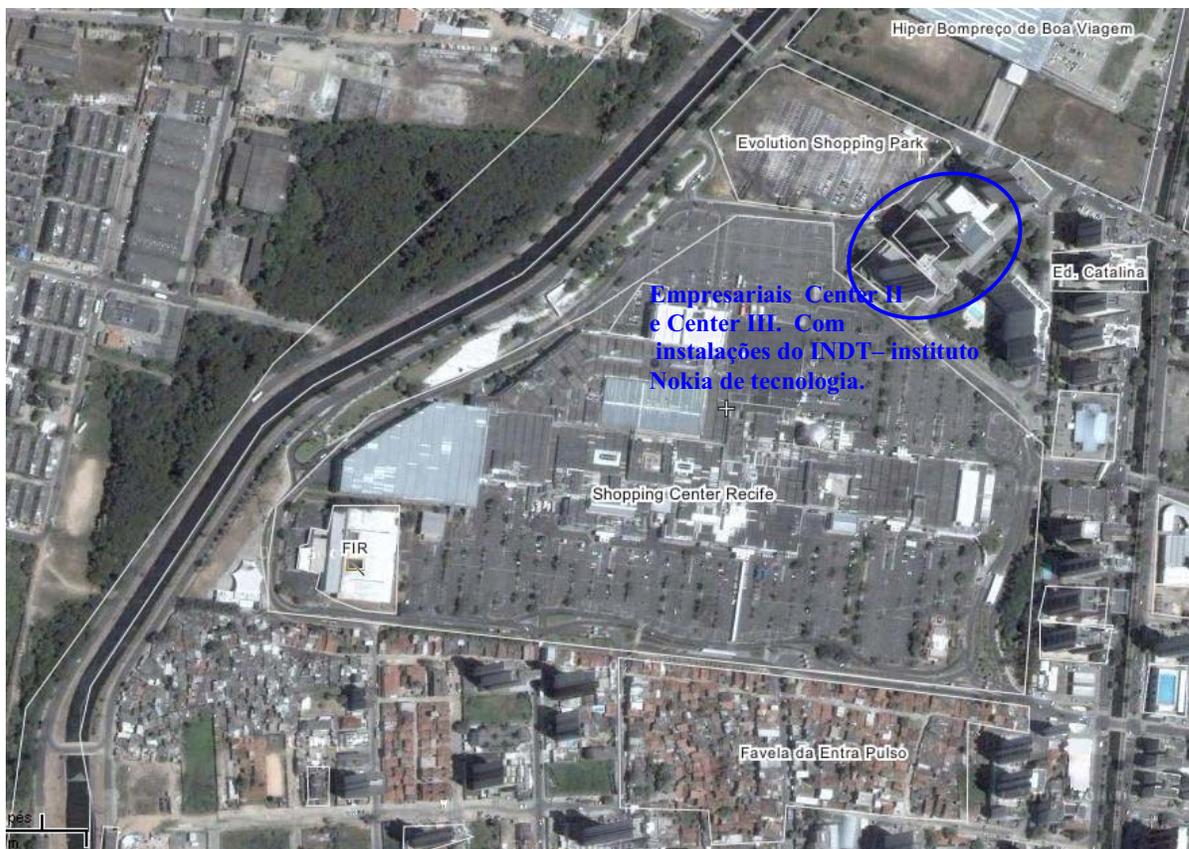


FONTE: AUTORA, 2010

Mesmo assim a população relata, a sensação de insegurança e falta de acessibilidade ao local repudiando a área por conta da existência da comunidade. Como relata senhor consumidor do Supermercado em outra localização: “não vou ao Carrefour do Tancredo Neves, pois é muito mal projetado, funcionários são assaltados direto, teria que ficar atento, para não correr riscos e mesmo assim ainda estaria correndo, prefiro não passar por lá e fazer minhas compras em um outro local, longe de favelas.” E confirma um senhor de alta classe: “vejam que coisa mal pensada, um bom supermercado, mas de lado de um viaduto. À noite ninguém entra, eu mesmo não entro, só vou mesmo de dia e mesmo de dia sou precavida, quem já se viu fazer isso ao lado de invasões, de favela.”

Um diferencial atingido em Boa Viagem, é a área da comunidade Entra Apulso; pois já solidificada, passou pelo processo de contração da área física para a implantação do Shopping Center Recife e empresariais no entorno (ver figura 45); no entanto mesmo isolada, vigiada, temida, separada por cerca viva das áreas do Shopping, ela se expandiu utilizando-se do setor de serviços, deixando de ser uma área excluída espacialmente e socialmente, hoje ela tem certa interação social por conta dos serviços oferecidos, no entanto esferas mais altas da sociedade ainda vêm como ameaçadora a entrada que passa pela Entra Apulso, afinal “dentro do shopping é seguro o problema é chegar” (ver figura 46).

FIGURA 45 – INSTALAÇÕES COMERCIAIS COMPLEXAS



FONTE: WIKIMAPIA, 2010

FIGURA 46 – CONTRASTE DA ÁREA COM O BAIRRO



FONTES: WWW.FOTOLOGRECOFE.COM.BR

Ficando contraída entre os prédios residenciais e comerciais, a passagem pela área é inevitável, neste ponto do bairro e por muitos temida.

A Entra Apulso existe há 60 anos, com uma área de 8.3 hectares com aproximadamente 10.000 habitantes, com 1.912 casas cadastradas na URB – Recife. 80% dos imóveis comerciais são de comércio informal, abrangendo um quadrante de 6 mil habitantes e só 11% da população não vive do setor informal.

Há uma integração da comunidade na sociedade, no entanto, esta é limitada e ainda suspeita por parte da população residente em Boa Viagem, que optam pelo cercamento e reclusão a fim de se autoexcluírem; como as opções do Shopping de argumentar por conta da indenização a fechada de portas para o lado da área comercial e a ornamentação de uma cerca viva com coqueiros a fim de delimitar uma área de atuação da segurança privada, como também de conter a expansão física e social da comunidade, que por vezes ainda ocorre e é freada pela segurança privada. Assim, como, também, a percepção de insegurança na população ainda é existente em relação à área, como afirma e alerta o coordenador da Associação dos moradores da Entra Apulso: “ a área ainda é vista como perigosa, e realmente é, se você quiser andar por ela, vá até a associação e peça a companhia de alguém de lá, vai tirar fotos, não vá sozinha. “ (*ver figura 47 e 48*).

FIGURA 47 / 48 – CERCAMENTO DA ÁREA E PORTAS FECHADAS PARA O LADO SHOPPING RECIFE



Em Boa Viagem a percepção da insegurança faz com que os moradores evitem locais públicos, transitem por locais considerados perigosos e que sejam vinculados a notícias de violência pela mídia, e principalmente evitam o contato com pessoas que ‘pareçam estranhas’, ou seja, estereótipos sociais.

6.2 ICONES DE RECLUSÃO

Sistemicamente inserindo a análise perceptiva em um fenômeno social e fundamentando os reflexos da modernidade em patologias e mutações sociais, depara-se com a concepção geral de ser-doente e ser-são¹⁷, para adequar o conceito de ser-doente para aqueles que têm a sua liberdade com o mundo tolhida:

“qualquer modo do ser doente só pode ser compreendido a partir do modo de ser-sadio e da constituição fundamental do homem normal, não perturbado. Essa constituição fundamental do homem sadio caracteriza-se precisamente por seu poder-dispor livremente do conjunto das possibilidades de relação que lhe foi dado manter com o que se lhe apresenta na abertura livre de seu mundo. Primordialmente, o modo de ser-doente é em totalidade e apenas pode se dar quando há limitação da própria liberdade.”

Com isto, pode-se afirmar que os reclusos se incluem no conceito de ser-doente perante a falta de uma comunhão social e limitação de sua liberdade no mundo a qual pertence. No entanto se insere no conceito de ser-são, tomando com parâmetro que cria um novo mundo que concerne com sua organização de vida pessoal, no qual sua comunhão social é realizada seletivamente.

Mas a constituição fundamental do homem normal, a qual a citação se refere permite refletir que na sociedade contemporânea pós-moderna, essa constituição fundamental de homem normal é mutável perante o referencial e não mais podendo utilizar de um só parâmetro para a fundamentação, pois a sociedade pós-moderna é totalmente destrinchada em distinções humanas sociais e culturais.

É um mosaico de contraposições, assim os reclusos são e agem completamente de acordo com o que a atual organização social lhes propõe, que diverge totalmente dos princípios de democracia, igualdade, solidariedade e comunhão. Como os excluídos também, agem de acordo com o que a organização social lhes propõe.

¹⁷ Concepção nascidas das reflexões a cerca da Daseinsanalyse, ou seja, análise do Dasein – Ser-aí-humano: um método de abordagem dos conjuntos fenômenos normais ou patológicos do existir humano. Iniciada nos estudos de Heidegger, com a funcionalidade de determinação da natureza fundamental do ser-aí-humano de um modo estritamente concernente a ele mesmo, já com o se-no-mundo; que juntamente com a concepção fenomenológica de Edmund Husserl, deu margens para a fenomenologia antropológica de Luidwing Binswagner. (CYTRYNOWICZ, Maria Beatriz, 2009).

A configuração espacial e análises perceptivas podem expor a linha concreta e subjetiva existente no espaço por conta da inserção global em um panorama de modernidade contínua. Servindo de constatação do caminho que começou a ser trilhado com uma modernidade que visou e alimentou o princípio mercado: uma configuração mundial cada vez mais excludente e padronizadora. A tese de Josué de Castro se consuma em todas as esferas de fenômenos sociais, o mundo continua dividido em dois: “Os que não dormem por medo dos que não comem.”

O princípio maior que move a reclusão é a percepção de insegurança que é diretamente proporcional ao nível de reclusão dos indivíduos, mas não necessariamente diretamente proporcional ao nível de insegurança real. Esta relação entre percepção da insegurança e reclusão denota as mutações sociais já explicitadas e gera patologias sociais preocupantes, como chama a atenção LUCHIARI, os condomínios fechados não contêm diversidade social, criam a integração de um grupo social homogêneo em perfil socioeconômico, padrões de consumo e modo de vida. “É um caminho perigoso. Tenho medo em relação às gerações mais novas criadas nesses condomínios. Eles não têm convívio com o outro.”

A percepção da insegurança pode ser a força motriz para essa formação espacial de condomínios fechados, no entanto, países que sustentam espaços públicos, constatam índices baixos de violência e criminalidade, enquanto que os que sustentam esse modelo norte-americano constatam índices elevados de violências, criminalidades, como também mutações sociais transcritas em patologias psicossomáticas.

Ao analisar a constatação teórica de SANTOS (1997, p. 10 e 11) de que:

“Cada lugar atribui a cada elemento constituinte do espaço um valor particular. Em um mesmo lugar, cada elemento está sempre variando de valor, porque, de uma forma ou de outra, cada elemento do espaço – homens, firmas, instituições, meio – entra em relação com os demais, e essas relações são em grande parte ditadas pelas condições do lugar. Sua evolução conjunta num lugar ganha, destarte, características próprias, ainda que subordinada ao movimento do todo, isto é, do conjunto dos lugares. Alias essa especificidade do lugar, que se acentua com a evolução própria das variáveis localizadas, é que permite falar de um espaço concreto. Desse modo, se cada elemento do espaço guarda o mesmo nome, seu conteúdo e sua significação estão sempre mudando. Cabe então, falar de **percebibilidade da significação de uma variável, e isso constitui uma regra de método fundamental. O valor de um**

conjunto. Quando este muda de significação, de conteúdo, de regras ou lei, também muda o valor de cada variável.”

Constatamos que com os desequilíbrios da modernidade, e uma configuração pós-moderna se instalando e solidificando, com a informação sendo passada a flashes, todas as ocorrências dentro do sistema são repassadas, seja ela do surgimento de novas tecnologias, de novas formas de consumo, de novos artefatos, ou seja, de novas formas de exclusão, de novos crimes, de novos atentados contra a vida por conta daquilo que se desejou ter.

Têm-se, assim, então, dentro deste conjunto as narrativas do crime que se instalam na população: “as narrativas do crime tentam recriar um mapa estável para um mundo que foi abalado. Nessa medida traduzem ambigüidades: a divisão entre o antes e o depois acaba reduzindo o mundo à oposição entre o bem e o mal; o antes acaba virando muito bom; o depois, muito ruim.” e para quem não teve antes? Ou seja, até mesmo os que não sofrem de atentados violentos participam dessa oposição do antes e do depois e percebem de tal forma o perigo que lhes pode cerceia que repassam no espaço suas formas de proteção, por conta da insegurança, do medo, da violência, da falta de humanidade que é o preço pago pelo ocorrido crescimento. Há necessidade, então, de lugares pós-modernos que pregue a ilusão do bem estar social e mostre a falsa comunhão da sociedade.

Assim, com sugere um pensamento gnóstico: “O homem moderno está aprisionado na armadilha da Síndrome do Medo e da insegurança, acentuado pelas mudanças geopolíticas que transformaram, totalmente, o cenário mundial. Vivemos o período do “vazio existencial”. O modelo econômico e social que servia de referência está caindo como “uma torre fulminada por um raio”

Com a população da cidade do Recife, o que pode observar é que junto do medo existente, há a predisposição para a violência, pois a percepção do fenômeno, por parte desta cidade é muitas vezes errônea: tentam se esquivar da violência de forma que resultam no aumento e em outras formas de violência. Sem atingir, assim, o motivo social causador de atores violentos que se encontra em déficits de educação e lazer, na má distribuição de renda por conta da organização de trabalho, enfim em falta de estrutura par atender a sociedade; o que resulta na priorização de uns em detrimento de outros.

A própria visão do atual Governado do Estado – Eduardo Campos, eleito em 2007, em dezembro de mesmo ano mostra que a questão da violência não deve ser estuda e precavida e sim se deve tentar reprimir o caso no instante da ocorrência, como mostra sua decisão publicada no jornal Folha de Pernambuco com o título: **Estado será vigiado por câmeras**. Equipamentos serão instalados na RMR e em outras cidades de Pernambuco:

“Além do Centro do Recife, que será vigiado por 200 câmeras, e o bairro de Boa Viagem, que já é monitorado pelo equipamento, a Região Metropolitana do Recife (RMR), e locais que fazem divisa com Pernambuco, também serão vigiados a partir do próximo ano. O anúncio foi feito, ontem, pelo governador Eduardo Campos. O administrador estadual informou que ainda não se sabe quantas câmeras serão disponibilizadas nos pontos escolhidos. “Vai depender da demanda”. Disse, no entanto, que as escolas públicas são pontos estratégicos para a colocação das máquinas. Eduardo acredita que a medida vai reduzir consideravelmente a violência no Estado. “Vamos combater incidentes, como pequenos furtos e motoristas irregulares”, declarou. Segundo ele, o município de Petrolina recebeu, recentemente, o teste piloto e, lá, a criminalidade foi reduzida em cerca de 40%. “Precisávamos de um experimento para saber se a ação seria válida. Como se viu, a iniciativa foi positiva”.

O Governo prometeu que em janeiro já estará pronta a licitação. No total, oito empresas vão poder concorrer ao trabalho. “O ‘cerco virtual’ ainda não foi totalmente definido, mas sabe-se de alguns procedimentos. Tudo funcionará na Secretaria de Defesa Social (SDS) e terá operadores treinados para fiscalizar o que está sendo transmitido nas imagens. Se o observador julgar tal fato acontecido no decorrer da transmissão como ocorrência policial, imediatamente, as informações serão repassadas para uma central de despacho”, explicou o presidente da Agência de Tecnologia da Informação (ATI), Joaquim Costa. Ele também falou que cada ponto do município terá uma câmera específica.

As imagens serão usadas em tempo real. Elas vão focalizar várias situações, como as placas dos veículos e os rostos das pessoas. Umás ficarão paradas e outras serão giratórias, em locais de maior circulação. A escolha das máquinas será feita pelas SDS, ATI e Secretaria de Administração baseada em análises elaboradas por policiais Cíveis e Militares.”¹⁸

Em Recife, existem câmeras em supermercados, shoppings, bancos, transportes públicos, universidades e de acordo com o Governador, também, tem nas ruas públicas e a sociedade vive no ‘cerco virtual’, como intitulou o próprio (ver figura 49 e 50).

¹⁸ Notícia do Jornal Folha de Pernambuco, Caderno Grande Recife, *Estado será vigiado por câmeras Equipamentos serão instalados na RMR e em outras cidades de Pernambuco*, Recife, 19/12/2007.

FIGURA 49 – CÂMERA EM TRANSPORTES PÚBLICOS – ÔNIBUS DA REGIÃO METROPOLITANA



FIGURA 50 – CÂMERA EM UNIVERSIDADE PÚBLICA – UFPE



Localizada em frente da biblioteca do Centro de Filosofia e Ciências humanas; biblioteca que também restringe a entrada com caderno e livros por motivo de segurança.

Em 2007 Recife torna-se a segunda capital do Nordeste que mais emprega pessoas em serviços de segurança, quando presente em imóveis eles se apresentam de forma relevante no imóvel, muitos até de forma excepcional, se tratando de tecnologia do apartamento. Em 2010, é comum a publicidade e o incentivo ao uso dos serviços de segurança privado (ver figura 51).

FIGURA 51 – PUBLICIDADES DE SEGURANÇA PRIVADA



FONTE: AUTORA, 2010

6.2.1. ANÁLISE PERCEPTIVA DA PAISAGEM EM ÁREAS ÍCONES DE RECLUSÃO

Na cidade do Recife, áreas em bairros como Casa Forte, Boa Viagem e Parnamirim, observa-se através da análise perceptiva que se enquadram em áreas de reclusão. São áreas com índices de renda alto, que contem áreas pobres; tendo, também, áreas em bairros como Derby e Jaqueira, com densidade demográfica inferior a densidade média da cidade. Complexos comerciais modernos vêm tomando os espaços residenciais e esses se verticalizando cada vez mais, ou seja, contraindo km e mais km de espaços verticais residenciais em andares, espacialmente o que seria uma moradia torna-se verticalmente várias (*ver figura 52 e 53*) e com o toque a mais dos reflexos da modernidade: cercamento, individualidade, segurança, tranqüilidade, afastamento, sensação de bem estar.

FIGURA 52 e 53 – EXEMPLOS DE VERTICALIZAÇÕES NA CIDADE



Dentro das regiões metropolitanas do Brasil Recife se enquadra entre as três com maiores taxas de homicídios, sendo Vitória, São Paulo e Recife, chegando a primeiro no ano de 2001, com uma taxa de 84,7%. (*ver tabela 6*).

TABELA 6 – TAXA DE HOMICÍDIOS (EM 100.00) EM CIMA DA POPULAÇÃO TOTAL DE REGIÕES METROPOLITANAS DO BRASIL – 1994-2004.

Região Metropolitana	ANO										
	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Belém	24,5	21,6	20,1	22,4	24,3	12,5	18,9	21,6	26,1	29,1	29,9
Belo Horizonte	11,5	15,7	16,0	18,3	21,4	21,8	28,8	31,7	39,4	51,7	58,6
Curitiba	17,5	19,5	19,5	23,9	21,1	24,5	25,1	26,9	28,6	34,9	37,9
Fortaleza	17,1	24,9	21,9	23,8	17,5	22,8	26,2	24,9	27,6	26,8	27,2
Porto Alegre	20,4	21,9	23,6	25,4	23,0	22,9	26,9	26,6	28,2	28,2	29,0
Recife	45,7	48,4	53,2	71,6	88,1	80,2	77,1	84,7	73,3	76,9	73,9
Rio de Janeiro	53,2	70,6	68,6	67,9	63,3	59,2	56,7	56,2	64,2	60,0	55,6
Salvador	36,4	27,2	35,8	38,7	15,5	7,2	11,8	19,4	22,0	29,6	30,0
São Paulo	46,6	54,3	55,8	54,6	59,2	66,4	63,3	61,9	53,6	51,1	39,1
Vitória	68,7	66,7	67,5	84,9	95,9	86,5	73,6	72,8	81,0	78,4	79,5
TOTAL	39,5	46,4	46,9	48,8	49,1	49,6	48,9	49,5	49,1	49,4	45,1

Fonte: SIM/SVS/MS

O número de Mortes por Agressão desde 2001, o início do século, ultrapassaram 4000 casos de acordo com dados da Secretaria de Defesa Social da Cidade. como também, anualmente beiram os 100, os casos de vítimas por crime violento letal e intencional em Recife. As políticas públicas de segurança têm mostrados números de efetivos de policiamento e decréscimos em índices de violência; no entanto, esses fatos reais já incrustados e ainda existentes na população é o que impulsiona a percepção da insegurança.

Em efetivas pesquisas¹⁹ realizadas a cerca da relação entre o uso dos serviços de segurança, medo e violência. Uma conclusão vigente é a de que a utilização e o medo crescem continuamente independente de aumento ou declínio dos níveis de violência, basta só o fator violento existir. É visto que o decréscimo pode existir (um pouco além de 10%), mas as taxas de um acoplado de áreas mantêm uma média (*ver tabela 7*).

TABELA 7 – CRESCIMENTO DAS TAXAS DE HOMICÍDIO POR ÁREA GEOGRÁFICA E PERÍODO. BRASIL, 1997/2007.

ÁREA GEOGRÁFICA	1997	2003	Δ%	2003	2007	Δ%
BRASIL	25,4	28,9	12,1	28,9	25,2	-14,5
CAPITAIS	45,7	46,1	0,8	46,1	36,6	-25,7
REG. METROPOLITANAS	48,8	49,1	0,7	49,1	36,6	-34,3
INTERIOR	13,5	17,9	24,5	17,9	18,5	3,3

Fonte: SIM/SVS/MS

¹⁹ CRUZ, Luciana, 2009 e Botelho Thatiany, 2008, 2009.

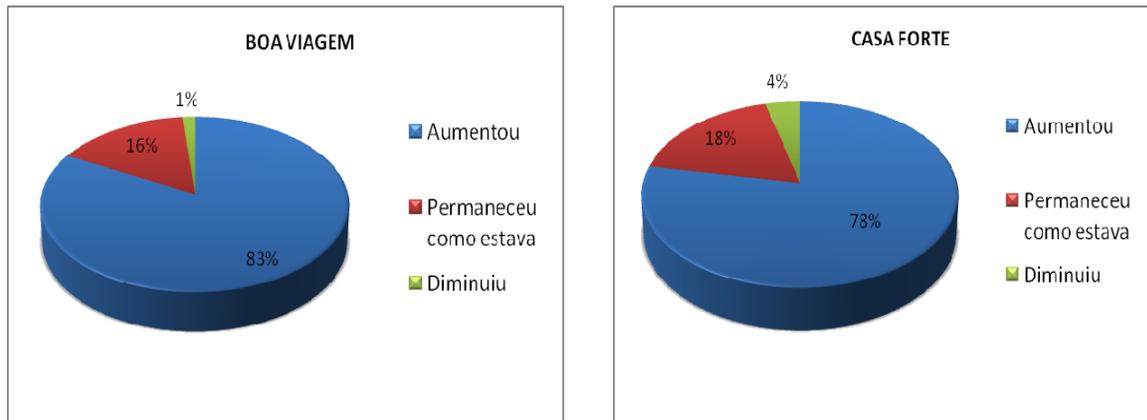
Para a população de Boa Viagem e Casa Forte, a violência aumentou, poucos crêem que ela tenha diminuído, como também para poucos a sensação de insegurança diminuiu por conta de haver mais policiamento nas ruas; Como afirma morador residente em Casa Forte, no núcleo de moradias tipo casas (ver figura 54).

FIGURA 54 – RESIDÊNCIA EM FRENTE À PRAÇA DE CASA FORTE



Como também, comprova o resultado a cerca da percepção temporal da violência (ver gráfico 8).

GRÁFICO 8 - Percepção a cerca da violência na atualidade -2010



FONTE: CRUZ, LUCIANA, 2009

Deve ser levada em consideração a consciência coletiva marcada pela violência e pelo medo, pois o este acarreta nas representações sociais da violência, cuja disseminação é contribuída pelos meios de comunicação de massa, produzindo a dramatização da violência e difundindo a "espetacularização" do crime violento, enquanto um efeito da violência simbólica exercida pelo "campo jornalístico" (SANTOS, José, 2002). "A violência passa a ser consumida num movimento dinâmico em que o consumo participa também do processo de sua produção, ainda que como representação". (GROSSI PORTO, 1999)

Se a imprensa não notícia todos os casos violentos, serve como exemplo os homicídios, e se exhibe a dramatização dos fatos ocorridos, assim, observa-se que há a seleção dos atos violentos para a exibição o que irá contribuir para a disseminação dos atos ocorridos e difusão de mais violência, pois esta seleção ataca a mentalidade coletiva de uma sociedade.

O resultante constante dessa percepção de insegurança coletiva é a *reclusão*, e para tal é utilizado de aparatos e concepções do mundo global contemporâneo; como decorrências têm-se as 'prisões residenciais' e os enclausuramentos sociais: é o 'simples fato de se autosegregar, assim gerando também *exclusão*.

Como ícones de reclusão na cidade encontram-se as áreas com moradores de renda alta próximos a áreas de moradores de renda baixa, ou seja, de bairros considerados nobres. E a reclusão do setor de serviços,

através de oferecimento de serviços de alimentação, lazer, transporte, educação cada vez mais seletivo e restrito.

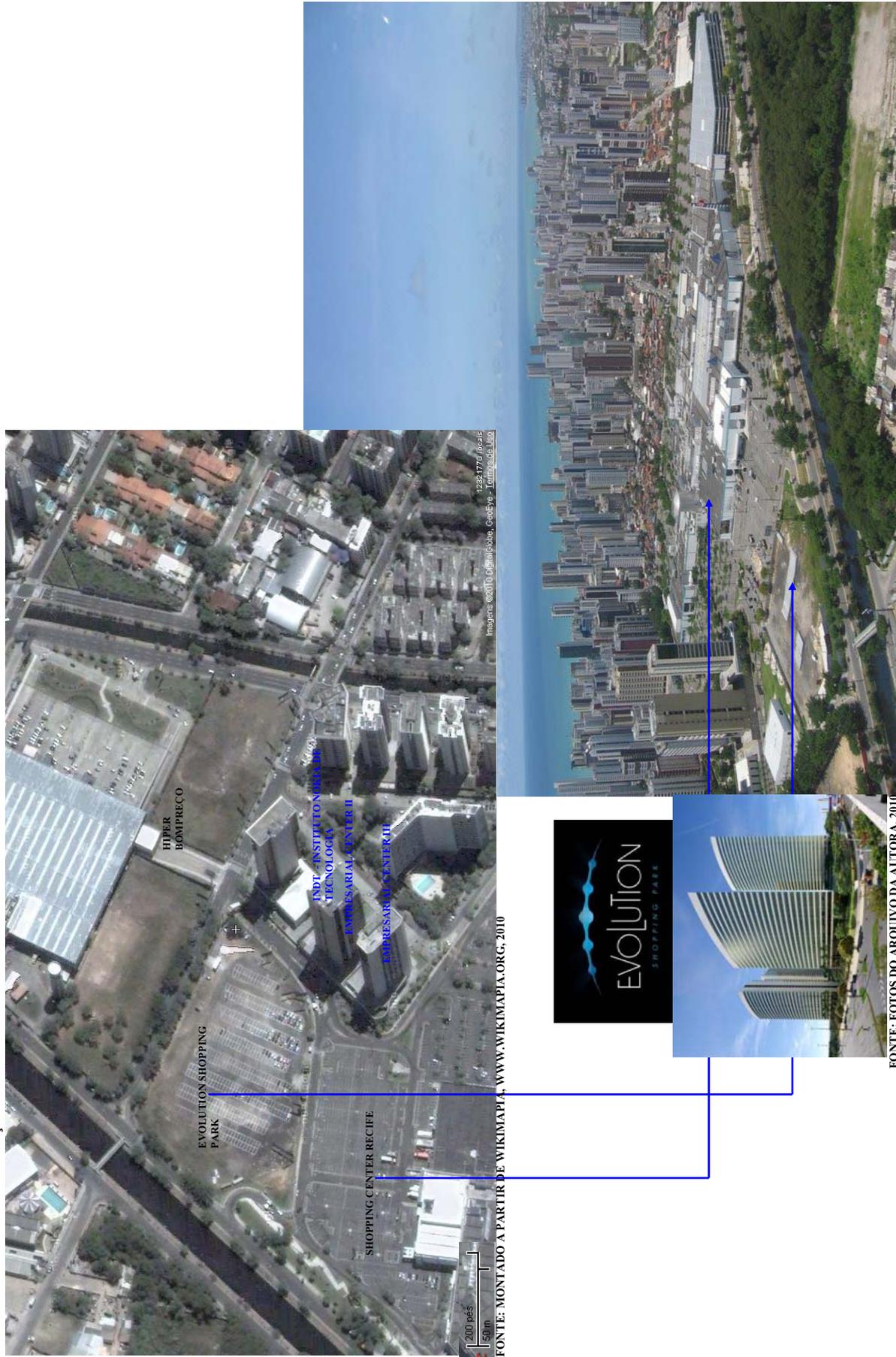
O fato dos condomínios e espaços públicos de lazer fechados, restritos, particulares são cada vez mais freqüentes na cidade do Recife, como é demonstrado por Boa Viagem, Casa Forte, como também o crescente uso de serviços de segurança em imóveis comerciais e complexos comerciais, como é observado no Centro da Cidade.

A percepção da insegurança está diretamente proporcional a reclusão, por conta disto reflete-se na organização espacial dos Bairros de Boa Viagem e Casa Forte, de forma que são elaborados circuitos de segurança para prédios já estruturados e estruturação de prédios em condomínios fechados, que forneçam a opção de reclusão com o mínimo de deslocamento possível (*ver figura 55*). Os ícones de reclusão são altamente excludentes, criando limites concretos à segregação social e alimentando a criação do capitalismo de espaço e sociedade contrastantes e seletivos.

O usufruto da reclusão gera uma proporção inversa com a percepção de insegurança, pois com o aumento da primeira variável a segunda diminui, ou só se configura no externo: naquele espaço que se é afastado, que está logicamente fora do espaço de reclusão.

A população, inserida no sistema do imaginário do medo pós- moderno e suas interações com a violência real e pobreza (*como mostra o esquema 4, p. 60*), cria seus ambientes perigosos e maléficos, como também os sadios e seguros (*ver figura 56*).

FIGURA 55 – ESTRUTURAÇÃO DE NOVOS COMPLEXOS RESIDENCIAIS



FONTE: MONTADO A PARTIR DE WIKIMÁPIA, WWW.WIKIMÁPIA.ORG, 2010

FONTE: FOTOS DO ARQUIVO DA AUTORA, 2010

FIGURA 56 – OS ANSEIOS POR ESPAÇOS SADIOS E SEGUROS’ –
CONSTRUÇÃO DO PRIMEIRO RESORT DE RECIFE.

PRÉ-LANÇAMENTO

O primeiro Residential Resort da cidade, totalmente integrado ao Parque dos Manquezaís.

LE PARC BOA VIAGEM
RESIDENTIAL RESORT

3 e 4 quartos

108, 120, 140 e 170 m² privativos



A demanda gera a oferta, e no sistema econômico que cria a necessidade desta demanda, os desejos de segurança, conforto, são totalmente atendidos, seletivos, mostram os que todos gostariam, para aqueles que podem ter e assim apaziguam com desigualdades extremas para um núcleo da sociedade, os anseios que são de todos; os não seletos ficam nos arredores no mundo em que os de dentro consideram maléfico e perigoso.

O bairro de Casa Forte representa bem os anseios da sociedade por segurança, bem estar e tranqüilidade, em contrapartida demonstrando a preocupação existente com a insegurança e o espaço público comum a todos. (ver figura 57).

FIGURA 57 – IMAGENS DE APARATOS DE SEGURANÇA EM CASA FORTE





FONTE: AUTORA, 2010

Essas imagens demonstram a preocupação dos moradores em relação à segurança, por conta de sua localização, por estarem próximos a comunidades pobres, como a vila união, e por estarem em uma região visada como nobre e rica, por isso alegam, fazerem uso de cerca elétrica, segurança 24h, câmeras e sensores, se não, não seria possível manterem a residência.

A população consumidora, moradora mais os comerciantes de Recife, alegam ser um centro de cidade e um bairro nobre mais perigoso, mais temido, que um subúrbio, mesmo que seja em uma área pobre; como foi relatado.

Moradora de subúrbio consumidora do Centro de Recife:

“não tenho medo de andar pelo meu bairro (tratando-se de Areias) nem pelas áreas mais pobres dele (Caçote, por exemplo), em algumas áreas pode ser perigoso à noite, ou posso temer tal lugar por conta da escuridão e isolamento, mas não fico paranóica, muito pelo contrário tenho medo de andar pelo centro que atrai assaltantes, roubos e é cheio demais.

Moradora de bairro nobre consumidora:

“nossa em boa viagem é muito perigoso, todos tem que se proteger, se fecharem é difícil pra ir à rua, já em um bairro mais tranquilo longe de ser um centro atrativo de violência você pode andar tranquilamente, falar com os vizinhos, ficar em casa tranquilo, lógico que ninguém esta livre da violência hoje em dia, mas é menos temido que em locais como o Centro do Recife ou o Bairro de Boa Viagem.”

Comerciante do centro:

“Aqui no centro procuro-me sentir segura com meios de segurança. A dona de uma padaria na Dantas Barreto no Bairro de Santo Antônio – a Pan Shop, afirma que os aparatos de segurança (câmeras e cerca elétrica) e o vigilante da rua lhe oferecem segurança e despreocupação, na presença deles pode abrir seu laptop tranquilamente dentro de sua padaria. “ (ver figura 58)

“A Manoel Borba é perigosa, têm assaltos ao meio dia, por precaução não fico na barraca e uso grades e espelhos de grau.” (ver figura 59)

Moradores do centro:

“não me sinto segura em casa morando na Boa vista, mas meu prédio é vigiado por sistema de segurança 24h, câmeras e sensores de movimento” (ver figura 60)

“se não fossem os aparatos de segurança no imóvel e as grades, como ficaríamos seguros aqui em pleno centro comercial da cidade.” (ver figura 61)

FIGURA 58 – LIBERDADE POR CONTA DOS ARTIGOS DE SEGURANÇA



FIGURA 59 – PRECAUÇÃO POR CONTA DO MEDO



FIGURA 60 – SEGURANÇA POR CONTA DE APARATOS DE SEGURANÇA TRADICIONAIS EXCESSIVOS

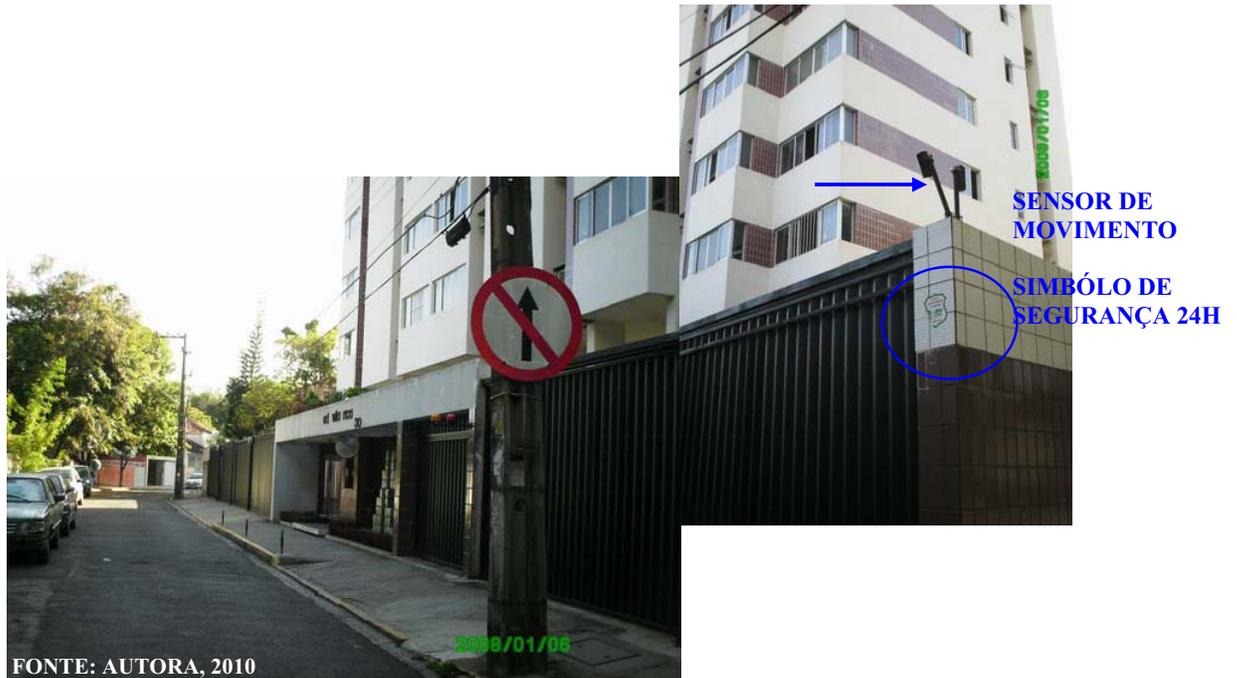


FIGURA58 61 – SEGURANÇA POR CONTA DE MONITORAMENTO POR APARATOS MODERNOS DE SEGURANÇA



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um espaço geográfico há variedades de formas subjetivas, objetivas, concretas diretrizes e seres. Em uma teia de variedades as relações são assimétricas, torna-se utópico pensar em igualdade quando se trata do desencadear social em um espaço.

A natureza cria divergências, mas viabiliza interligações e equilíbrio, a estabilidade do sistema é que favorece um contínuo funcionamento; enquanto que a igualdade é uma condição social-histórica desenvolvida pelo homem, e o homem como ser dinâmico, alimenta as relações assimétricas entre as variedades do espaço.

Observa-se então que se o sistema que é totalizante no mundo não é gerador de equivalência, é pautado na desigualdade, o ser social não será equivalente nem pautado em uma igualdade social, mas a partir desse momento cria a necessidade dessa igualdade. Igualdade essa que seria a noção de estabilidade e equidade da qualidade de vida; ou seja, um equilíbrio entre as relações espaço e sociais.

A cidade vem desde o início a ser desenvolvida, criada, pensada com ar de liberdade, mas essa aspiração ficou escassa, assim como o espaço urbano. As cidades pequenas, médias, grandes, metrópoles, megalópoles, não deixaram de ser o *locus* das realizações, mas passaram a ser ícones da seletividade e promovedoras de um grande desequilíbrio entre as relações sociais espaciais.

No decorrer do tempo despojado a esse estudo, foi constatado que não é uma questão de certo ou errado, justo ou injusto, o produto desigual da sociedade no espaço, mas sim uma questão de sobrevivência em um sistema que produz desigualdade e que gera necessidades humanas de consumo e ao mesmo tempo satisfaz essa necessidade em um ciclo. O ser social age de forma a adequar-se e satisfazer-se no sistema capitalista de um mundo pós-moderno, frente a todos os conflitos existentes.

Assim sendo, em um espaço urbano os ícones de exclusão e reclusão podem levar a uma relação espacial de autosegregação e segregação

induzida refletindo diretamente em espaços de reclusão e exclusão, e 'mutações sociais', no entanto, esse reflexo faz parte de uma cadeia sistêmica e complexa que nos mostra que este foi o ponto de equilíbrio encontrado para se adequar ao desequilíbrio gerado pelo sistema capitalista: se todos os atores sociais (toda a sociedade em classes distintas e grupos existentes) estão convivendo em um espaço e existem seres indesejáveis, atos indesejáveis, acontecimentos trágicos, em suma variáveis que levam a insatisfação do indivíduo, e estes não são coordenados, nem suprimidos pelas diretrizes políticas e judiciais; cabe aos atores sociais arrumarem-se de forma a evitar uma convivência com desiguais indesejados, ou os tornam igualitários a massa, ou os marginalizam de vários grupos.

Por esta questão é gerado o medo pós-moderno e a reclusão. É o complexo constato de que a reclusão leva inexoravelmente a exclusão, e a exclusão leva necessariamente ao ato de se preservar de se enclausurar. O que é acarretado é uma transformação em grande escala na base das necessidades do ser e pra isso é só fazer parte do sistema global.

Segundo MASLOW em sua Teoria das Necessidades Humanas, as necessidades estão arranjadas em uma pirâmide de importância no comportamento humano, em ordem crescente tendo como base as Fisiológicas: alimentação, repouso, abrigo, desejo sexual; seguindo para a de Segurança: estabilidade, proteção contra ameaça ou privação; as Sociais: associação, participação, aceitação, amizade, afeto e amor; as de Estima: autoapreciação, autoconfiança, aprovação social, status, prestígio e consideração. E tendo como topo as de Autorealização: realização do próprio potencial, desejo de autodesenvolvimento contínuo. Nota-se então que na atualidade, não se tem uma seqüência desta pirâmide, por vezes as necessidades Sociais e de estima são afetadas e remediadas com a supervalorização das Fisiológicas e Segurança como forma de obtenção de prazer e satisfação e a Autorealização se torna cada vez mais inalcançada por conta da constante transformação da meta de realização do ser por conta das condições globais.

As necessidades Fisiológicas e de Segurança em desordem e priorizadas em detrimento das outras, geram os distúrbios apresentados na atualidade: busca incessante por proteção, medo constante, busca por

satisfação através de alimentos e excesso de repouso, ou por satisfação sexual; tudo isso acarretando nas doenças sociais globais de abuso sexual, violência, obesidade, carência familiar, desvalorização do sentimento, repulsa social, reclusões e exclusões.

A sociedade e suas diretrizes políticas, econômicas e judiciais devem repassar por uma série de reavaliações, mas como é possível isto dentro de um sistema que viabiliza seus próprios conflitos. Como deixar de investir em uma área atrativa economicamente, com pavimentação, limpeza e estruturas modernas, para investir em habitação e saneamento nas áreas pobres, investimentos em escolas e educadores, como deixar de investir em um pequeno núcleo de inovação tecnológica, para difundir inovação, conhecimento e especializações para uma parcela maior da sociedade.

O grande preço a se pagar por ter uma modernidade visada no mercado é a grande questão a ser resolvida: como associar, agora investimentos, crescimento e qualidade social e econômica, agora que já se está em colapso? Como não colocar em detrimento o meio ambiente e a sociedade? A resposta é complexa igualmente a questão, mas não foi possível fazer os seres acreditarem nos conceitos que levam aos distúrbios sociais mundiais; então talvez seja possível responder a questão revendo os princípios da modernidade, os princípios de valorização da humanidade.

Não é uma simples questão de ser humanista e pensar o social, mas sim pensar o global de forma equivalente de forma a reduzir e/ou atenuar as relações assimétricas globais.

No estudo Recife é um local que vem refletir o global, foi mostrado e analisado o que ocorre em seu espaço, a forma como se configura a relação do imaginário do medo com a pobreza, no entanto é algo que ocorre sistemicamente no mundo global, sem uma resposta analítica, mas com uma resposta nas interligações do sistema mundi social, político cultural.

É visto que mesmo com base em contradições o imaginário do medo se mantém, pois a violência não aumentou, mas a necessidade de segurança sim, a pobreza não aumentou, mas a aversão e o desleixo aos pobres sim, a criminalização da classe de renda baixa aumenta na medida em que crescem condomínios, na medida em que a violência não criminal cresce e os espaços públicos e a socialização são suprimidos.

Crê-se que o problema deixa de ser estrutural, mas sim de formação do ser social e de cidadania.

A necessidade de segurança dos indivíduos cidadãos reflete uma necessidade de desenvolvimento de um processo civilizador que supere a violência e amplie a cidadania. Os princípios modernos que deviam fazer com que as pessoas se identificassem por suas semelhanças, ocorreu inversamente: as pessoas identificam-se pelo que as distinguem, assim, vem o pós-modernismo com uma crescente sociedade do consumo individualizada e um retrocesso nos valores humanos.

O crescimento da necessidade de segurança é grande dentro do sistema social e econômico vigente, porém questiona-se o porquê dos valores sociais não serem crescentes beneficentemente visando uma comunidade integrada e com qualidade de vida? Pois o que é observado é exatamente o contrario a dispersão dos seres e os déficits nas estruturas sociais auxiliando o que deveria ser publico a torna-se produtos de consumo.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Sergio LAMIN, Cristiane. Medo, violência e insegurança. In: LIMA, R. S. de (org.), *Segurança Pública e violência: o Estado está cumprindo seu papel*, Contexto Ed., São Paulo, 2006.

ADORNO, Sergio. Dossiê Exclusão socioeconômica e violência urbana, *Sociologias*, Porto Alegre, ano 4, nº 8, jul/dez 2002, p. 84-135. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a05.pdf>

ADORNO, Sérgio & CARDIA, Nancy. Núcleo temático: Violência - Nota de apresentação. In: *Revista Ciência e Cultura*. SBPC - Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, São Paulo, Ano 54, n. 1, julho de 2002, p. 20-21

ANT, Clara e KOWARIC, Lúcio, *Violência: reflexos sobre a Banalidade do Cotidiano em São Paulo*. In. *Debates Urbanos 2: Violência e Cidade*, BOSCHI, Renato Raul (org.), Zahar editores, Rio de Janeiro, 1981.

ARAÚJO, Maria do Socorro. *Velhos desafios*, In: *Trabalhos para discussão* Fundação Joaquim Nabuco, 2002.

ARNTZ, William; CHASSE, Bestsy; VICENTE, Mark; *Quem Somos Nós? A Descoberta das Infinitas Possibilidades de Alterar a Realidade Diária*. Trad.: Doralice Lima, Rio de Janeiro: Prestígio Editorial, 2007.

BACELAR, Tânia, *Possibilidades de territórios de inclusão social*. In: III Simpósio Internacional sobre as Geografias da violência e do medo, 2009, Recife, UFPE, 2009.

BAUMAN, Zygmunt, *O Mal-estar da Pós-modernidade*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1998.

_____. Espaço X Tempo, *Modernidade Líquida*. 2001.

_____. *Modernidade e Ambivalência*. RJ. Jorge Zahar Editor. 1999.

_____. *Medo Líquido*. RJ. Jorge Zahar Editor. 2008.

_____. *Confiança e Medo na Cidade*. RJ. Jorge Zahar Editor. 2009.

BAUDRILLARD, *À sombra das maiorias silenciosas*. SP. Editora Brasiliense. 1993.

BARBER, Paul J. LEGGE, David; *Percepção e Informação*, In: HERRIOT, Peter (org.), *Curso Básico de Psicologia, Unidade A4*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

BERTALANFFY, Ludwig Von. *Teoria Geral dos Sistemas*, 3ª ed. Vozes, Petrópolis, 1977.

BITOUN, Jan, Lima, Maria Luiza C de; Souza, Edinilsa Ramos de; Ximenes, Ricardo; Albuquerque, Maria de Fátima PM de; e Barros, Maria Dilma de A. *Evolução de homicídios por área geográfica em Pernambuco entre 1980 e 1998*, Rev. Saúde Pública 2002; 36(4): 462-9

_____. *Representações geográficas da desigualdade intra-urbana, crescimento econômico e violência urbana: uma reflexão a partir do Atlas De Desenvolvimento Humano Do Recife*. Anais do 2º Simpósio Internacional sobre as Geografias da Violência e do Medo. Pelo direito à vida: A Construção de um espaço cidadão, 2008.

BOTELHO, Thatiany. SOUZA, Jonas. SÁ. Alcindo, *Ascensão dos serviços de segurança como reflexo da pós-modernidade- do global ao bairro da Boa Vista*. In: *Por uma Geografia sem cárceres públicos ou privados*. Org.: SÁ, Alcindo, Editora Universitária, UFPE, Recife, 2007.

BOTELHO, Thatiany, *A Ascensão da Segurança: A Cultura da Pós modernidade Refletida na Imagem do Medo no Centro da Cidade do Recife*. Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Geografia – UFPE, 2007.

BOTELHO, Thatiany, *O imaginário do medo pós-moderno e seus reflexos exclusivos em cidades*. Anais do 2º Simpósio Internacional sobre as Geografias da Violência e do Medo. Pelo direito à vida: A Construção de um espaço cidadão, 2008.

CALDEIRAS, Teresa Pires do Rio, *Enclaves fortificados: a nova segregação urbana*, Novos Estudos, CEBRAP, nº 47, 1997.

_____. *A Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. Tradutor: Frank de Oliveira e Henrique Monteiro. Editora: Edusp, Ed. 34. São Paulo, 2000.

CAPRA, Fritjof, 1982, *o Ponto de Mutação*, tradutor: Álvaro Cabral, Editora Cultrix, São Paulo, 1997. P. 41

CASTELLS, Manuel, *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, Vol. 1, A Sociedade em Rede*. 7ª edição – Paz e Terra, São Paulo, 2003.

_____. *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, Vol. 2, O Poder da Identidade*, 3ª edição – Paz e Terra, São Paulo, 2002.

CHEVITARESE, L. (2001): “As ‘Razões’ da Pós-modernidade”. In: *Análogos. Anais da I SAF-PUC*. RJ: Booklink. (ISBN 85-88319-07-1)

COURA, Claudinéia Pereira. *Juventude e Segregação urbana em Belo Horizonte: um estudo de trajetórias e representações sociais no Conjunto Taquaril*, dissertação de mestrado, Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2009.

CRUZ, Luciana, SÁ, Alcindo. *Conversão das residências em prisões: até que ponto a violência modifica o espaço urbano na zona sul do Recife*. In: *Por uma Geografia sem cárceres públicos ou privados*. URV: SÁ, Alcindo, Editora Universitária, UFPE, Recife, 2007.

_____. *A Violência E Os Serviços De Segurança Em Recife: Um Estudo De Caso Nos Bairros De Boa Viagem E Casa Forte*. In: III Simpósio Internacional sobre as Geografias da violência e do medo, 2009, Recife, UFPE, 2009.

CUNHA, Patrícia, *Telejornalismo, medo e coesão social: um estudo sobre representações da violência na mídia*, Anais do Iº Simpósio Internacional sobre as Geografias da Violência e do Medo, Universidade Federal de Pernambuco. 10/2007.

DAY, R. H. *Psicologia da Percepção*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.

DURAND, Gilbert, *O Imaginário*, Rio de Janeiro: Difel, 2004.

EBRAICO, Luís César, *A Nova Conversa*, Rio de Janeiro: Ediour, 2004.

FRANÇA, Carlos, *Psicologia Fenomenológica, Uma das Maneiras de se Fazer*, Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

FERREIRA, J. M. C; NEVES, J; ABREU, P. N; CAETANO, A; *Teoria Geral dos Sistemas e Abordagem Sociotécnica*, In: *Psicologia das Organizações*; McGraw-Hill, Amadora, 1998.

FORGUS, Ronald Henry, *Percepção, o processo básico do desenvolvimento cognitivo*, São Paulo: EPU, 1981.

GOJOP, Caderno 1, *A Criminalidade no Recife: Um Problema de Amplitude Nacional*. Célia Dantas Gentile Rique...[et al.]; colaboração: Antônio Teixeira de Souza Neto... [et al.]. – Recife: Gajop; Bagaço, 2005.

GAREIS, Daniela, *¿Puede Considerarse Al Barrio Matadero Como Un Paisaje Del Miedo Y De La Violencia?* Universidad Nacional de La Pampa - Facultad de Ciencias Humanas. In: *Nas Geografia da Violência, o renacer dos espaços de civilidade?* SÁ, Alcindo (org.)

GERZSON, Vera Regina Serezer, *Uma esperança chamada Europa, Resenha do texto Europa: uma aventura inacabada* de BAUMAN, Zygmunt. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006. 151p. intexto@ufrgs.br

GIDDENS, A. "A vida em uma sociedade pós-industrial". In: BECK, Ulrich, GIDDENS, Anthony & LASH, Scott: *Modernização Reflexiva*. SP. UNESP. 1997.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

GROSSI PORTO, Maria Stela. Entre a política e a religião: caminhos da contribuição weberiana à análise da violência. *Revista Sociologias*. Porto Alegre, PPG-Sociologia do IFCH - UFRGS, Número 1, setembro de 1999, Dossiê "Conflitualidades", p. 14-33.

HARVEY, David, 1989, *Condição Pós-Moderna*, Tradutores: Adail Ubirajara e Maria Stela Gonçalves, 7 edição, Edições Loyola, São Paulo, 1992.

HOLGONSI SOARES GONÇALVES SIQUEIRA Publicado no Jornal "A Razão" em 30.05.2002 PÓS-MODERNIDADE E EXCLUSÃO Artigo escrito com base na entrevista ao Programa Modernidade - São Paulo - 02.02.2002. Entrevistador: Mário Cortella - Entrevistados: Holgonsi Siqueira, Octávio Ianni, Diana Domingues, Mirela (FAAP).

IBGE. *Censos Demográficos*. 1991 e 2000.

LAVINAS, Lena, *Pobreza e Exclusão: traduções regionais de duas categorias da prática*. *Revista Econômica*, V 4, N 1, P. 25-59, 2002.

LINDÓN, Alicia. *La construcción Social de los Paisajes invisibles y del Miedo*. En Nogué, J. (ed.) *La construcción social del paisaje*. Biblioteca Nueva, Madrid. 2007.

LUCHIARI, C. *As insatisfatórias fronteiras entre o Brasil urbano e o Brasil rural*. In: *Cidades*, VOGOT, Carlos (editor), 2002, SBPC/Labjor Brasil. Disponível em <http://www.comciencia.br/reportagens/cidades/cid08.htm>.

MASLOW, Abraham H. *Introdução à Psicologia do Ser*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1968.

MISSE, Michel. *Cinco tese equivocadas sobre a criminalidade urbana no Brasil – uma abordagem crítica, acompanhada de sugestões para uma agenda de pesquisas*. In: PAIXÃO, Antonio Luiz et al. *Violência e participação política no Rio de Janeiro*. IUPERJ: série Estudos, nº 91, Rio de Janeiro, 1995.

MELGAÇO, Lucas de Melo, *Da psicofera do medo à tecnosfera da segurança*, Anais do Iº Simpósio Internacional sobre as Geografias da Violência e do Medo, Universidade Federal de Pernambuco. 10/2007.

MONTEIRO, Valdênia Brito, *A sociedade tornou-se refém da segurança privada*, <http://www.gajop.org.br/>

MORIN, Edgar, *Cultura de massa no século XX. O Espírito do Tempo*. Editora Forense, Rio de Janeiro, 1969.

MOSQUERA, Juan José Mouriño, *O Humano: uma antropologia psicológica*. Livraria Sulina, Porto Alegre, 1975.

NERY, Marcelo Batista, *Gestão urbana: sistemas de informação geográfica e o estudo da criminalidade no município de São Paulo*, Dissertação de Mestrado, INPE, São José dos Campos, 2006.

OLIVEIRA, Isabela Lara, *O Universo em Expansão, intitulado modernidade e pós-modernidade*, dissertação final de mestrado - Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. (1999). Encontra-se no site <http://www.unb.br/fac/ncint/site/parte13.htm>.

SÁ, Alcindo, *O Brasil Encarcerado: das prisões fora dos presídios às prisões internas aos presídios Uma geografia do medo*, Editora Universitária, UFPE, Recife, 2005.

_____. *Por uma Geografia sem cárceres públicos ou privados*. Editora Universitária, UFPE, Recife, 2007.

_____. *Da Geografia ciber do homo economicus aos espaços do homo sacer, como situar a cidadania e o direito à vida?* In: *Pelo direito à vida: A Construção de um espaço cidadão*, Editora Universitária, UFPE, Recife, 2008.

_____. *Aportes conceituais à análise dos fenômenos socioespaciais da violência e do medo*. SÁ, Alcindo José de; CRUZ, Luciana Maria da; BOTELHO, Thatiany Lídia Moura; FARIAS, Paulo Sérgio Cunha. In: *Pelo direito à vida: A Construção de um espaço cidadão*, Editora Universitária, UFPE, Recife, 2008.

SANTOS, Milton, *Espaço e Método*, 4 ed. Editora: Nobel, São Paulo, 1997.

_____. *A Natureza do Espaço: razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1999 (1996).

_____. *Pobreza Urbana*. In: *Coleção de Estudos Urbanos*, HUCITEC/UFPE/CNPU, 1978.

SCHULER, Fernando, *Metamorfoses da Cultura Contemporânea*, Porto Alegre: Sulina, 2006.

SHEARING, Clifford, STENNING, Philip, *Modern private security and its implications*, Universidade de Chicago, 1981.

_____. *Private security: implications for social control*, Toronto, Canadian Scholars, 1992.

SILVA, Armando, *Imaginários Urbanos*, São Paulo: Perspectiva, Bogotá – Colômbia, 2001.

SILVA, Ana Beatriz B. *Mentes com Medo, Da Compreensão à Superação*. São Paulo: Integrare, 2006.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: Velho, Otávio Guilherme. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.

_____. El Pobre. In: *Sobre la individualidad y las formas sociales*. Quilmes: Universidad Nacional de Quilmes, 2002.

_____. La libertad y el o individuo. In: *Sobre la individualidad y las formas sociales*. Quilmes: Universidad Nacional de Quilmes, 2002.

SOUZA, Marcelo José Lopes de, *As respostas do Estado e das Elites à questão Urbana*. In: *Urbanização e Desenvolvimento no Brasil Atual*, Ática, São Paulo, 1996.

_____. *Fobópole, O Medo Generalizado e a Militarização da Questão Urbana*, Rio de Janeiro: Bertrand, 2008.

TUAN, Yi-fu. 1979, *Paisagens do Medo*, tradução Livia de Oliveira, editora: UNESP, São Paulo, 2005. P. 343.

UHLMANN, Günter Wilhelm, *Teoria Geral dos Sistemas Do Atomismo ao Sistemismo (Uma abordagem sintética das principais vertentes contemporâneas desta Proto-Teoria)*, Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e Da Mídia, 2002.

VATTIMO, Gianni. *O fim da modernidade*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VIEIRA, Jorge de Albuquerque *Organização e Sistemas* São Paulo: PUC, 1998.

VITTE, Antonio Carlos (org.). *Contribuições à História e à Epistemologia da Geografia*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

WACQUANT, Loic. *As prisões da miséria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

WASELFISZ, J. *Mapa da Violência: os Jovens do Brasil*. Rio de Janeiro: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Garamond, 2006.

WEBER, Max, *Ciência e Política. Duas vocações*. São Paulo. Cultrix, 1968.

WILBER, *The Marriage of Sense and Soul: integrating science and religion*. New York. Random House. 1998

Sites pesquisados

<http://www.orquestracriancacidade.org.br/occ/?p=116>; 2010

<http://coquevive.wordpress.com/coque/>;

http://www.ocorreiodopovo.com.br/sistema/index.php?option=com_idoblog&task=viewpost&id=196&Itemid=18;

<http://www2.uol.com.br/JC/sites/palafitas/index.html> 2010.

<http://www.diariodepernambuco.com.br/nota.asp?materia=20100507145716&assunto=68&onde=Politica>

www.recife.pe.gov.br

www.cufa.org.br/in.php?id=favelas/pe

WWW.ipeadata.gov.br

WWW.ibge.com.br

ANEXOS

ANEXO 1 – LISTA DE ÁREAS POBRES POR RPA E BAIRROS

RPA E BAIRRO	NOME DA ÁREA
RPA 1 - CENTRO	
Santo Amaro	Ilha de João de Barros / Ilha Stª Terezinha / Sítio do Céu
São José	Ilha do Maruim / Vila do Papel / Vila dos Motorista
Coelhos	Beco do Esparadrapo / Coelhos 1 / Coelhos Santeiro / Coque / Vila Brasil
Ilha de Joana Bezerra	Vila Jesus
RPA 2 - NORTE	
Campina do Barreto	Chão de Estrela / Mercado Velho / Vila do DNOS / Vila Redenção
Campo Grande	Canal do Arruda / Canal Campo Grande / Ilha do Chié / Ilha do Joaneiro
Água Fria	/ Saramandaia / Sítio da Viuva / Vila Capilé / Vila da Prata Alto Belo Horizonte / Alto do Bonito / Alto do Guilhermino / Alto do Pascoal I / Alto do Pascoal II / Alto do Pereirinha / Córrego do Bombeirensense / Córrego da Calma / Córrego do Cotó / Córrego do Deodato / Córrego da Padaria / Córrego Pastor B. de Souza / Córrego São Sebastião / Córrego São José / Fundão de Dentro / Fundão de Fora
Alto Stª Terezinha	Córrego do Tiro III
Bomba do Hemetério	Córrego São Francisco
Cajueiro	Favela do Cajueiro / Pingüim / Vila da Paz / Vila Miguel Arraes
Fundão	Alto do Bejamim, Alto do Céu / Alto do Miramar / Córrego João Carvoeiro
Dois Unidos	Alto do Capitão / Alto Chagas Ferreira / Alto do Rosário Alto do Maracanã I / Alto do Maracanã II / Coronel Pilar / Córrego Chagas Ferreira / Córrego do Curió / Córrego Morcego / Córrego do Morcego / Córrego São José Dois Unidos I / Espinheiro / Jardim Maracanã / Jardim do Comar / Córrego da Camila / Sítio do Rosário I
Linha do Tiro	Alto da Serrinha / Alto do Tiro / Córrego da Jaqueira / Córrego do Sargento / Córrego do Tiro I / Córrego do Tiro II / Córrego do Abdias
Beberibe	Altos dos Coqueiros / Arranca Toco / Campos Novos / Cidade Operária

RPA 3 - NOROESTE

Alto do Madú	Sítio Grande
Casa Amarela	Alto Stª Izabel / Canal do Banorte / Outeiro / Vila Madeira
Casa Forte	Ilhas das Cobras / Lemos Torres
Espinheiro	Campo da Vila
Monteiro	Cabocó / Ilha Temporal / Vila da Esperança / Vila Inaldo Martins de Souza
Parnamirim	Vila Vintem
Poço	Poço da Panela / Vila União
Santana	Vila Santana
Alto José Bonifácio	Alto do Paraguai / Alto da Saudade / Córrego do Euclides / Alto do Brasil / Córrego José Grande / Boqueirão / Alto da Serrinha / Córrego São Domingos Sávio
Alto José do Pinho	Escailabe / Manguba / Morro da Farofa
Morro da Conceição	Alto da Alegria / Córrego do Bartolomeu / Córrego do Ouro
Vasco da Gama	Alto 13 de Maio / Alto Carola / Alto Esperança / Alto Eucalipto / Alto da Favela / Alto Mundo Novo / Alto N.Srª de Fátima / Alto União / Corrego Botijão / Corrego Caroá / Córrego José da Gaita / Jardim Vasco da Gama / Alto das Pedrinhas / Vila Um por Todos / Visgueiro
Brejo de Beberibe	Alto do Refúgio I / Alto do Refugio II / Vila Rica
Córrego do Jenipapo	Alto do Cruzeiro II / Alto Formoso / Alto José Idalino / Alto da Loura / Alto do Pitú / Alto São Sebastião / Alto do Valdemar / Alto do Verâncio / Alto da Verdura / Alto do Reservatório / Córrego da Loura / Córrego do Marreco
Brejo da Guabiraba	Alto do Jeriquiti / Arca de Noé / Asa Branca / Córrego do Frederico / Córrego José Idalino / Córrego Manoel das Meninas / Jardim Primavera / Vila da Amizade / Vila da Boa Vista / Vila Canaã
Guabiraba	Bola na Rede / Estrada dos Macacos I / Estradas dos Macacos II / Sítios dos Macacos / Val Paraiso / Vila Aritana / Vila Gilberto S. Vegas
Macaxeira	Alto do Buriti / Alto do Eucalipto I / Canal da Macaxeira / Corrego do eucalipto II / Sítio Grande
Nova Descoberta	Alto Antônio Félix / Alto da Brasileira / Alto do Cruzeiro Alto da Damolândia / Alto do Caetés / Alto Jardim Progresso / Alto Olho D'água / Alto das Queimadas / Alto Sete de Setembro / Corrego do Arcanjo / Corrego da Áreia / Córrego do Boleiro / Córrego do Eucalipto / Corrego do Imbaúba / Corrego do Inácio / Corrego do Joaquim / Corrego da Josélia / Córrego do Leôncio / Corrego do Passarinho / Corrego Pedro da Cocada / Olho D'água / Nova Descoberta
Passarinho	Alto da Bica / Alto Só Nós Dois / Alto da Telha / Corrego da Bica /

RPA 4 - OESTE

Cordeiro	Chamego / Cabo Prado Honorato / Sítio das Palmeiras / Cuba / Sítio do Forte / Torrões de Fora I / Vila do Forte Vila Genésio / Vila Nova Vida
Ilha do Retiro	Campo Tabaiaras / Favela Caragueijo
Iputinga	Poço Alto / Babalho / Bomba Grande / Caiçara / Canal Cavouco / Escailabe II / Stª Marta / Vila São João / Irã Iraque / Monsenhor Fabrício / Vila São Pedro / Vila União
Madalena	Campo Cacique / Mangueira da Torre / Sítio do Cardoso
Prado	Beco da Pipoca / Sítio do Berardo
Zumbi	Feira Velha do Cordeiro / Zumbi / Santa Rosa
Torre	Beira Rio / Vila Sta. Luzia
Engenho do Meio	Apulso / Vila Redenção
Torrões	Asa Branca / Malvinas / Roda de Fogo / Torrões de Dentro / Torrões de Fora / Vila Asa Branca / Vietnã
Caxangá	Engenho do Poeta I / Engenho do Poeta II / Loteamento Novo Caxangá
Várzea	Ambolê / Barreiras / Brasilt / Campo do Banco / Caxangá III / Caxito / Sítio Wanderlei / Favela da Draga Ilhas das Cobras / Invasão UR 7 / Jardim Caxangá / Vila Arraes - Malvinas

RPA 5 -SUDOESTE

Afogados	Armando Burle / Cabedelo / Estrada dos Remédios I / Estrada dos Remédios II /Rosemblit / Japomim / Largo dos Pescadores / Marron Glacê / São Lucas / Vila Canal / Vila das Crianças / Vila dos Inocentes / Vila dos Inocentes I / Vila São Miguel
Bongi	Vila Beirinha / Novo Prado
Mangueira	Campo do Piolho
Mustardinha	Largo da Mustardinha
San Martín	Boa Idéia / Comunidade Povo de Deus / Jiquiá / Mangueira Rua Beethoven / Santa Mônica / Sítio Benvenuto
Areias	Barro Capuá / Jardim Brasil / Jardim Uchoa / Vila Cardeal e Silva
Caçote	Ana Moura / Chimboré / Linha Nova / Sto. Antônio da B. do Caçote
Estância	Cabeça da Vaca / Félix
Jiquiá	Beirinha / Av. Central / Belém de Maria / Vila Siri / Vila Tamandaré / Vila Yolanda
Coqueiral	Alto Bela Vista
Curado	Brasília Totó / Planetas dos Macacos I / Planetas dos Macacos II / Vila Camponesa
Jardim São Paulo	Azulão / Baixa do Jardim São Paulo / Carligeiro / Inferninho de Jardim São Paulo / Linha do Metrô / Piracicaba / Vila Arraes / Vila Campinas Vila La Roque
Tejipió	Jardim Planalto / Tejipió / Sancho

RPA 6 - SUL

Boa Viagem	Beira Rio / Borborema / Entra Apulso / Favela do Joca Ilha Destino / Padre Giordano / Rio Azul
Brasília Teimosa	Colônia / Pátio da Feira / Vila da Prata / Vila Teimosinho
Ibiribeira	Angelim / Canal do Jordão / Coronel Fabriciano / Coloral Comunidade de Apoio Rui Lopes / Dancing Days / Estrada do Frigorífico Nordeste I / Estrada do Frigorífico Nordeste II / Favela Carneiro Leão Favela Lajes / Ilha de Malvinas / Minha Deusa / Nossa Senhora da Paz / Nova Mauriceia / Porcina / São Sebastião / Siri Mole / Sítio Grande / Tijolos I / Vila Coragem II / Vila da Imbiribeira / Vila SSCI Esperança / Vila N.Srª de Fátima / Aritana / Lagoa do Araça
IPSEP	Vila da Sudene / Vila Maria Lúcia / Vila Aliança / Vila Mauriceia
Pina	Areinha / Vila Teimosa / Bacardi / Bode / * Encanta Moça / Jd. Beira Rio
Ibura	Alto Bela Vista / Carrapateira / Chic-Chic / Cidade Operária Ibura de Baixo / Ilhas das Cobras / Jordão BR 101 / Melanço / Floresta / Ponte Preta / Rio Madeira / Vila do IAA / Água Viva
Jordão	Alto Esperança / Alto Jaqueira / Alto Sudene / Dois Rios / Invasão Rato / Jordão Alto / Jordão Baixo
Cohab	Zumbi do Pacheco / Asa Branca / Chapéu do Papa / Conjunto de Novembro / Direito de Amar / Dois Carneiros / Dois Rios / Monte Verde / Lagoa Encantada / Parque Nacional / Rio Largo Carneiro / UR's 1, 2, 3, 4, 5, 6, 10, 12 / Vila Aeromoça / Vila das Crianças / Vila dos Milagres / Vila 27 de Abril / Vila Esperança do SESI / Vila Tancredo Neves

FONTE: URB-RECIFE, 2000

ANEXO 2 – LISTA DE ZEIS POR RPA E BAIRROS

RPA 1

ZEIS	BAIRRO	POPULAÇÃO	ÁREA (ha)	DENSIDADE (hab/ha)
Coelhos	Coelhos	6.885	25,1	274,3
Coque	Ilha Joana Bezerra	20.000	76,3	262,12
Santo Amaro	Santo Amaro	14.549	37,45	388,49
João de Barros	Santo Amaro	1.182	1,8	656,66
TOTAL		42.616	140,65	302,99

RPA 2

ZEIS	BAIRRO	POPULAÇÃO	ÁREA (ha)	DENSIDADE (hab/ha)
Fundão de Fora	Água Fria / Fundão	10.477	26,97	388,46
Linha do Tiro	Linha do Tiro	24.242	62,40	388,49
Campo Grande	Campo Grande / Arruda / Hipódromo / Campina do Barreto, Peixinhos	12.000	106,50	112,67
Ilha de Joaneiro	Campo Grande	4.000	13,24	302,11
Casa Amarela* (parte)	Água Fria, Alto Sta. Terezinha, Beberibe, Bomba do Hemetério, Fundão, Linha do Tiro	83.119	409,00	203,22
TOTAL		133.838	618,11	216,52

RPA 3

ZEIS	BAIRRO	POPULAÇÃO	ÁREA (ha)	DENSIDADE (hab/ha)
Alto do Mandú / Alto Sta. Izabel	Alto do Mandú / Casa Amarela	26.884	69,2	388,49
Casa Amarela* (parte)	Brejo da Guabiraba, Brejo de Beberibe, Córrego do Jenipapo, Nova Descoberta Vasco da Gama, Alto José Bonifácio, Alto José do Pinho, Mangabeira e Morro da Conceição	117.334	591,7	198,29
Vila Esperança / Cabocó	Monteiro	750	4,06	184,72
Vila Inaldo Martins	Monteiro	320	0,46	695,65
Vila São João	Macaxeira	2.000	4,52	442,47
Poço da Panela	Poço da Panela	611	2,51	243,42
Vila do Vintém	Parnamirim	270	0,32	843,75
Tamarineira	Tamarineira	650	1,57	414,01
Campo do Vila	Espinheiro	1.400	1,34	1.044,77
Apipucos	Apipucos	1.200	6	200,00
Vila Macionila / Mussum	Apipucos	224	1,36	164,7
TOTAL		151.643	683,04	222,01

RPA 4

ZEIS	BAIRRO	POPULAÇÃO	ÁREA (ha)	DENSIDADE (hab/ha)
Engenho do Meio / Vila Redenção	Engenho do Meio	1.400	5,34	262,17
Prado	Prado	3.500	10,13	345,50
Torrões	Torrões	35.936	92,50	388,49
Vietnã	Torrões	2.991	7,70	388,44
Sítio do Cardoso	Madalena	12.000	14,57	823,61
Mangueira da Torre	Madalena	858	8,80	97,50
Sítio do Berardo	Zumbi	7.800	13,50	577,78
Campo do Banco	Várzea	4.400	9,40	638,29
Vila Felicidade	Caxangá	3.000	6,40	468,75
Rosa Selvagem	Várzea	6.200	49,69	124,77
Sítio Wanderley	Várzea	6.000	6,16	974,02
Brasilit	Várzea	*	13,46	*
Vila Arraes	Várzea	1.600	8,05	198,75
Caranguejo / Tabaiães	Ilha do Retiro	2.800	7,36	380,43
Vila União	Iputinga	*	*	*
TOTAL		88.485	253,06	349,66

RPA 5

ZEIS	BAIRRO	POPULAÇÃO	ÁREA (ha)	DENSIDADE (hab/ha)
Afogados	Afogados	4.270	34,00	125,58
Areias	Jardim São Paulo	10.876	28,00	388,42
Barro	Barro/Areias	10.963	28,22	388,48
Caçote	Caçote	12.500	37,10	336,92
Capuá	Areias	3.185	8,20	388,41
Cavaleiro	Coqueiral/Totó/Sancho	21.950	56,50	388,49
Mangueira	Mangueira /San Martin	26.223	67,50	388,48
Mustardinha	Mustardinha/Bongi/Afogados	12.500	51,44	243,00
Novo Prado	Bongi/San Martin	2.292	5,90	388,47
Tejipió	Tejipió/Barro	5.283	13,60	388,45
Rua do Rio / Iraque	Jiquiá/Estância	1.080	18,43	58,60
Beirinha	Areias	1.600	10,70	149,53
Jardim Uchôa	Areias	1.500	8,80	170,45
Planeta dos Macacos	Curado/Jardim São Paulo	7.200	27,63	260,58
Vila do Siri	Jiquiá/Afogados	*	*	*
Jardim São Paulo I (Rua Souza)	Jardim São Paulo	*	2,01	*
Jardim São Paulo II (A Baixa)	Jardim São Paulo	*	2,20	*
TOTAL		121.422	400,23	303,38

RPA 6

ZEIS	BAIRRO	POPULAÇÃO	ÁREA (ha)	DENSIDADE (hab/ha)
Brasília Teimosa	Brasília Teimosa	25.000	72,70	343,87
Pina / Encanta Moça	Pina	26.000	42,31	614,51
Borborema	Boa Viagem	2.150	4,60	467,39
Coronel Fabriciano	Imbiribeira	430	0,80	537,5
EntraPulso	Boa Viagem	5.480	8,33	657,86
Alto da Jaqueira	Ibura / Jordão	*	37,21	*
Ibura / Jordão	Ibura / Jordão	20.000	149,00	134,22
Sítio Grande	Imbiribeira	15.000	66,50	225,56
Aritana	Imbiribeira	1.000	1,00	1.000
Coqueiral	Imbiribeira	*	*	*
Ilha do Destino	Boa Viagem	1.600	7,40	216,21

Ilha de Deus	Imbiribeira	1.275	15,30	83,33
Greve Geral	Ibura	760	1,51	503,31
UR 5 / Três Carneiros	Cohab	*	115,66	*
TOTAL		98.695	522,32	188,95

POPULAÇÃO RESIDENTE EM ZEIS, ÁREA E DENSIDADE

RPA	QUANTIDADE	POPULAÇÃO	ÁREA (há)	DENSIDADE (hab/há)
RPA 1 - CENTRO	4	42.616	140,65	302,99
RPA 2 - NORTE	5	133.838	618,11	216,52
RPA 3 - NOROESTE	11	151.643	683,04	222,01
RPA 4 - OESTE	15	88.485	253,06	349,66
RPA 5 - SUDOESTE	17	121.422	400,23	303,38
RPA 6 - SUL	14	98.695	522,32	188,95
TOTAL	66	636.699	2617,41	243,26

FONTE: URB-Recife - Divisão de Gestão das ZEIS, 2002

ANEXO 3 – LISTA DE FAVELAS EM RECIFE

Nome da Favela	Bairro	Cidade
Airton Sena	Imbiribeira	Recife
Alto 13 de Maio	Nova Descoberta	Recife
Alto 13 de Maio	Vasco da Gama	Recife
Alto 7 de Setembro	Nova Descoberta	Recife
Alto Antônio Felix	Nova Descoberta	Recife
Alto Belo Horizonte	Água Fria	Recife
Alto Chagas Ferreira	Dois Unidos	Recife
Alto Chagas Ferreira 2	Dois Unidos	Recife
Alto da Brasileira	Nova Descoberta	Recife
Alto da Carola	Vasco da Gama	Recife
Alto da Esperança	Bairro da Cohab	Recife
Alto da Esperança	Vasco da Gama	Recife
Alto da Favela	Nova Descoberta	Recife
Alto da Favela	Vasco da Gama	Recife
Alto da Jaqueira	Ibura	Recife
Alto da Loura	Macaxeira	Recife
Alto da Saudade	Casa Amarela	Recife
Alto da Telha	Passarinho	Recife
Alto da União	Vasco da Gama	Recife
Alto da Verdura/Alto do Valdemar	Córrego do Jenipapo	Recife
Alto Damolândia	Nova Descoberta	Recife
Alto das Pedrinhas	Nova Descoberta	Recife
Alto das Queimadas	Casa Amarela	Recife
Alto das Queimadas	Córrego do Jenipapo	Recife

Alto das Queimadas	Nova Descoberta	Recife
Alto do Bejamins	Porto da Madeira	Recife
Alto do Bonito	Água Fria	Recife
Alto do Brasil	Alto St Teresinha	Recife
Alto do Capitão	Dois Unidos	Recife
Alto do Céu	Casa amarela	Recife
Alto do Céu	Iputinga	Recife
Alto do Cruzeiro 2	Macaxeira	Recife
Alto do Cruzeiro 2	Nova Descoberta	Recife
Alto do Deodato	Água Fria	Recife
Alto do Eucalipto	Nova Descoberta	Recife
Alto do Eucalipto	Vasco da Gama	Recife
Alto do Eucalipto 2	Nova Descoberta	Recife
Alto do Formoso	Córrego do Jenipapo	Recife
Alto do Guilermino	Fundão	Recife
Alto do Jiriquiti	Casa Amarela	Recife
Alto do Mandu	Alto do Mandu	Recife
Alto do Maracanã 1	Dois Unidos	Recife
Alto do Maracanã 2	Dois Unidos	Recife
Alto do Paraguai	Casa Amarela	Recife
Alto do Pascoal / Ladeira da Pedra	Água Fria	Recife
Alto do Pascoal / Ladeira da Pedra	Bomba do Hemetério	Recife
Alto do Pereirinha	Água Fria	Recife
Alto do Pitú	Córrego do Jenipapo	Recife
Alto do Refúgio	Casa Amarela	Recife
Alto do Reservatório	Córrego do Jenipapo	Recife

Alto do Reservatório	Macaxeira	Recife
Alto do Reservatório	Nova Descoberta	Recife
Alto do Rosario	Dois Unidos	Recife
Alto do Rosário 1	Passarinho	Recife
Alto do Rosário 2	Dois Unidos	Recife
Alto do Tiro	Linha do Tiro	Recife
Alto do Venâncio	Córrego do Jenipapo	Recife
Alto dos Coqueiros	Casa Amarela	Recife
Alto Dr. Caeté	Nova Descoberta	Recife
Alto e Córrego do Carroceiro	Passarinho	Recife
Alto e Córrego do Curió 2	Dois Unidos	Recife
Alto Erval Novo	Bairro da Cohab	Recife
Alto Jardim Progresso	Nova Descoberta	Recife
Alto Jardim Rosário	Dois Unidos	Recife
Alto Jose Bonifácio	Casa Amarela	Recife
Alto Jose do Pinho	Casa Amarela	Recife
Alto José Idalino	Casa Amarela	Recife
Alto Monsenhor Teobaldo Rocha	Nova Descoberta	Recife
Alto Mundo Novo	Nova Descoberta	Recife
Alto Mundo Novo	Vasco da Gama	Recife
Alto N.S.de Fátima	Vasco da Gama	Recife
Alto Nossa Senhora de Fátima	Casa Amarela	Recife
Alto Olho d'Água	Nova Descoberta	Recife
Alto Santa Isabel	Alto do Mandu	Recife
Alto Santa Luzia	Macaxeira	Recife
Alto Santa Teresinha	Casa Amarela	Recife

Alto Só Nós Dois	Passarinho	Recife
Altos do Eucalipto 2/Jardim Progresso	Macaxeira	Recife
Ambolê	Várzea	Recife
Ana Aurora	Ibura	Recife
Antonio Eduardo Amorim	Imbiribeira	Recife
Apipucos/Laura Gondim	Apipucos	Recife
Apolo Rui Lopes	Imbiribeira	Recife
Arca de Noé	Casa Amarela	Recife
Areias	Jardim São Paulo	Recife
Areinha	Pina	Recife
Aritana	Imbiribeira	Recife
Armando Burle	Mustardinha	Recife
Arranca Toco/Campos Novos	Beberibe	Recife
Asa Branca	Casa Amarela	Recife
Asa Branca	Torrões	Recife
Asa Branca/Gonçalo Leitão	Bairro da Cohab	Recife
Av Sul	Imbiribeira	Recife
Bacardi	Pina	Recife
Barão de soledade	Iputinga	Recife
Barro	Barro	Recife
Beco da Pipoca	Prado	Recife
Beira de Maré	Imbiribeira	Recife
Beira do Rio Jiquiá	Afogados	Recife
Beira Rio	Campo Grande	Recife
Beira Rio	Imbiribeira	Recife
Beira Rio	Torre	Recife

Beira Rio	Pina	Recife
Beira Rio	Torre	Recife
Beira Rio(Antiga Joca)	Boa Viagem	Recife
Beirinha	Areias	Recife
Beirinha	Bongi	Recife
Belém de Maria	San Martin	Recife
Boa Idéia	San Martin	Recife
Bode Encanta Moça	Pina	Recife
Bola na Rede	Guabiraba	Recife
Bomba Grande	Iputinga	Recife
Bomda do Hemetério	Casa Amarela	Recife
Borborema	Boa Viagem	Recife
Brasília do Totó	Curado	Recife
Brasilit	Várzea	Recife
Brejo da Guabiraba	Casa Amarela	Recife
Brejo do Beberibe	Casa Amarela	Recife
Cabedelo	Afogados	Recife
Caetés	Apipucos	Recife
Caiara	Cordeiro	Recife
Caiara	Iputinga	Recife
Campina do Barreto	Campina do Barreto	Recife
Campo de Piolho	Afogados	Recife
Campo do Banco	Várzea	Recife
Campo do Banco	Várzea	Recife
Campo do Universo	Casa Amarela	Recife
Campo do Vila	Espinheiro	Recife

Canal do Banorte/Vila Maria	Casa Amarela	Recife
Cápua	Areias	Recife
Cara e Coroa	Dois Unidos	Recife
Caranguejo/Campo Tabairares	Afogados	Recife
Carligeiro	Jardim São Paulo	Recife
Carneirinho	Prado	Recife
Carrapateiro	Ibura	Recife
Cavaleiro	Tejipió	Recife
Cavaleiro	Coqueiral	Recife
Caxangá	Várzea	Recife
Caxito	Várzea	Recife
Chico Mendes	Caçote	Recife
Chico Mendes 2	Bairro da Cohab	Recife
Coelhos Beco do Esparadrapo	Coelhos	Recife
Coloral	Imbiribeira	Recife
coque	Ilha Joana Bezerra	Recife
Coqueiral	Imbiribeira	Recife
Córrego Chagas Ferreira	Dois Unidos	Recife
Córrego Cidade Operária	Beberibe	Recife
Córrego da Areia	Macaxeira	Recife
Córrego da Areia	Nova Descoberta	Recife
Córrego da calma	Bomba do Hemetério	Recife
Córrego da Fortuna	Guabiraba	Recife
Córrego da Im baúba	Nova Descoberta	Recife
Córrego da Imbaúba	Nova Descoberta	Recife
Córrego da Imbaúba	Vasco da Gama	Recife

Córrego da Jaqueira	Linha do Tiro	Recife
Corrego da Josélia	Nova Descoberta	Recife
Córrego da Josélia	Nova Descoberta	Recife
Córrego da Loura	Casa Amarela	Recife
Córrego da Loura	Córrego do Jenipapo	Recife
Córrego da Padaria	Água Fria	Recife
Córrego da Serrinha	Casa Amarela	Recife
Córrego do Bartolomeu	Casa Amarela	Recife
Córrego do Bartolomeu	Alto José Bonifácio	Recife
Córrego do Boleiro	Nova Descoberta	Recife
Córrego do Boleiro	Nova Descoberta	Recife
Córrego do Bombeiro	Água Fria	Recife
Córrego do Botijão	Vasco da Gama	Recife
Córrego do carú	Vasco da Gama	Recife
Córrego do Coto	Bomba do Hemetério	Recife
Córrego do Curió	Dois Unidos	Recife
Córrego do eucalipto	Nova Descoberta	Recife
Córrego do Euclides	Alto José Bonifácio	Recife
Córrego do início	Nova Descoberta	Recife
Córrego do Jenipapo	Córrego do Jenipapo	Recife
Córrego do Jenipapo	Córrego do Jenipapo	Recife
Córrego do João Carvoeiro	Água Fria	Recife
Córrego do Joaquim	Nova Descoberta	Recife
Córrego do Marreco	Córrego do Jenipapo	Recife
Córrego do Morcego	Dois Unidos	Recife
Córrego do Morcego	Dois Unidos	Recife

Córrego do Sargento	Linha do Tiro	Recife
Córrego do Tiro 1	Linha do Tiro	Recife
Córrego do tiro 1	Alto St Teresinha	Recife
Córrego do Tiro 2	Linha do Tiro	Recife
Córrego do tiro 2	Alto St Teresinha	Recife
Córrego e Alto da Bica	Passarinho	Recife
Córrego Eucalipto	Macaxeira	Recife
Córrego João Francisco	Bomba do Hemetério	Recife
Córrego José da gaita	Vasco da Gama	Recife
Córrego José Grande	Casa Amarela	Recife
Córrego José Grande	Alto St Teresinha	Recife
Córrego José Idalino	Casa Amarela	Recife
Córrego Manoel das Meninas	Casa Amarela	Recife
Córrego Pedro da Cocada	Nova Descoberta	Recife
Córrego São Francisco	Água Fria	Recife
Córrego São José	Dois unidos	Recife
Córrego São Sebastião	Casa amarela	Recife
Córregos do cotó	Água Fria	Recife
Cosme e Damião	Várzea	Recife
Currau das Éguas	Cordeiro	Recife
Dancing Day	Imbiribeira	Recife
Deus nos Acuda	Boa Viagem	Recife
Direito de Amar	Bairro da Cohab	Recife
Dois Rios	Três Carneiros	Recife
Encanta Moça	Pina	Recife
Engenho Poeta	Várzea	Recife

Entra Apulso	Boa Viagem	Recife
Ernesto Cavalcanti	San Martin	Recife
Escalyb	Casa Amarela	Recife
Escorregou Ta Dentro	Afogados	Recife
Espineirão	Rosarinho	Recife
Espolio do Estevinho	Ilha Joana Bezerra	Recife
Est. Velha do Frigorífico	Imbiribeira	Recife
Est.Velha do Frigorífico do e 2	Imbiribeira	Recife
Estância II	Estância	Recife
Estrada do Paiol	Imbiribeira	Recife
Estrada dos Macacos 2	Guabiraba	Recife
Estrada dos Remédios/Rosembliit	Mustardinha	Recife
Estrada dos Remédios/Rosembliit 1	Mustardinha	Recife
Estrada dos Remédios/Rosembliit 2	Mustardinha	Recife
Estrada Velha do Forte/Chamego	Cordeiro	Recife
Favela Canal Musurepi	Jardim São Paulo	Recife
Favela do Cajueiro	Cajueiro	Recife
Fazenda Nova/Teófilo Twortz	Mustardinha	Recife
Fazenda Nova/Teófilo Twortz	Prado	Recife
Feira Velha do Cordeiro	Zumbi	Recife
Formigueiro	Várzea	Recife
Frei Cassimiro	Santo Amaro	Recife
Frei Damião	San Martin	Recife
Fundão de Fora	Fundão	Recife
Ibura	Ibura	Recife
Ilha das Cobras/Canal Lemos Torres	Parnamirim	Recife

Ilha de Deus	Pina	Recife
Ilha de Joaneiro	Campo Grande	Recife
Ilha de St Terezinha	Santo Amaro	Recife
Ilha do Chié	Campo Grande	Recife
Ilha do Destino	Boa Viagem	Recife
Inferninho de Jardim São Paulo	Jardim São Paulo	Recife
Inv.Cel Fabriciano	Imbiribeira	Recife
Invasão da Comar	Dois Unidos	Recife
Invasão da Creche Tio Zé	Bairro da Cohab	Recife
Invasão da Ponte	Pina	Recife
Invasão do Rato	Jordão	Recife
Iraque	Caçote	Recife
Iraque	Jequiá	Recife
Itapitanga	Iputinga	Recife
Japomim	Afogados	Recife
Jardim Primavera	Casa Amarela	Recife
Jardim Progresso	Nova Descoberta	Recife
Jardim São Paulo II	Jardim São Paulo	Recife
Jardim Uchôa	Areias	Recife
Jardim Vasco da Gama	Vasco da Gama	Recife
João de Barros	Santo Amaro	Recife
João Leite	San Martin	Recife
Joaquim Bandeira	Imbiribeira	Recife
Joca	Pina	Recife
Joselandia	Afogads	Recife
Lages	Imbiribeira	Recife

Largo da Mustardinha	Mustardinha	Recife
Largo da UR 2	Imbura	Recife
Lauro Sodré	Mangueira	Recife
Leal de Barros	Iputinga	Recife
Linha Nova	Caçote	Recife
Magalhães Almeida	Imbiribeira	Recife
Malvinas	Imbiribeira	Recife
Malvinas	Torrões	Recife
Mangabeira	Casa Amarela	Recife
Mangue Seco	Areias	Recife
Mangueira	San Martin	Recife
Manoel Didier	Imbiribeira	Recife
Marcionila/Mussum	Apipucos	Recife
Marron Glacê	Afogados	Recife
Melaço	Ibura	Recife
Morro da Conceição	Morro da Conceição	Recife
Morro da Conceição	Vasco da Gama	Recife
Moxotó	Ibura	Recife
Mustardinha	Mustardinha	Recife
Nova Canaã	Imbiribeira	Recife
Nova Descoberta	Casa Amarela	Recife
Nova Descoberta II	Nova Descoberta	Recife
Nova Floresta	Ibura	Recife
Novo Prado	San Martin	Recife
Olho d'água de Nova Descoberta	Nova Descoberta	Recife
Padre Giodarno	Boa Viagem	Recife

Padre Vilesman	Campo Grande	Recife
Padre Visleman	Ponte de Parada	Recife
Pantanal	Boa Viagem	Recife
Pantanal 2	Boa Viagem	Recife
Pantanal 2	Pina	Recife
Paraíso	Boa Viagem	Recife
Pilar (Favela do Rato	Bairro do Recife	Recife
Piracicaba	Curado	Recife
Planeta dos Macacos	Curado	Recife
Planeta dos Macacos 1	Curado	Recife
Planeta dos Macacos 2	Curado	Recife
Poço da Mangueira	Mangueira	Recife
Poço da Panela	Poço da Panela	Recife
Ponte de Beberibe	Dois Unidos	Recife
Ponte de Parada	Rosarinho	Recife
Ponte Preta	Ibura	Recife
Ponto de Parada/Espinheirão	Tamarineira	Recife
Porcina	Imbiribeira	Recife
Portão de Gelo	Porto da Madeira	Recife
Promorar	Coelhos	Recife
R Jôquei Clube	Prado	Recife
R Jose Holanda	Torre	Recife
R Marques de Queluz	Iputinga	Recife
Rei do Gado	Torrões	Recife
Roda de Fogo	Torrões	Recife
Roque Santeiro	Coelhos	Recife

Rosa Selvagem	Várzea	Recife
Rua Almeida	Imbiribeira	Recife
Rua Beco dos casados	Santo Amaro	Recife
Rua da Merda	Várzea	Recife
Rua Delfim Moreira	Várzea	Recife
Rua Divinolândia	Várzea	Recife
Rua do Bambu	Várzea	Recife
Rua Isaac Burie	Várzea	Recife
Rua Jaratuba	Ipsep	Recife
Rua Jorge de Lima	Imbiribeira	Recife
Rua Santa Quitéria	Várzea	Recife
Rua Torres Homem	Várzea	Recife
Sancho	Curado	Recife
Santa leopoldina	Ibura	Recife
São Sebastião	Imbiribeira	Recife
Scylab	Iputinga	Recife
Serra Pelada	Apipucos	Recife
Sigismundo	San Martin	Recife
Sítio das Mangueiras	Imbiribeira	Recife
Sítio das Palmeiras	Cordeiro	Recife
Sítio das Palmeiras	Torrões	Recife
Sítio do Forte/Correia	Cordeiro	Recife
Sítio do Rosário	Passarinho	Recife
Sítio do Rosário	Dois Unidos	Recife
Sítio do Valentin	Prado	Recife
Sítio dos Macacos/Vila Gilberto	Guabiraba	Recife

Sítio dos Pintos	Guabiraba	Recife
Sítio Grande	Imbiribeira	Recife
Sítio Grande	Alto do Mandu	Recife
Sítio São Braz	Guabiraba	Recife
Sítio Valença	Madalena	Recife
Sítio Wanderley	Várzea	Recife
Sito Grande	Imbiribeira	Recife
Sonho Meu	Imbiribeira	Recife
Subida do Pacheco	Bomba do Hemetério	Recife
Tamarineira	Tamarineira	Recife
Tampoara/Alto Santa Teresinha	Casa Amarela	Recife
Tejipió	Barro	Recife
Tijolos	Imbiribeira	Recife
Torrões de Fora	Cordeiro	Recife
Torrões de Fora	Torrões	Recife
Totó	Curado	Recife
Travessa Ayres Belo	Caçote	Recife
Travessa São Miguel	Afogados	Recife
UR 5	Três Carneiros	Recife
Vasco da Gama	Vasco da Gama	Recife
Vietnã	Torrões	Recife
Vila Abençoada por Deus	Torre	Recife
Vila Aliança	Ipsep	Recife
Vila Aritana	Guabiraba	Recife
Vila Arraes	Várzea	Recife
Vila Brasil	Ilha Joana Bezerra	Recife

Vila da Coragem	Imbiribeira	Recife
Vila da Paz	Porto da Madeira	Recife
Vila da Paz	Torrões	Recife
Vila das Crianças	Mustardinha	Recife
Vila das Crianças	Bairro da Cohab	Recife
Vila das Crianças I	Bairro da Cohab	Recife
Vila das Crianças II	Bairro da Cohab	Recife
Vila do Forte	Cordeiro	Recife
Vila do Iaa	Ibura	Recife
Vila do Papel	Bairro de São José	Recife
Vila do Siri	Afogados	Recife
Vila do Vintém 2	Santana	Recife
Vila dos Inocentes	Afogados	Recife
Vila dos Inocentes 1	Afogados	Recife
Vila dos Milagres	bairro da Cohab	Recife
Vila dos Milagres	Bairro da Cohab	Recife
Vila dos Motoristas	Bairro de São José	Recife
Vila Esperança/Cabocó	Monteiro	Recife
Vila Felicidade	Caxangá	Recife
Vila Genésio	Cordeiro	Recife
Vila Jesus	Ilha Joana Bezerra	Recife
Vila La Roque	Jardim São Paulo	Recife
Vila la Roque	Jardim São Paulo	Recife
Vila Mauricéia	Ipsep	Recife
Vila Miguel Arraes	Areias	Recife
Vila Miguel Arraes/Pinguim	Porto da Madeira	Recife

Vila N.S.de Fatima	Imbiribeira	Recife
Vila Nova Vida	Cordeiro	Recife
Vila Redenção	Engenho do Meio	Recife
Vila Santa Luzia	Cordeiro	Recife
Vila Santa Luzia	Cordeiro e Torre	Recife
Vila Santana	Santana	Recife
Vila São João	Apipucos	Recife
Vila São João	Macaxeira	Recife
Vila São João	Alto do Mandu	Recife
Vila São Miguel	Afogados	Recife
Vila São Pedro	Iputinga	Recife
Vila um por todos	Vasco da Gama	Recife
Vila União	Iputinga	Recife
Vila Valparaíso	Dois Irmãos	Recife
Visgueiro	Nova Descoberta	Recife
Visgueiro	Vasco da Gama	Recife
Waldir Pessoa	Imbiribeira	Recife
Xuxa	Boa Viagem	Recife
Xuxa	Pina	Recife

FONTE: CUFA – CENTRAL ÚNICA DAS FAVELAS, 2002.